MEDIUNIDADE

Edgard Armond

ÍNDICE

DEDICATÓRIA
EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

PRIMEIRA PARTE
CAPÍTULO 1 = DEFININDO CONCEITOS
CAPÍTULO 2 = CONSIDERAÇÕES GERAIS ORTODOXIA
CAPÍTULO 3 = RESUMO HISTÓRICO
CAPÍTULO 4 = EVOLUÇÃO DA MEDIUNIDADE
CAPÍTULO 5 = MEDIUNIDADE DE PROVA SEUS ASPECTOS
CAPÍTULO 6 = CONTROLE DA MEDIUNIDADE
CAPÍTULO 7 = SENSIBILIDADE INDIVIDUAL
CAPÍTULO 8 = DIVISÃO DA MEDIUNIDADE
CAPÍTULO 9 = A LUCIDEZ
CAPÍTULO 10 = O SONO
CAPÍTULO 11 = A INCORPORAÇÃO
CAPÍTULO 12 = EFEITOS FÍSICOS
CAPÍTULO 13 = FENÔMENOS CORRELATOS
CAPÍTULO 14 = A EDUCAÇÃO DOS MÉDIUNS
CAPÍTULO 15 = DOS FRACASSOS E DAS QUEDAS
CAPÍTULO 16 = AMADURECIMENTO MEDIÚNICO
CAPÍTULO 17 = PRÉ-MEDIUNISMO

SEGUNDA PARTE
CAPÍTULO 18 = CONSIDERAÇÕES GERAIS
CAPÍTULO 19 = VERIFICAÇÕES INICIAIS
CAPÍTULO 20 = ADAPTAÇÃO PSIQUICA
CAPÍTULO 21 = O DESENVOLVIMENTO
CAPÍTULO 22 = OPORTUNIDADE DO DESENVOLVIMENTO
CAPÍTULO 23 = SINAIS PRECURSORES
CAPÍTULO 24 = NA INTIMIDADE DO PROCESSO
CAPÍTULO 25 = A DIREÇÃO DOS TRABALHOS
CAPÍTULO 26 = ESTADOS CONSCIENCIAIS
CAPÍTULO 27 = MODALIDADES DE TRABALHOS
CAPÍTULO 28 = A DOUTRINAÇÃO
CAPÍTULO 29 = AS COMUNICAÇÕES
CAPÍTULO 30 = O TRABALHO DOS GUIAS
CAPÍTULO 31 = UMA PRÁTICA A SEGUIR
CAPÍTULO 32 = AUXILIARES INVISÍVEIS
CAPÍTULO 33 = AMBIENTES BONS E MAUS
CAPÍTULO 34 = OUTRAS REGRAS
CAPÍTULO 35 = AUTO-APERFEIÇOAMENTO
CAPÍTULO 36 = FALSOS PROFETAS
CAPÍTULO 37 = CONCLUSÃO

TERCEIRA PARTE
CAPÍTULO 38 = ASPECTOS GERAIS
CAPÍTULO 39 = A MEDIUNIDADE EM AÇÃO

SINOPSE

DEDICATÓRIA

Aos bondosos e dedicados Instrutores do plano espiritual, que me assutiram com suas luzes, inspirando e estimulando a realização deste modesto trabalho que se destina, principalmente, aos milhares de médiuns necessitados de orientação e esclarecimento, dedico esta página, como homenagem humilde.

O AUTOR

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

O campo da mediunidade é complexo e sua descrição não comporta fantasias literárias nem opiniões pessoais de natureza especulativa.

É um conjunto de fatos, que se afirmam por si mesmos e não de teorias, mais ou menos atraentes, que possam ser convertidas em sistemas nos moldes das muitas criações filosóficas que conhecem os fatos naturalmente sujeitos a Leis que podem e devem ser conhecidas por todos, já que a todos interessam, justamente por ser a mediunidade uma herança comum dos seres humanos.

* * *

Ao recolher as apreciações, generosas e construtivas, dos abalisados confrades, do País e Estrangeiro que se dignaram opinar a respeito do livro, conforme apareceu na primeira e segunda edições, a partir de 1947’ constatamos algumas lacunas que nos apressamos a corrigir na edição subseqüente.

A rapidez com que se esgotaram essas edições demonstrou a aceitação que elas tiveram e nesta de agora pouco se acrescenta, a não ser o necessário à atualização dos assuntos — causa que é sempre útil fazer.

Agradecemos o precioso concurso que sempre recebemos de todos os confrades e esperamos que esta modesta obra possa atingir seus objetivos que são: esclarecer doutrinariamente, difundir conhecimentos práticos e tornar-se útil a todos os estudiosos do espiritualismo em geral, independentemente de sectarismos de qualquer natureza.

* * *

Com esta edição julgamos ter atingido um ponto estável, pertinente, não desejando introduzir mais qualquer acrescentamento futuro, salvo ligeiras atualizações, quando indispensáveis.

São Paulo, Outubro, 1956.

O AUTOR

PRIMEIRA PARTE

1
DEFININDO CONCEITOS

Para melhor compreensão do modo por que entendemos e definimos a mediunidade, aqui resumimos os argumentos de alguns capítulos, para dizer:

— à medida que evolui e se moraliza; o indivíduo adquire faculdades psíquicas e aumenta, conseqüentemente, sua percepção espiritual.

A isso denominamos - MEDIUNIDADE NATURAL.

* * *

A muitos, entretanto, ainda que atrasados em sua evolução e moralmente incapazes, são concedidas faculdades psíquicas como graça. Não as conquistaram, mas receberam-nas de empréstimo, por antecipação, numa posse precária que fica dependendo do modo como forem utilizadas, da forma pela qual o indivíduo cumprir a tarefa cujo compromisso assumiu, nos planos espirituais ao recebê-la.

A isso denominamos — MEDIUNIDADE DE PROVA.

* * *

A primeira situação é ideal a atingir por todos os homens no Tempo e a intuição é a sua forma mais avançada e perfeita.

Permite o conhecimento das coisas e o intercâmbio com as entidades espirituais sem necessidade do trabalho mediúnico obrigatório.

A segunda é uma tarefa individualizada, recebida em determinadas condições para utilização imediata, e importa na prática mediúnica como cooperação compulsória.

2
CONSIDERAÇÕES GERAIS ORTODOXIA

Já é tempo de se abandonar a ortodoxia, deixar de parte qualquer propensão a misticismo, para verificar as lacunas que porventura existam no edifício maravilhoso da codificação kardequiana.

Um século já transcorrido, bem se pode agora, sem embargo da admiração e do respeito que nos inspira a majestade da obra realizada pelo grande Missionário, perguntar:

— Está ela completa?

— Há algum detalhe que não tendo sido, naquela época, devidamente explicado, possa sê-lo agora?

— Alguma coisa a rever ou encarar de forma mais avançada?

A primeira resposta é: não há obra completa das realizadas por mão humana; não evolui e toma, dia a dia, aspectos novos; a vida é mudança e seu ritmo se processa no tempo sem limites.

A verdade eterna, revelada em parte por Moisés, Buda, Zoroastro e outros enviados do Cristo planetário, que desceram à Terra em épocas diferentes; exemplificada pelo próprio Mestre quando viveu entre nós e sob aspectos mais perfeitos; desenvolvida enfim, com mais detalhes, pelos autorizados Mensageiros que ditaram a Terceira Revelação ainda em curso sofrerá, ao perpassar dos séculos, com o apuramento espiritual do homem, desdobramentos mais amplos e mais altos.

E às demais a resposta é: sim; há detalhes que convém rever ou encarar, segundo pontos de vista mais atualizados.

Haja vista, por exemplo, a mediunidade.

Encarada, na Codificação, sob quase todos seus aspectos (1)

(1) A codificação não tratou p. ex. dos fenômenos de voz direta.

não foi todavia classificada ou dividida, tendo sido, porém, quanto à sua natureza,

considerada fenômeno orgânico.

Podemos então agora fazer uma revisão e penetrar mais a fundo em certos assuntos sem contudo nos abalançarmos a atentar, de alguma forma, contra as bases fundamentais da doutrina?

Talvez o possamos e crer o contrário seria negar a lei do progresso — que é incessante e irresistível —; seria ir de encontro ao próprio caráter divino da revelação, que é também progressiva e metódica.

E como a Verdade tem que ser conquistada pelo homem, passo a passo, milímetro a milímetro, já que somente lhe é concedida na medida do próprio mérito, devemos tentar agora esse esforço, para conhecer melhor esses detalhes e torná-los mais acessíveis.

É preciso provocar um movimento de opinião nesse rumo e interessar nele todos aqueles que tenham boa vontade e amor a doutrina que, como sabemos, e a única que pode realizar no homem a reforma espiritual exigida pelo Cristo.

E este livro é uma pequena contribuição nesse sentido.

TEORIAS SOBRE MEDIUNIDADE

Há muitas teorias e explicações sobre mediunidade e vamos passar-lhes aqui uma ligeira revista sem contudo nos determos em analisá-las.

1) A da mistificação. Tudo é resultado de arranjos, habilidades mecânicas, truques.

2) A da ilusão. Nada, há de real; há somente ilusionismo. Os realizadores e assistentes de trabalhos espíritas ficam alucinados, sugestionados e por isso vêm, sentem e ouvem coisas que não existem.

3) A demoníaca. Tudo é obra de demônios, porque nenhuma entidade "celeste" pode andar pelo espaço em liberdade, falar com os vivos ou fazer-se passar por almas de mortos. Somente o diabo o pode, por ser rebelde às leis divinas.

4) A dos elementais. Os elementos da natureza, sêres não humanos, como gnomos, silfos, fadas e gênios, formas inconscientes e inferiores da vida, atuam sôbre os homens em certas circunstâncias, produzindo manifestações e fenômenos insólitos.

5) A dos cascões astrais. As almas dos mortos verdadeiramente não influem sobre os homens a não ser em casos muito raros; mas seus cascões astrais, que são envoltórios semi-materializados e destinados à decomposição, após a morte, como sucede também com o corpo físico, atuam sôbre os sensitivos e produzem fenômenos. Esta é a teoria predileta dos teósof os.

6) A da loucura. Os médiuns são indivíduos anormais, loucos mais ou menos pacíficos e tudo o que dizem e fazem é resultado de sua própria perturbação mental.

7) A da emoção. Segundo os swedenborguianos, o mundo espiritual nos rodeia e, sob a ação de uma emoção forte, os sentidos podem adquirir um desenvolvimento anormal que permite ligações com o mundo dos Espíritos.

8) A do automatismo psicológico. Tôda idéia tende a realizar-se e todas as manifestações ditas mediúnicas são simples fenômenos do sub-consciente individual.

9) A da força psíquica. Há indivíduos que possuem uma fôrça especial e definida, magnetismo, fluído nervoso ou o que quer que seja, que produz os fenômenos.

10) A de S. Martinho. Pode-se chegar pela graça dos próprios méritos a estabelecer ligações com a divindade.

11) A do dom. A mediunidade é um dom que será derramado sobre uns e outros segundo a vontade de Deus.

12) A do batismo do Espírito Santo. A mediunidade é uma virtude que baixará sôbre todos aqueles que forem beneficiados pelo Espírito Santo.

13) A do• personalismo. O sub-consciente dos sensitivos tem a tendência de apropriar-se do nome e do caráter de personalidades estranhas, reproduzindo-os em seguida. Esta teoria confunde-se com a do automatismo psicológico.

14) A do animismo, O sensitivo sofre um desdobramento de consciência que se coloca fora do corpo físico, formando um centro de fôrça que produz fenômenos não só psíquicos como também físicos e plásticos. Esta teoria se confunde com a da "fôrça psíquica

15) A teoria espírita — segundo a qual indivíduos denominados médiuns possuem uma aptidão especial para servirem de intermediários entre os mundos físico e espiritual. Esta é a teoria predominante, que hoje em dia domina as atenções, explica a maioria dos fatos e é plenamente confirmada pelas realidades. Não nega que haja fenômenos de psiquismo individual, de animismo como se costuma dizer; êstes são também fenômenos de mediunismo, que reforçam a teoria espírita e em nada lhe afetam a autenticidade científica.

* * *

A lista como se vê, é grande, podendo ainda ser aumentada, e não cabendo aqui analisar, como dissemos, cada uma destas concepções de per si, nos limitamos a apresentar mais para diante nosso ponto de vista e defendê-lo à luz de conhecimentos gerais do campo espiritualista.
No que respeita, porém, a ser a mediunidade um fenômeno orgânico, desde já divergimos, em parte, para dizer que a mediunidade normal, natural, é uma circunstância tôda pessoal que decorre do grau de evolução de cada um de nós. Evoluindo conquista o indivíduo crescente percepção espiritual que lhe vai permitindo cada vez maiores contactos com a criação divina, conquanto possa também, em certos casos, obter tais percepções como dádiva, como graça, conforme veremos mais tarde (2).

(2) Trata-se da forma corrente de mediunidade, a mais generalizada, que denominamos — de prova.

Mas quanto à faculdade em si mesma julgamo-la tôda espiritual, não orgânica, e todos nós a possuimos e a estamos exercendo, nos limites de nossas possibilidades próprias.
Cada Espírito possui sua "tonalidade" própria, como sua "luz" própria, seu "diapasão" próprio de vibrações e por fôrça dêssses valores intrínsecos se manifesta e interfere nos ambientes em que vive, que lhes sejam correspondentes ou, melhor dito, afins. É tudo uma questão de grau que faz com que os fenômenos naturais e a coisas espirituais sejam mais ou menos aparentes, perceptíveis, compreensíveis a uns e outros.
Se as próprias Escrituras dão a mediunidade como uma herança do homem, desde que se edifique no campo da vida moral, compreende-se que a mediunidade natural não é previlégio de alguns, mas patrimônio comum de todos, quando atingidos estiverem degraus mais altos da escada da evolução.

3
RESUMO HISTÓRICO

A faculdade mediúnica, tanto a natural como a de prova, não é fenômeno de nossos dias, destes dias nos quais o Espiritismo encontrou seu clímax mas, sempre existiu, desde quando existe o homem. Sim, porque foi muito por meio dela que os Espíritos diretores puderam interferir na evolução do mundo orientando-o, guiando-o, protegendo-o.
Vindo conviver com os homens ou dando-lhes, pela mediunidade, as inspirações e os ensinamentos necessários, foram sempre êles, esses guias devotados e solícitos, elementos decisivos dessa evolução. E, coisa notável, quanto à mediunidade, a faculdade quase não se modificou desde milênios; manteve quase os mesmos aspectos; pouco variaram os fenômenos e as manifestações, o que prova ser muito lenta a ascensão espiritual do homem neste terreno.
Se é verdade que, antigamente, o assunto não era bem conhecido e muito menos generalizado, nem por isso deixou de ser admitido, estudado e utilizado em benefício individual e coletivo.
Nas épocas em que a humanidade vivia no regime patriarcal, de dás ou de tribos, a mediunidade era atribuída a poucos, que exerciam um verdadeiro reinado espiritual sobre os demais.

Passou depois para os círculos fechados dos colégios sacerdotais, criando castas privilegiadas de inspirados e, por fim, foi se difundindo entre o povo, dando nascimento aos videntes, profetas, adivinhos e pitonisas que passaram, por sua vez, a exercer inegável influência nos meios em que atuavam.

Na Índia como na Pérsia, no Egito, Grécia ou Roma, sempre foi utilizada como fonte de poder e de dominação, e tão preciosa, que originou a circunstância de somente ser concedida por meio de iniciação a poucos indivíduos de determinadas seitas e fraternidades.

E ainda hoje verificamos a existência dessas seitas e fraternidades que prometem a iniciação sob as mais rigorosas condições de mistério e formalismo, se bem que com medíocres resultados, como é natural.

Somente após o advento do Espiritismo as práticas mediúnicas se popularizaram e foram postas ao alcance de todos, sem restrições e sem segredos.

A começar de Homero, o poeta lendário da Grécia antiga, que à mediunidade se referia indiretamente ao narrar os episódios heróicos da vida de Ulisses, podemos ver que muitos outros, como por exemplo Sócrates, que possuia o que chamava de "demônios familiares"; Pitágoras, que era visitado pelos deuses; Apolônio de Tiana, médium extraordinário de vidência e levitação; Simão de Samaria, contemporâneo dos apóstolos, todos exerciam mais ou menos publicamente a mediunidade.

E papel preponderante teve também ela na administração pública e na vida política das nações de então, pois provado está que seus dirigentes (chefes e reis), jamais se aventuravam a qualquer passo importante sem consulta prévia a videntes, astrólogos e oráculos.

E, na própria Roma imperial, apesar de sua visceral amoralidade, os césares não dispensavam essa consulta e submetiam-se de bom grado às inspirações e aos conselhos dos "deuses".

Ora, nós sabemos hoje o papel sobrelevante que os Espíritos do Senhor desempenham no plano da vida material e no fenomenalismo cósmico e compreendemos que eram então chamados demônios, deuses e gênios essas entidades operosas e nem sempre benéficas que agiam, como sempre agem, por de trás de todos os fenômenos naturais e sociais.

É por isso tão positiva e evidente a antigüidade das manifestações espíritas que nos abalançamos a dizer que esta é, justamente, umas das maiores provas de ser a doutrina espírita realidade de todos os tempos, base fundamental de tôdas as religiões, mau grado as restrições que a deturparam (3).

(3) Na China, por exemplo, a 3000 anos antes de Cristo o Espiritismo era praticado: uma prancheta era usada, nas cerimônias mortuárias, para receber as palavras do morto, dirigidas a seus descendentes. O culto dos antepassados é fundamenral na China, Japão e outros países orientais.

E, quanto ao cristianiSmo, valendo-nos de um conceito de Leon Denis — "ele repousa sôbre fatos de aparições e manifestações de mortos e fornece imensas provas da existência do mundo invisível e das almas que o povoam".

A Bíblia, ela mesma, está cheia de semelhantes manifestações, todas obtidas por meio da mediunidade.

No Velho Testamento vemos os profetas, videntes e audientes inspirados, que transmitem ao povo a vontade dos Guias e, de tôdas as formas de mediunidade parece mesmo que a mais generalizada era a vidência.

Samuel no capítulo 9, versículo 9 — assim o demonstra quando diz: "Dantes, quando se ia consultar a Deus dizia-se vamos ao vidente; porque os que hoje se chamam profetas chamavam-se videntes".

É já de rigor citativo a consulta feita por Saul ao Espírito de Samuel, na gruta do Endor.

As pragas que, segundo se narra, por intermédio de Moises, foram lançadas sôbre o Egito; as maravilhas ocorridas com o povo hebreu no deserto, quando conduzido por êsse grande Enviado, a saber; a labareda de fogo que marchava à frente dos retirantes; o maná que os alimentava; as fontes que jorravam recebimento do Decálogo, etc., tudo são

afirmações, do extraordinário poder mediúnico do grande fundador da nação judaica.

Que maior exemplo de fenômeno de incorporação que o revelado por Jeremias — o profeta da paz — quando tomado pelo Espírito, pregava contra a guerra aos exércitos de Nabucodonosor! E que outro maior de vidência no tempo, que o demonstrado pôr João escrevendo o Apocalipse!

E como é notável de se observar que, nos remotos tempoS do Velho Testamento os fenômenos, em si mesmos, em quase nada diferiam, como dissemos, dos atualmente observados por nós!

Basta citar os de transporte: Reis, capítulo 6,versículo 6; os de levitação: Ezequiel, capítulo 3, versículos 14 e 15, e Atos, capítulo 8, versículos 39 e 40; os de escrita direta: Êxodo, capítulo 32, versículos 15 e 16 e capítulo 34, versículo 28.

E tão semelhantes eram as práticas antigas com as atuais que até mesmo a música era empregada para a formação do ambiente. De fato vemos que o profeta EliseU reclamava "um tangedor" (harpista) para profetizar: 2º Reis 3, 15 — e muito vulgar é a citação da passagem em que David acalma e afasta os Espíritos obsessores de Saul, tangendo sua harpa.

E a obscuridade era também, em muitos casos, exigida e Salomão, no ato de consagrar o templo que edificara, declarou significativamente: "O Senhor tem dito que habitaria nas trevas" 2ª epístola aos Coríntios, capítulo 6, versículo 1 (4).

(4) Salmos 67 e 68 — Isaias, capítulo 32, versículos 3, 15 e 44 — Ezequiel, capítulo 11, versículos 19, 36 e 37 — Joel, capítulo 2, versículo 28.

No Novo Testamento, desde antes do Nascimento então, as provas são ainda mais concludentes e notáveis, maximé as de mediunidade curadora, o dom das línguas, as levitações e os fenômenos luminosos.

Maria de Nazaré não viu o Espírito anunciador? Jesus não foi gerado com intervenção do Espírito Santo? E os milagres seus e dos apóstolos?

Voltando a citar Leon Denis, é dêle esta pergunta: os apóstolos de Cristo foram escolhidos por serem sábios ou notáveis ou porque possuiam qualidades mediúnicas ?"

Esses apóstolos, como sabemos, e seus discípulos, durante o tempo de seus trabalhos, atuaram como verdadeiros médiuns, bastando citar São Paulo e São João, um o mais dinâmico e culto, outro o mais místico.

E justamente por exercerem francamente a mediunidade é que sabiam de seus perigos, dos cuidados que sua prática exigia e sôbre isso constantemente chamavam a atenção de seus discípulos (5).

(5) João, capítulo 14, versículos 16, 17 e 26 — Atos, capítulo 1, versículos 2, 3, 5, 8, 9, 10, 11, 16. Capítulo 2, versículos 4, 38 e 39. Capítulo 4, versículo 31. Capítulo 9, versículo 17. Capítulo 10, versículo 44. Capítulo 11, versículo 15. Capítulo 13, versículo 52. Capítulo 19, versículo 6. Capítulo 20, versículo 23 — Romanos, Capítulo 5, versículos 5, 15 e 19 — Coríntios 12.

São Paulo dizia: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas"; e São João ajuntava: "Caríssimos, não creiais em todos os espíritos mas provai que os espíritos são de Deus". Advertiam, assim, contra a ação do espíritos obsessores e mistificadores.

Era tão comum a mediunidade entre os primitivos cristãos que instruções escritas eram enviadas às comunidades das diferentes cidades para regular a sua prática; e essas instruções foram sendo, com o correr do tempo, enfeixadas em livros para melhor conservação.

Hermas, que evangelizou no tempo de São Paulo adquirindo grande e justa autoridade, em seu livro "O Pastor" dizia: — "O espírito que vem da parte de Deus é pacífico e humilde; afasta-se de tôda a malícia e de todo vão desejo dêste mundo e paira acima de todos os homens. Não responde a todos que o interrogam nem às pessoas em particular porque o espírito que vem de Deus não fala ao homem quando o homem quer, mas quando Deus o

permite. Quando, pois, um homem que tem o espírito de Deus, vem à assembléia dos fiéis, desde que se fêz a prece, o espírito toma lugar nesse homem que fala na assembléia como Deus o quer. Reconhece-se ao contrário o espírito terrestre, frívolo, sem sabedoria e sem fôrça, no que se agita, se levanta e toma o primeiro lugar. É importuno, tagarela e não profetiza sem remuneração. Um profeta de Deus não procede assim".

— Estas instruções, dadas há séculos, como se vê, continuam com plena oportunidade ainda hoje, até mesmo no que se refere à ganância de alguns e à vaidade de muitos.

* * *

Essas manifestações de mediunidade pública continuaram a se dar até quando foi possível porque, à medida que o cristianismo foi-se transformando em religião oficial foi perdendo sua espiritualidade e ganhando caráter mundano; e a partir do concilio de Nicéa, em 325, formaram-se duas correntes opostas, uma querendo permanecer no cristianismo primitivo e outra se esforçando por progredir no mundo dos homens. A partir daí a Igreja mais tarde chamada católica-romana, esquecendo, por seus continuadores, três séculos de vida exemplar e repudiando os ensinamentos do Mestre no seu verdadeiro sentido, consorciou-se com as fôrças do mal para obter, como obteve, o domínio do mundo pelo poder temporal.

Essa igreja, tornada então toda poderosa pela oficialização que lhe outorgou Constantino, declarou que a mediunidade era ilegal, herética, obra de magia, obra demoníaca e entrou, em consequência, a mover-lhe sistemática perseguição.

Renegou todos os atos mediúnicos praticados por Jesus e seus discípulos — que os farizeus do Sinédrio, já a seu tempo, taxavam de práticas do demônio—e nisso foi coerente consigo mesma porque, tendo criado o seu sistema fechado de dogmas obscurantistas e privilégios sacerdotais, verificou que o exercício público da mediunidade viria derruír, solapar pela base o edifício material que estava laboriosa e ardilosamente construindo para consolidar seu poderio avassalador.

Apesar dos testemunhos e dos protestos apresentados sincera e honestamente por vários de seus próprios luminares, como São Gregório de Nissa, S. Clemente de Alexandria, São Thomaz de Aquino, Santo Agostinho e outros, que admitiam e praticavam o mediunismo, não voltou atrás e durante séculos procurou, como até hoje procura, freiar o pensamento e o espírito de compreensão dos fenômenos mediúnicos, perseverando nos propósitos iniciais.

Criou assim uma época muito extensa de obscurantismo, durante a qual tudo foi empregado para destruir a revelação divina: o ódio, a vingança, a perseguição e a morte pelo ferro; pelo fogo, pelo veneno, pela espada.

A Idade Média foi o período perfeito dessa verdadeira noite espiritual.

Como consequência dessa situação de terror oficializado, os círculos que cultivavam a espiritualidade pura foram se fechando, se restringindo, desaparecendo e a palavra da Verdade somente podia ser transmitida em segrêdo, de bôca para ouvido, em sussurros débeis, numa forma tal que, realmente, nunca mais pôde ser derramada livremente em grande parte do mundo.

Até mesmo nos rituais das igrejas encontrava-se esta oração de recitação obrigatória: "Afugentai, Senhor, todos os espíritos malignos, todos os fantasmas e todos os espíritos que batem".

* * *

Ora, com o evolver das coisas e como era natural, todos aqueles, de espírito não fanatizado e mais liberal, amantes do progresso, não encontrando, nesses cultos assim organizados, nada que lhes satisfizesse a razão e os sentimentos, descambaram para o materialismo e, à obscuridade do fanatismo sucedeu a da descrença.

A ciência estava tomando pé e tentando quebrar os jugos que a escravizaram até então e o mundo precisava mesmo de uma renovação para caminhar em melhores condições.

Surgiram nessa época as filosofias naturalistas, realistas, baseadas na Razão, a cuja frente se puseram os chamados enciclopedistas, que produziram uma verdadeira revolução no pensamento; e solapado então por essas novas concepções teoristicas, o mundo entrou a sofrer abalos profundos que, em breve, degeneraram em tremenda convulsão social precursora, como sempre acontece, de acelerado movimento evolutivo.

Ao terror do fanatismo religioso sucedeu o da vingança popular desenfreada e, no cadinho daquela dura provação, os destinos do mundo entraram de novo a ser fundidos.

E foi então que os Espíritos Diretores tiveram de intervir novamente para orientar o movimento e impedir que as paixões desencadeadas ultrapassassem os limites permitidos, prejudicando o progresso geral ou retardando-o demasiadamente.

Entraram a agir de forma enérgica e positiva lançando em campo os elementos já de antemão preparados e dispostos nos setores mais convenientes.

Isso sucedeu no século findo, bem nos nossos dias e em diferentes lugares ao mesmo tempo mas, notadamente, na América do Norte, onde fenômenos objetivos e por si mesmos impressionantes se revelaram, chamando a atenção do mundo.

É verdade que ao tumulto causado pela explosão das massas
o Positivismo viera trazer uma certa derivação, metodizando o pensamento e orientando o raciocínio no sentido da justiça e da moral, mas, o que os Guias queriam era focalizar o aspecto nitidamente espiritual da vida, sobrelevante do material ou especulativo para os quais, no momento, tôdas as fôrças vivas do homem se inclinavam.

E isso êles o conseguiram eficientemente porque o interesse despertado por essas manifestações do chamado sobrenatural, foi considerável; tôdas as classes intelectuais se movimentaram e a sábios de indiscutível autoridade foi cometida a incumbência de examinar o assunto à luz da ciência contemporânea.

E então, para facilitar êsse exame, os Espíritos Diretores determinaram o aparecimento de médiuns de ampla capacidade, com o que visavam também concorrer para que tais trabalhos resultassem concludentes e categóricos.

Êsses médiuns que eram, realmente, excepcionais, submeteram-se a tôda espécie de controle e os relatórios firmados por comissões científicas da América, Inglaterra, França, Itália e Alemanha, foram acordes em reconhecer que a vida realmente continuava além do túmulo e que era inegável o intercâmbio entre vivos e mortos.

Essa foi a missão de Kardec — o Codificador — e dos notáveis espíritos de Crookes, Ochorowiez, Du Prel, Lombroso, Myers, Steed, Flamarion, Leon Denis, Aksakof, Notzing, seguidos logo de Lodge, Richet, Doyle, Geley, Bozzano e Delane, para citar somente os mais conhecidos.

E assim, com o auxílio dêsses sábios, foi posto freio ao materialismo dominante, dada nova orientação ao pensamento religioso e a verdade é que, até hoje, o impulso dado naquela época vem crescendo de vulto e velocidade produzindo um triplo resultado: a derrota. do materialismo estéril, a destruição do fanatismo religioso medieval e a implantação dos fundamentos da verdadeira espiritualidade.

O mundo desde então evoluiu mais depressa, numa fermentação interior e silenciosa, cujos efeitos sentiremos em tempos muito próximos, no remate dêste fim de século com o advento do terceiro milênio.

Os cientistas e os médiuns foram, inegàvelmente, os artífices materiais dessa grande vitória.

4
EVOLUÇÃO DA MEDIUNIDADE

A sensibilidade evolui com o sêr no terreno moral, que se completa durante a evolução, com a conquista da sabedoria.

À medida que vai adquirindo virtudes no campo do sentimento vai também o espírito, através das vidas sucessivas, aumentando seu cabedal de conhecimentos sôbre a vida, a criação, as fôrças e as leis que as regem.

O conhecimento atual porém é ainda restrito porque estamos, em relação ao Universo, muitos baixos na escala; o homem vai aprendendo mui lentamente, usando da razão e dos sentidos físicos, mas estaca sempre nas fronteiras do mundo hiper-físico porque, para penetrar aí, necessita de elementos de outro campo, nem sempre conciliáveis com o intelecto utilitário e objetivador.

As vidas sucessivas em diferentes planos, com permanência mais ou menos demorada nos planos etéreos, são-lhe de grande auxílio, mormente quando já tenha êle sua consciência espiritual despertada para essa compreensão.

Tôda vez que "morre" encarnando, ou "ressuscita" desencarnando, descendo nas sombras da matéria pesada, ou renascendo nas claridades da luz, o homem sempre realiza provas, adquire conhecimentos novos e progride, porque a vida não pára, é movimento ascensional permanente, no campo da eternidade imóvel.

Para as experiências no terreno material bastam a inteligência e os sentidos físicos mas, para as do campo espiritual, necessita faculdades outras, mais elevadas e diferentes, colocadas acima da Razão e já pertencentes ao mundo hiper-físico.

São as do campo mediúnico.

"Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da natureza material, Deus deu ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Assim, com o telescópio projeta seus olhares nas profundezas dos espaços e com o microscópio descobriu o mundo dos infinitamente pequenos.

Para penetrar o mundo invisível deu-lhe a mediunidade. Sua missão é santa porque sua finalidade é rasgar os horizontes da vida eterna" (6).

(6) Allan Kardec — "O Evangelho Segundo o Espiritismo".

A sensibilidade individual, desenvolvida além dos limites considerados comuns, resulta na faculdade de ver coisas que os outros não vêm, ouvir o que não é normalmente ouvido, sentir de modo anormal e produzir fenômenos considerados absurdos em face dás leis gerais de julgamento e análise. É preciso enfim que o indivíduo seja considerado um desequilibrado, segundo o modo de entender dos leigos e dos pretensos sábios.

Nos homens primitivos, que viviam ainda muito pelo instinto, a sensibilidade não ia além da epiderme e agia somente nos limites do ambiente próprio, para a mantença da vida: calor, frio, fome, terror, sexo...

Depois passou o homem a compreender a natureza externa, naquilo em que ela influía diretamente na vida pessoal do sêr.

Em seguida avançou um pouco e descobriu as relações existentes entre as coisas e os sêres vivos e consequentes reações.

Sentiu o vento e não mais se atemorizou; viu a chuva e a abençoou; produziu o fogo e aqueceu-se nêle. Aplicou-se mais e promoveu a ligação entre as greis, as comunidades e as raças, iniciando assim os primeiros passos no terreno da coletivização; sentiu os reflexos e as consequências da vida social e esboçou então os primeiros rudimentos das leis.

Desenvolveu-se ainda e compreendeu a expressão simbólica da Natureza, como demonstração visual do divino poder, esboçando assim seus primeiros gestos nos domínios da arte e da beleza.

De esforço em esfôrço, passo a passo, avançando por milímetros, assim vem sendo até hoje quando, já evoluído a um grau mais avançado, inquietando-se com o sofrimento alheio, organizando a vida social em padrões mais justos e legislando com maior expressão fraternal, vai agora francamente a caminho de um mundo renovado, em bases aproximadoras do ideal evangélico.

E tende a prosseguir

Num grau acima o sensitivo, já como um homem renovado, penetrará nos mundos além-matéria, surpreendendo seus aspectos, movimentos e habitantes e, mais alto ainda, devassará os mundos espirituais completamente vedados aos olhos e à compreensão humana atuais, rematando enfim sua visão superior na contemplação do Cosmo, sentindo sua pulsação, sua beleza, sua grandiosidade e sua admirável unidade eterna.

* * *

O desenvolvimento das faculdades do espírito tende pois à revelação das coisas divinas, em todos os seus aspectos e graus e à exemplificação de suas leis na vida comum.

Hoje os Guias lançam mão de "faculdades de empréstimo" para algumas dessas revelações e para demonstração de fenômenos ainda considerados sobrenaturais mas, futuramente a humanidade, devidamente evoluída, fará o homem instrumento pleno e consciente das realidades espirituais aplicadas à vida coletiva.

São médiuns todos os profetas, instrutores de Verdades e também o são todos aqueles que as vivem, porque é por seu intermédio que tais verdades caminham, tomam corpo e se realizam.

A mediunidade, pois, não é um fenômeno individual, restrito ao homem, privilégio de uns e outros, mas um fato universal, comum a tôda criação divina, no sentido de que as partes dessa criação se manifestam umas às outras e reciprocamente se revelam a síntese divina que representam e a essência universal que nelas se contem.

Assim como os sêres se manifestam uns aos outros, Deus se manifesta aos homens por meio de sua Criação, e disso se conclui que tôdas as coisas e sêres são fenômenos de intermediarismo.

O espírito criado, posto á frente desse simbolismo natural, executa também, penetrando nêle com a sua inteligência, ou pela revelação, um fenômeno mediúnico: o reconhecimento do Criador presente e expresso em sua criação.

A mediunidade é pois um fenômeno natural e se realiza em todos os graus da hierarquia da criação, numa escala que vai do verme aos anjos, tudo e todos reciprocamente se manifestando e dando testemunho de si mesmos. Assim, Jesus Cristo foi, inegàvelmente, o médium de Deus junto aos homens, manifestando, transmitindo e realizando suas vontades divinas.

Para rematar diremos que, como tudo o mais, a mediunidade evolui. Seus aspectos podem ser aparentemente os mesmos, porque neste mundo de matéria pesada as relações com os planos espirituais seguem determinados padrões invariáveis; os processos não mudam muito, porém as faculdades se dilatam e atingem cada vez horizontes e extensões mais amplos.

A mediunidade natural, sendo um sinal de desdobramento ou apuração de sensibilidade, dá ao indivíduo mais amplo conhecimento do mundo material em que vive e ao mesmo tempo lhe proporciona conhecimentos mais ou menos dilatados dos planos de vida situados em outros mundos.

Em qualquer ponto, portanto, do Universo em que esteja o indivíduo, ela se exerce com as mesmas características e consequências sendo, pois, como dissemos, um fenômeno de constatação e aplicação universais.

Quanto maior o grau, o índice dessa sensibilidade tanto maior a intuição e, consequentemente, tanto maior o campo que o indivíduo abrange na percepção dos fenômenos e dos aspectos da vida cósmica.

A natureza é um maravilhoso e amplo campo de manifestações fenomênicas ainda muito pouco penetrado pelo nosso rudimentar conhecimento.

Um exemplo típico dessa mediunidade natural pode ser encontrado na pessoa do médium Pietro Ubaldi, por cujo intermédio recebemos ''A Grande Síntese''.

Ele assim explica como adquiriu suas faculdades, no preâmbulo de "As Três Mensagens":

- "Devo esta comunicação a uma mediunidade, cujo surto se produziu após longa maturação, conseguida a poder de estudos, de renúncia material e de desenvolvimento moral. Observei que o progredir para a perfeição moral representa condição necessária ao desenvolvimento dêste gênero de mediunidade, exclusivamente espiritual".

Ele diz — mediunidade exdusivamente espiritual — para explicar que suas faculdades não são semelhantes àquelas que muitos adeptos da doutrina espírita classificam como fenômeno orgânico, coisa pertencente ao corpo físico, e essa distinção que faz corrobora

nitidamente e plenamente justifica o modo por que encaramos a mediunidade em sentido geral, separando a mediunidade conquista da mediunidade-prova.

E Ubaldi acrescenta:

"Tornei-me médium imprevistamente há 19 anos, quando com-pletei 45. A preparação cultural que me levou a isso foi, até aos 45 anos, uma vida de sofrimentos tremendos, suportados no isolamento e no silêncio, desprezado por todos. A dor é o maior livro da vida, aquele que nos revela a verdadeira ciência, porque através dela se chega a ouvir a voz de Deus.

"Inexperiente nestes assuntos, prossegue êle, de princípio classifiquei êste meu novo estado, de mediunidade. Mas depressa reparei que nunca caía em transe e que não era instrumento passivo e inconsciente. Classifiquei-o então como "mediunidade ativa e consciente", depois "ultrafania" isto é: captação das correntes do pensamento (Nouri) e, por fim, "inspiração". O meu fenômeno não é inato mas sim maturação biológica, como o desenvolver da criança que se torna homem.

"Assim o meu primitivo estado, chamado mediúnico, transformou-se num estado de inspiração que se assemelha ao misticismo dos seres para quem tudo isso é apenas um meio de cumprirem a sua missão para o bem neste mundo".

E acrescenta: "Por certo que esta não é a mediunidade física que despreso, porque o meu alvo é a ascensão moral até ao fim da vida e na mediunidade física em geral não se manifestam os santos, mas sim os espíritos inferiores. A fonte inspirativa e o método de inspiração são a origem das minhas obras".

* * *

Há individuos que vivem aqui na Terra vendo da matéria só-mente os aspectos mais objetivos e grosseiros e não têm percepção alguma de sua transitoriedade. Para êles o mundo material é definitivo e estável e por isso se vinculam fortemente a êle, fazem parte integrante dêle e nada compreendem ou sentem fora ou além dêle.

Para tais indivíduos uma laranja é unicamente uma fruta que se come, e um vaso com lindas rosas nada mais que um simples ornamento.

O sentimento somente os interessa na parte que corresponde às suas próprias paixões ou comodidades e não se preocupam em conhecer-lhe as origens ou causas espirituais.

Mas há outros, já mais evoluidos, para os quais a sensibilidade se estende e amplia, permitindo compreender, sentir e penetrar mais fundo nas coisas que os rodeiam, descobrindo-lhes a beleza, o sentido moral, a significação espiritual.

E outros, ainda mais sensíveis, que devassam esferas além do mundo ambiente, penetram seus detalhes, surpreendem seus aspectos e sentem a presença da divindade em tôda a criação.

Se para uns a sensibilidade se resume em ouvir o zumbido imperceptível de um inseto, para outro vai ao ponto de perceber, como se costuma dizer, a sinfonia das esferas.

Sempre e sempre uma questão de grau na capacidade de percepção íntima, que deriva de maior ou menor adiantamento espiritual.

Por isso as escolas do mundo antigo, em seus cursos iniciáticos, tentavam sempre o despertamento e o desenvolvimento de faculdades psíquicas para que, por meio delas, fôsse adquirido um conhecimento mais exato do universo criado e da própria alma humana, nas suas ligações entre si e com a divindade.

Formavam médiuns, mesmo que tal coisa não pretendessem como nós o entendemos hoje, e sempre e somente com auxílio de faculdades mediúnicas é que conseguiam obter efeitos concretos no campo das realizações práticas.

Para isso submetiam o neófito a um aprendizado custoso e a um regime duro de sacrifícios e renúncias, para purificar o espírito e çlesprendê-lo das coisas do mundo; sabiam que para apurar a sensibilidade~ era necessário abater ou, pelo menos, disciplinar as paixões animais, governadas pelo instinto.

Mas, com o transcorrer do tempo, o sistema clássico das iniciações foi sendo posto de lado, porque os resultados eram sempre precários; raros aqueles que conseguiam atingir os

objetivos visados e, como consequência natural, o conhecimento passou a ser em sua maior parte intelectual e teórico, sem nenhuma realização aproveitavel no terreno prático.

É claro que os que possuem hoje sensibilidade já evoluída colhem o que plantaram em vidas anteriores, recebem o resultado, das experiências que já realizaram, das provas que suportaram, e seu número é restrito. São êsses os que sem a coacção da dor adotam mais depressa e sem discussão ou vacilações os ensinamentos da Terceira Revelação porque já têm, para as verdades que ela prega, mais ou menos acentuada afinidade espiritual.

Mas, como estamos vendo, a grande maioria dos homens, que não tiveram ainda sua atenção despertada para essas verdades, as únicas capazes de reformá-los moralmente, permanece a margem da extensa renovação espiritual que se está processando no planeta.

São ainda fortemente animalizados e para êles a vida se resume na satisfação das. paixões do instinto. A meta, para êles, ainda não está visível. De quase nada lhes valem os esforços, sacrifícios e dedicação dos companheiros encarnados e desencarnados que se inquietam com sua posição de inferioridade evolutiva, porque se fazem surdos, cegos e impermeáveis a todo esfôrço de esclarecimento.

Representam um elemento de estagnação, de parada, de retardamento para a evolução da espécie. O Umbral e as Trevas são ainda suas moradias naturais.

Para êles os açoites da Providência estão sempre vibrando e vibrarão até que sejam atingidos os limites da própria obstinação e, esgotados então todos os recursos da tolerância divina, restará o remédio heróico da rejeição para mundos inferiores onde a vida do Espírito exilado deve ser horrorosamente edificante.

E esse trabalho já está sendo feito.

5
MEDIUNIDADE DE PROVA SEUS ASPECTOS

Já sabemos que a mediunidade é problema complexo no que se refere às suas manifestações e natureza podendo, por isso, ser encarada sob vários pontos de vista.
Quanto à sua razão de ser, todavia, afeta somente dois aspectos que são fundamentais e originalmente opostos, a saber: ou é faculdade própria do espírito, conquista sua, quando já adquiriu possibilidades maiores, quando atingiu graus mais elevados na escala evolutiva, ou é capacidade transitória, de emergência, obtida por graça, com auxílio da qual o Espírito pode apressar sua marcha e redimir-se.

No primeiro caso, o Espírito, já convenientemente evoluído, é senhor de uma sensibilidade apurada que lhe permite vibrar normalmente em planos superiores, sendo a faculdade puramente espiritual.

No segundo caso foi fornecida ao médium uma condição psicosomática especial, não hereditária, que lhe permite servir de instrumento aos Espíritos desencarnados para suas manifestações, bem como demonstrar outras modalidades da vida espiritual.

Conquanto os efeitos sejam, nos dois casos, mais ou menos semelhantes, diferentes são todavia as causas e os valores qualitativos das faculdades.

Como a maioria dos médiuns pertence a esta segunda categoria, vamos em seguida nos deter mais demoradamente em seu estudo.

Em sua trajetória evolutiva o Espírito, como dissemos, se purifica, se aperfeiçoa, aumenta sua sensibilidade e adquire cada vez maiores, mais altas e mais amplas faculdades psíquicas.

Essa é a lei natural.

Porém estamos cansados de ver indivíduos moralmente retardados, de sentimentos imperfeitos, que possuem faculdades mediúnicas das mais diversas naturezas.

Se a posse de faculdades decorre de elevação espiritual, como podem tais indivíduos possuí-las enquanto outros, evidentemente mais adiantados, não as possuem?

Que sucede nestes casos?

Alterações dessa lei geral? Anomalias? Previlégios?

Nada disso. Somente á ocorrência de uma forma de mediunidade — que chamarei, como

já disse, "DE PROVA" — isto é, posse de faculdades não prôpriamente conquistadas pelo possuidor, fruto de sua superioridade espiritual, mas dádiva de Deus, outorga feita a uns e outros em certas circunstâncias e ocasiões para que, no seu gôzo e uso, tenham oportunidade de resgatar dívidas, sair de um ponto morto, de um período de estagnação, de um letargo ruinoso, despertando assim para um novo esfôrço redentor.

Recebendo essa prova da misericórdia de Deus, concedida quase sempre pela intercessão de Espíritos amigos interessados no seu progresso ou a pedido próprio (7),

(7) A reencarnação, para a maioria dos Espíritos inferiores, é padronizada e compulsória, porém para médiuns e Espíritos mais esclarecidos cada caso é estudado e providenciado individualmente, com assistência do interessado.

de duas uma; ou o beneficiado cumpre eficientemente a tarefa retificadora e, neste caso, sobe um degrau na trajetória espiritual, ou fracassa e então sofre as consequências naturais de sua obstinação ou fraqueza.

Em seu livro "Nos Domínios da Mediunidade" André Luiz também confirma integralmente o têrmo "mediunidade de prova proposto por nós desde 1945 quando diz à página 76:

"Ninguém pode avançar livremente para o amanhã sem solver os compromissos de ontem. Por êsses motivos Pedro traz consigo "aflitiva mediunidade de provação".

E mais adeante: "Médiuns repontam em tôda parte, entretanto raros já se desvencilharam do passado sombrio para servir no presente à causa comum da humanidade, sem os enigmas do caminho que lhes é particular".

Essas consequências são tôdas de ordem moral e representam sempre um retardamento na marcha ascencional do Espírito que deverá então tentar de novo e agora em condições mais desfavoráveis e custosas.

A posse dessas faculdades de prova é dada a muitos Espíritos em determinadas épocas, entre outras quando, por exemplo, os Guias do Mundo necessitam promover no seio da humanidade determinados efeitos, movimentos de compreensão mais enérgicos, impeli-la mais decisivamente para novos rumos ou chamar a atenção para determinados aspectos da vida espiritual, necessários à regularidade da marcha evolutiva.

Então legiões de Espíritos recebem essa possibilidade, essa chance e reencarnam na posse de faculdades que por si mesmos não conquistaram, faculdades de empréstimos, se podemos assim dizer, e que devem devolver na forma de bom trabalho realizado e de aproveitamento próprio.

Produz-se assim uma generalização, um derrame de dons mediúnicos que fortemente atuam sôbre os Espíritos endurecidos ou incrédulos, fomentando no meio social coletivo modificações irresistíveis do ponto de vista moral ou religioso.

E êsse acontecimento é plenamente justificável e apropriado porque as massas humanas, desviadas quase sempre das coisas divinas, somente por efeito do chamado sobrenatural se detêm, meditam e se reformam.

* * *

Basta aliás se olhar para a história da vida humana para compreender isso. Tôda vez que é preciso chocar a opinião, interessar os homens nas práticas religiosas, modificar-lhes os sentimentos e impulsioná-los para a espiritualidade, vive-se uma época de milagres. Assim foi, mesmo não recuando muito no tempo, quando se tornou necessário estabelecer na Terra uma religião tipicamente monoteista:

— O homem dos milagres foi Moisés.

Dezesseis séculos depois, quando novo impulso deverá ser dado e plantados mais fundamente os alicerces da verdade eterna, nova época surgiu com o próprio Mestre e seus discípulos. E agora quase vinte séculos depois, para oferecer aos homens maiores detalhes e conhecimentos mais objetivos da vida espiritual superior, repetem-se os mesmos fatos com o Espiritismo, e os "milagres" se desdobram surpreendentemente, com tendência ainda a se tornarem mais generalizados.

E aqui convém relembrar que todos os chamados milagres são fenômenos provocados através de dons mediúnicos.

Por isso, já que são poucos os homens que possuem faculdades próprias, os Guias do Mundo lançam mão dos médiuns de prova, isto é, de faculdades de empréstimo, para promoverem os fenômenos desejados e obterem os resultados necessários; e, no momento que vivemos, o que se visa obter, como sabemos é preparar o maior número possível de Espíritos encarnados para o advento de um mundo renovado que está bem próximo.

Feito o apêlo nas esferas da erraticidade e exposta a situação muitos, de sua própria vontade e outros, como já dissemos, por intercessão de amigos espirituais, obtêm a mercê de cooperação nesse trabalho sagrado e legiões, então, baixam ao planeta dispostas ao esfôrço redentor; e por isso consta que as manifestações, hoje, como nos dias da Codificação, são mais ou menos uniformes e sistemáticas, obedecendo a um plano determinado.

Eis aqui o que, a respeito desta forma de mediunidade, diz o iluminado Espírito, Emanuel (8):

(8) Psicografia de Francisco Cândido Xavier.

"Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários, na acepção comum do têrmo: são almas que fracassaram desastradamente, que contrariaram sobremaneira o curso das leis divinas e que resgatam, sob o pêso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso, O seu pretérito, muitas vêzes se encontra enodoado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre são Espíritos que tombaram dos cumes sociais pelo abuso do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas, que procuram arrebanhar tôdas as felicidades que perderam reorganizando, com sacrifíciõs, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia".

E em outro ponto:

— "Médiuns, ponderai as vossas obrigações sagradas.

Preferi viver na maior das provações a cairdes na estrada larga das tentações que vos atacam, insistentemente, em vossos pontos vulneráveis.

Recordai-vos de que é preciso vencer se não quiserdes soterrar a vossa alma na escuridão dos séculos de dor expiatória.

Aquele que se apresentar no espaço como vencedor de si mesmo é maior que qualquer dos generais terrenos, exímios na estratégia e no tino militares.

O homem que se vence faz o seu corpo espiritual apto a ingressar em outras esferas e, enquanto não colaborardes pela obtenção do organismo etéreo, através das virtudes e do dever cumpridos, não saireis do círculo doloroso das reencarnações".

André Luiz, em Missionários da Luz, 3º Capítulo, transcrevendo as explicações do instrutor Alexandre, sôbre os médiuns, diz o seguinte:

"É verdade que sonham edificar maravilhosos castelos sem base; alcançar imensas descobertas exteriores sem estudarem a si próprios; mas gradativamente, compreenderão que mediunidade elevada ou percepção edificante não constituem atividades mecânicas da personalidade e sim conquistas do espírito, para cuja consecução não se pode prescindir das iniciações dolorosas, dos trabalhos necessários, com a auto-educação sistemática e perseverante".

Com estas duas transcrições fica bem patente o acêrto e a realidade da divisão que fizemos em 1945 da mediunidade em "DE PROVA" e "NATURAL", uma concedida como ferramenta de trabalho comum e outra como conquista do espírito de evolução mais avançada.

VALORES MEDIÚNICOS

O valor mediúnico e sua natureza, residem no grau ou na qualidade da sensibilidade orgânica possuída pelo médium, no tom, vamos dizer assim, em que a harpa humana foi afinada.

A Terra é um mundo inferior e os Espíritos que aqui vêm, forçosamente comparticipam dessa inferioridade, salvo raras exceções.

E os médiuns não se excluem dessa regra geral mas, muito ao contrário, dão-lhe maior evidência.

A mediunidade da maioria, portanto, sendo uma marca de inferioridade, de retardamento, de imperfeição, indica que êsses médiuns possuem tonalidade baixa, vibração lenta, luz vaga e imprecisa, sensibilidade grosseira, somente podendo afinar-se com elementos de igual espécie e condições, isto é, com fôrças e entidades de planos inferiores.

Decorrentemente, o intercâmbio que por êles se estabelece com o invisível é de valor espiritual inferior ou, na melhor das hipóteses, mediocre. Por isso é que os médiuns de alto valor são raros.

Se dividirmos os médiuns em três categorias, correspondentes a três valores qualitativos veremos logo que os da primeira categoria — bons — são raros; os da segunda — médios, são comuns; e os da terceira — maus são maioria.

É claro que não estamos subestimando ou desmerecendo aos médiuns pessoalmente mas, simplesmente, classificando-os segundo seus valores mediúnicos; todos nos merecem o maior respeito e suscitam em nós, pela própria natureza edificante de suas tarefas, os melhores sentimentos de afeto e solidariedade.

Essa condição generalizada de inferioridade espiritual é também a razão por que a mediunidade de prova traz consigo êsse cortejo doloroso de perturbações físicas e psíquicas que lhes transforma a vida muitas vêzes, em longo e sagrado martírio.

É ainda a razão por que a faculdade não é, na maioria dos casos, estável, permanente, segura, mas flutuante, incerta e alternativa, sofrendo altos e baixos, acusando períodos de estagnação ou recrudescimentos mais ou menos prolongados.

E nem podia deixar de ser assim porque esta mediunidade de prova em si mesma, como já vimos, é posse transitória, outorgada ao Espírito culposo por tempo determinado e para determinado fim.

E, como é natural, os próprios protetores individuais dêsses médiuns, possuem qualidades correspondentes, estão mais ou menos em igualdade de condições, muito embora no desempenho de tarefas úteis e na posse, como é lógico, de um certo adiantamento ou superioridade espiritual sôbre aqueles que protegem ou auxiliam; como cooperadores de entidades mais elevadas, que dirigem agrupamentos e serviços mais amplos e importantes, cumprem êles assim também seu dever e obtêm por êsse modo oportunidade de, a seu turno, melhorarem e evoluirem.

6
CONTROLE DA MEDIUNIDADE

Conquanto se possa, dentro de limites razoáveis, exercer contrôle sôbre os médiuns, desde o início do desenvolvimento, orientando-os moralmente, esclarecendo-os sôbre a maneira mais perfeita de exercerem as faculdades que possuam, ou, noutro sentido, impedindo ou reduzindo ao mínimo as possibilidades de mistificação, de quedas e fracassos, já o mesmo não sucede em relação às faculdades em si mesmas, porque seu domínio nos escapa.

Não há processo algum que se possa empregar, de forma sistemática e ao alcance de todos, que realmente inspire confiança e represente segurança para enfrentar os múltiplos e complexos aspectos que a mediunidade constantemente nos apresenta na prática.

Apesar do avanço extraordinário da ciência e porque este avanço ainda não se deslocou do terreno material, o intercâmbio entre os mundos físicos e hiperfísicos continua a depender inteiramente da faculdade mediúnica e, se o Espiritismo, com a Terceira

Revelação, levantou grande parte do velário misterioso que a êsse intercâmbio se opunha, criando um corpo de doutrina perfeito e francamente acessível, nem por isso conseguiu estabelecer condições positivas dêsse contrôle.

Quero dizer que, teôricamente, tudo é compreensível, aceitável, perfeito mas, quanto à prática, quanto à execução, não há ainda elementos seguros e ao alcance de todos que permitam um procedimento comum, sistematizado, "standard".

Nunca se pode saber com exatidão, qual o caminho a seguir, em partindo de um ponto dado, para atingir outro ponto determinado, com segurança e uniformidade. Há sempre imprevistos, retardamentos ou acelerações, desvios ou flutuações de tôda sorte.

Por mais aprofundados que sejam os estudos ou a observação de determinado problema, surge um momento em que êle nos escapa, foge-nos das mãos, sofre interferências, remonta a planos onde não podemos ter acesso.

Se apurarmos o contrôle em tôrno ao médium, muitas vêzes sucede que a solução passa a depender do Espírito ou Espiritos manifestantes e, se tentamos controlar a êstes, fica-nos o problema ainda mais difícil por impossibilidades que decorrem da diferença de planos ou por carência de elementos objetivos de observação.

E isso sempre sucede de maneira a não podermos afirmar nem negar, por falta de dados positivos, do que resulta ficarmos sempre com o nosso julgamento em suspenso.

E aqueles que, por se julgarem mais argutos ou mais ousados, formularem julgamentos radicais terão o desprazer de verificar, mais hoje mais amanhã, que foram precipitados e cometeram erro.

Não estamos, é claro, nos referindo aos fenômenos, às manifestações dos Espíritos, sôbre os quais estamos seguros, podendo mesmo classificá-los segundo seus aspectos, mas sim à mediunidade em si mesma e às suas manifestações através os médiuns.

Não se venha também, do que fica dito, concluir falsamente que o Espiritismo é um terreno movediço, instável, desorientador —o que todos sabem que não é — mas admitir, isto sim e prudentemente que, quanto à mediunidade, nós constatamos sua existência e utilizamo-la sem contudo possuirmos em mãos as rédeas que a dirigem.

7
SENSIBILIDADE INDIVIDUAL

Já falamos da sensibilidade de um modo geral e agora vamos estudá-la mais particularizadamente e de um ponto de vista mais científico.

Existem o mundo físico e o mundo hiperfísico, e as diferenças entre as diversas manifestações de Matéria, Energia e Espírito, resultam de ordens variáveis de vibrações.

No universo tudo vibra e se transforma ora involuindo: Espírito para Energia — Energia para Matéria; ora evoluindo: Matéria para Energia — Energia para Espírito. E nessa perene tansformação os mundos se entrelaçam harmoniosamente, formando um todo uno e indivisível.

Voltando ao físico e ao hiperfísico, quando as vibrações entre os dois mundos se equilibram, se sintonizam, ligações íntimas se estabelecem, em maior ou menor ressonância. E essa sintonia, quando se verifica entre habitantes dêsses mundos, permite, como é natural, intercâmbio entre essas entidades.

Pois, a faculdade de oferecer tal sintonização é que constitui o que chamamos mediunidade. E todos nós possuimos essa faculdade em maior ou menor grau, porque viemos da mesma origem, temos a mesma constituição e caminhamos para o mesmo fim. Todos nós oferecemos essa possibilidade, que tanto mais ampla e perfeita se torna quanto mais alto subimos e disso se conclui, portanto, que a faculdade mediúnica é espiritual e não material.

É verdade que o que se julga é coisa diferente, sendo, para muitos, ponto assente que a mediunidade é fenômeno orgânico. Mas acreditamos que isso seja resultado de haverem encarado o problema somente do ponto de vista objetivo e não sob o transcendente.

André Luiz — que reputamos grande autoridade sôbre realidades da vida espiritual —

afirma o seguinte: — "mediunidade não édisposição da carne transitória e sim expressão do espírito imortal".

Admitindo-se, porém, que a sede dessas faculdades não está situada no corpo físico mas, sim, no corpo etéreo (9),

(9) Corpo etéreo — duplicado físico formado pelas emanações fluídicas dos citoplasmas.

isto é, que não se exercem pelos órgãos dos sentidos físicos mas, sim, pelos órgãos dos sentidos psíquicos, fica-se com o assunto desde logo esclarecido.

Ora, se todos somos médiuns, sensíveis porém em maior ou menor grau a vibrações de outros planos, o primeiro sintoma, vamos dizer assim, dessa faculdade será a sensibilidade individual.

Prosaicamente admitimos que um indivíduo rude, pesado, maciço, sente menos, isto é — é menos sensível ou, melhor, menos sensitivo que outro de constituição mais delicada.

É admissível também que um lutador de box seja menos sensível que um poeta é um pintor, verdadeiramente artista, muito mais influenciável pela beleza das coisas, que um magarefe; um pensador mais que um "gangster"...

Isto não quer dizer, é óbvio, que determinadas profissões afastem a possibilidade mediúnica mas sim — que a faculdade não se manifesta em grau apreciável a não ser em organizações individuais apropriadas.

Também está visto que a faculdade natural não representa um "dom" — como muitos admitem — visto que isso viria constituir privilégio quando, ao contrário, sua posse corresponde a méritos já conquistados, vale por um direito já adquirido, representa um acesso a determinado degrau da escada evolutiva, qualquer que êle seja (10).

(10) Inúmeros são os que julgam ser a mediunidade um dom e o próprio Codificador assim o disse em suas obras, mas compreenda-se que o termo dom está aí empregado como uma outorga de Deus a espíritos em prova e não como um privilégio de alguns em relação a outros o que seria clamante injustiça, tanto mais que a maioria dos médiuns são, como se sabe, espíritos devedores em maior grau que muitos que não são médiuns. Entenda-se dom como tarefa transitória a desempenhar e da qual se prestará contas e não como atributo ou privilégio permanente do espírito. Aliás o próprio Kardec em outro ponto diz que "o que constitue o médium prôpriamente dito é a faculdade que possue" dando claramente a entender que não se trata de atributo pertencente à pessoa, ao espírito, mas simples missão de trabalho a desempenhar.

E, mesmo nos casos em que é outorgada como "prova" — e prova de fogo — aí então, muito menos, ela é um dom, justamente porque é uma prova.

* * *

Mas voltemos à sensibilidade no campo individual para dizer que ela apresénta aspectos diversos que vão desde o clássico "nervoso constitucional" até as formas mais avançadas do transe completo.

Vai-se desenvolvendo aos poucos, silenciosamente e aos poucos aumentando de intensidade, apresentando formas variadas de perturbações físicas e psíquicas até que um sintoma mais positivo surge transformando a sensibilidade — condição estática vegetativa — em mediunidade — estado dinâmico funcional.

É como um feto no ventre, que se está formando, ou como uma semente vegetal que, dia a dia, aumenta de fôrça e se transmuda até o momento em que, em plena eclosão expansiva, rompe as últimas resistências do solo e se transforma em árvore.

E assim cômo não podemos interferir no processo genético animal ou vegetal, tampouco o podemos no da faculdade mediúnica cabendo-nos somente o cuidado de "adubar o solo" e oferecer à planta condições favoráveis de vida e crescimento.

A sensibilidade é pois o prenúncio da mediunidade e todos os indivíduos que a

apresentam devem ir se aproximando do campo da vida espiritual, fornecendo ao seu próprio espírito o alimento sazonado e puro de que êle carece para desenvolver-se, fortificar-se e tornar-se digno do grandioso trabalho que o espera na seara da espiritualidade.

8
DIVISÃO DA MEDIUNIDADE

Segundo o que conseguimos compreender até hoje, e, para maior facilidade do estudo que estamos empreendendo, dividimos a mediunidade da seguinte forma:

— quanto à natureza — em natural e de prova.

— quanto ao fenômeno: em lucidez — incorporação e efeitos físicos.

— quanto ao médium em: consciente — semi-consciente e inconsciente.

Na lucidez incluimos a telepatia, vidência, psicometria, a audição e a intuição.

Na incorporação — que pode ser total ou parcial — incluimos as manifestações orais e escritas, bem como o sonambulismo.

Nos efeitos físicos finalmente, incluimos tôda a extensa e impressionantes séries de fenômenos assim denominados, inclusive as curas.

Esta divisão é puramente pessoal, nada ortodoxa, mas, como dissemos, facilita o estudo sendo, além disso, simples e assente na prática. Vide Sinopse no fim do livro.

9
A LUCIDEZ

Richet definiu lucidez como sendo: — "o conhecimento pelo individuo A de um fenômeno qualquer, não perceptível ou cognoscível pelos sentidos normais, fora de qualquer transmissão mental consciente ou inconsciente."

Com esta definição puramente científica quis o eminente investigador dizer que se trata de uma faculdade espontânea, não ligada aos sentidos físicos e não dependente de efeitos telepáticos,
faculdade do próprio indivíduo, independente de interferências externas e que se manifesta por si mesma. Em uma palavra: a intuição.

Mas como incluimos também a vidência e a audição nos quadros da lucidez, não podemos, em que pese o respeito que nos merece o criador da metapsíquica, aceitar "in-totum" essa definição.

E isso nos obriga, por nossa vez, mesmo sem possuirmos a autoridade científica do insigne mestre, a definir a faculdade, —o que fazemos para nosso uso — da seguinte forma: lucidez é a faculdade mediante a qual os médiuns podem ver, ouvir e conhecer além dos sentidos comuns e dos limites vibratórios da luz e do som, naturais ao mundo físico.

Não vêem nem ouvem, é claro, com os sentidos físicos mas com outros mais elevados, abertos no plano hiperfísico onde êsses sentidos, por outro lado, não se localizam em órgãos, pois sabemos que se ouve e que se vê por todo o perispírito; e não percebem ou aquilatam com a Razão mas por meio de um sentido interno, de grande poder e amplitude, ainda pouco desenvolvido no homem atual.

Isso não se pode materialmente explicar porque está ligado ao conhecimento quadrimensional, que ainda nos escapa neste plano, mas tentaremos esclarecer por partes alguns aspectos mais acessíveis do problema.

É sabido que o ôlho físico, como o ouvido físico, somente alcançam determinados limites de luz e de som e que êsses limites não são iguais para todos, isto é: há pessoas que vêem e ouvem mais que outras.

Não se trata de nada orgânico, constitucional, mas de maior capacidade de percepção, de sensibilidade, de susceptibilidade espiritual.

Vivemos dentro de um verdadeiro mundo de vibrações diferentes, das quais a maioria

de nós somente percebe, ou melhor, responde, a uma pequeníssima parte.

Se se antepuser um prisma de bisulfito de carbono aos raios solares obteremos, sobre uma superfície neutra, uma projeção luminosa de cores diversas e básicas, denominada espectro solar.

Determinadas pessoas fixarão os limites dessa projeção em dado ponto e outras os marcarão em pontos mais amplos; uns verão o violeta atingir pontos mais afastados, outros menos, e igual circunstância ocorrerá com o vermelho. Em suma todos demonstrarão percepção diferente.

Aquele, porém, que determinar limites mais amplos nos dois extremos do campo da projeção, esse terá forçosamente maior poder de visão.

Quanto à audição dá-se o mesmo: produzindo-se um som excessivamente grave ou excessivamente agudo em local onde estejam varias pessoas, algumas o perceberão outras não. Aquele que puder ouvir o som plenamente e conseguir identificá-lo na escala, esse terá maior poder auditivo.

E haverá um ponto ou um momento em que as vibrações dos dois mundos, cada uma na sua espécie, se equilibrarão, se sintonizarão, o mais alto do mundo físico fundindo-se ao mais baixo do mundo hiperfísico.

Ora, o médium de lucidez é aquele que possui a capacidade (visão, audição ou intuição) levada a esse ponto de equilíbrio, de sintonia, que o coloca entre os dois mundos, sendo-lhe ambos acessíveis.

E antes de entrarmos na análise mais detalhada dessa mediunidade de lucidez devemos declarar que na vidência e na audição o médium age tanto em estado consciente, como semi-consciente, como inconsciente.

No que respeita à intuição, finalmente, trataremos do assunto um pouco mais para diante.

TELEPATIA

Faculdade mediante a qual o médium recebe impressões mentais — idéias e pensamentos — provindos de um emissor encarnado ou desencarnado. Estas impressões permanecem no campo da atividade perispiritual. — Vide Encorporação-Forma Consciente.

Também chamada clarividencia,

Usando do mesmo sistema de outros autores, dividimo-la em

Vidência ambiente ou local.

Vidência no espaço.

Vidência no tempo.

VIDÊNCIA

Também chamada clarividencia, é a visão hiperfísica.

Usando do mesmo sistema de simplificação e acompanhando outros autores, dividimo-la em

Vidência ambiente ou local.

Vidência no espaço.

Vidência no tempo.

VIDÊNCIA AMBIENTE OU LOCAL

É aquela que se opera no ambiente em que se encontra o médium, atingindo fatos que ali mesmo se desenrolam e pode ser considerada como sendo a faculdade em seus primeiros estágios.

O médium pode ver Espíritos presentes, cores, luzes, formas. Pode ver também sinais, quadros e símbolos projetados mentalmente pelos instrutores invisíveis, ou qualquer Espírito, no seu campo de visão. (11)

(11) Quase sempre esses quadros e símbolos são formados com auxílio dos fluídos pesados fornecidos pelos médiuns e assistentes.

Quando o fenômeno ganha, com o desenvolvimento, maior nitidez, poderá ler palavras ou frases inteiras, também projetadas, no momento, pelos Espíritos comunicantes.

Nestes casos nem sempre os simbolos, sinais e letras são claros, apropriados ou significativos, sendo mesmo às vezes bem inexpressivos, visto que dependem da capacidade imaginativa, da inteligência ou do poder mental do Espírito comunicante.

VIDÊNCIA NO ESPAÇO

É aquela em que o médium vê cenas, quadros, sinais ou simbolos, em pontos distantes do local do trabalho.

Esta visão é obtida, comumente, por dois modos:

1º) pela formação do tubo astral, que é um processo de polarização de um número de linhas paralelas de átomos astrais, que vão do observador à cena que deve ser vista.

Todos os átomos sobre os quais se age ficam, enquanto dura a operação, com seus eixos rigidamente paralelos uns aos outros, de sorte a formar uma espécie de tubo por onde o vidente olha.

Esta explicação é de Leadbeater e aceitamo-la na íntegra, somente acrescentando que as imagens assim obtidas são de tamanho reduzido, porém perfeitamente nítidas.

Esta maneira porém não é a única, nem mesmo a mais comum, do ponto de vista espírita, pois sucede que, na maioria das vezes, a ligação entre o local da cena distante e aquêle no qual se encontra o médium, é feita pelos próprios instrutores invisíveis que, na matéria astral, estabelecem uma linha de partículas fluídicas formando um fio transmissor de vibrações de extremo a extremo, por meio do qual a vidência então se exerce.

2º) pelo desdobramento, mediante o qual, o Espírito do médium, abandonando momentaneamente seu corpo físico ou melhor dizendo, exteriorizando-se, é levado ao local da cena a observar, então diretamente, sendo que, neste caso, a visão é muito mais nítida e completa.

Quando o médium não tem ainda desenvolvida a capacidade de desdobramento, os próprios instrutores o mergulham em sono sonambúlico e nesse estado o transportam aos lugares desejados; nestes casos o vidente ou narra a cena vista somente após o regresso e o despertar no corpo físico ou a vai narrando durante o próprio sono sonambúlico, à medida que a observa.

VIDÊNCIA NO TEMPO

É aquela em que o vidente vê cenas representando fatos a ocorrer ou já ocorridos em outros tempos.

Opera então em pleno domínio quadrimensional. Ele está no Tempo, que é a sucessão interminável dos eventos. Abrem-se aí para ele as regiões ainda pouco determinadas em que existem os registros da eternidade (akasicos) os quais, desfilando à sua frente dar-lhe-ão como em uma fita cinematográfica, a visão nítida e seqüente de acontecimentos passados e futuros. (12)

(12) Os fatos relacionados com a vida dos indivíduos ou das coletividades gravam-se indelevelmente em registros etéreos e se arquivam em lugares ou repartições apropriadas do Espaço, sob a guarda de entidades responsáveis e em certos casos, podem ser consultados ou revelados a Espíritos interessados na rememoração do passado.

Colocado em um "ângulo de tempo" isto é em "um momento" entre dois ciclos de tempo seu olhar pode abarcar o que já foi e o que ainda vai ser, visto que, segundo Marin, •o futuro não está preparado mas sim realizado constantemente no Tempo; as causas, passadas ou presentes, projetam no futuro seus efeitos, aos quais permanecem ligadas, de

forma que, colocado o vidente fora dessa linha de ligação entre dois pontos, pode abrangê-los de extremo a extremo.

No primeiro caso, como se compreende, de coisas do passado, a visão é rememorativa e no segundo, de coisas do futuro, é profética.

Há ainda a observar que, neste caso de visão no tempo, tanto pode o médium ser transportado em desdobramento à região ou ponto onde se encontram os clichês astrais, como podem ser estes projetados, pelos Espíritos instrutores, no ambiente em que se encontra o médium.

PSICOMETRIA

Esta forma especial de vidência se caracteriza pela circunstância de desenvolver-se no campo mediúnico uma série de visões de coisas passadas desde que seja pôsto em presença do vidente um objeto qualquer ligado àquelas cenas.

Apresentando-se, por exemplo, ao vidente um pedaço de madeira poderá ele ver de onde ela proveio, onde foi a madeira cortada, por quem foi trabalhada, de que construção fez parte e tudo o mais que com ela se relacione.

Segundo se diz, o célebre romance "Últimos dias de Pompéia" de Lord Bulver Litton foi escrito dessa maneira: visitando o escritor as ruínas daquela extinta cidade tomou de um fragmento de tijolo e, usando-o como polarizador, viu desenrolar-se no seu campo de vidência todos os acontecimentos ligados à destruição da cidade.

* * *

Uma forma também muito interessante de lucidez é aquela em que o Espírito do médium, exteriorizado, abandona sua "mente menor" (aquela que usa na vida comum, a que trouxe para as provas da presente encarnação) e penetra na "mente maior", na "mente total", (a que se liga a todos os fatos de sua evolução, a que contém tôdas as reminiscências do seu passado) e, integrado momentâneamente nela, revive determinadas cenas e fatos, ali indelevelmente registrados. Isto, aliás, é o que sucede após cada encarnação, sistemàticamente e de forma natural, quando o Espírito retorna ao Espaço.

Neste caso de que estamos tratando, de reintegração momentânea na mente maior, o processo é nitidamente sonambúlico, não do sonambulismo clássico, em que há sujeição forçada a um hipnotizador encarnado, mas de desdobramento natural, consciente, em que o médium vive de novo os fatos, os vê e os sente e, ao mesmo tempo, os vai descrevendo verbalmente ou por escrito, gozando ou sofrendo novamente tudo aquilo que- já se passou há muito tempo, há milênios talvez.

Normalmente, quando o Espírito encarna, a mente se reduz, para esquecer o passado e recapitular determinadas experiências e, quando desencarna ela se expande, se integra, para relembrar e retomar a posse de si mesma. Extraordinàriamente, nos casos de lucidez mediúnica, a expansão mental é momentânea, restrita.

* * *

Há ainda um aspecto, aliás pouco comum, de vidência, que é de interesse relatar: são as visões coletivas, isto é, cenas observadas ao mesmo tempo por várias pessoas.

Por exemplo: batalhões de soldados que fazem manobras em planícies cheias de habitações, às vêzes em pleno dia, à vista de espectadores maravilhados; caravanas numerosas de homens e animais que atravessam montanhas sumindo-se em desfiladeiros e precipícios, sem deixar vestígios; bandos irregulares de indivíduos conduzindo veículos; rebanhos de animais conduzidos por pastores...

Tais fatos têm se verificado em alguns países, mormente na Escócia, presenciados por muitas pessoas, repetindo-se em datas determinadas e provocando assombro geral.

Não há, realmente, explicação aceitável para tais coisas e aqui as anotamos somente a título de curiosidade.

Realmente não seria crivel que os Espíritos tivessem promovido a materialização em massa de tantos indivíduos e animais, tornando-os francamente visíveis; nem também crivel que por coincidência se agrupassem em determinados dias e horas e no mesmo local tantas pessoas possuidoras de faculdade de vidência; nem ainda que sobre todas essas pessoas tivesse sido derramada, momentâneamente, tal faculdade, somente para aquele ato; nem, por último, que todas essas pessoas, durante várias horas tivessem sido vítimas de uma tremenda ilusão dos sentidos e com tamanha uniformidade, vendo todas elas as mesmas coisas e da mesma maneira.

Como quer que seja o fenômeno existe e tem sido observado inúmeras vezes.

Realmente trata-se de imagens mentais projetadas por Espíritos dotados de alta capacidade realizadora, no campo das criações ideoplásticas.

AUDIÇÃO

É a faculdade mediante a qual o médium ouve vozes proferidas pelos Espíritos e sons produzidos por êstes, bem como outros, ligados à própria vida da Natureza.

Quase sempre a audição desperta no médium que já manifestou vidência, visto serem faculdades que mútuamente se completam.

As vozes e os sons reboam às vêzes dentro do cérebro do médium e outras vêzes são ouvidas exteriormente, de mais longe ou de mais perto, segundo a capacidade de audição que o médium manifestar.

No primeiro caso, o espírito que fala transmite a palavra ou o som e as ondas sonoras não atravessam a cortina fluídica de proteção que separa o perispírito do corpo denso, permanecendo no campo das atividades do perispírito; tais impressões não são transmitidas aos órgãos dos sentidos físicos e, por isso, é que o médium tem a impressão de que ouve dentro do cérebro.

No segundo caso as impressões sonoras são transmitidas através da cortina fluídica, atinge os órgãos dos sentidos e caem no campo da consciência física; afetam os nervos sensoriais da audição, mesmo sem passar pelo tímpano, simplesmente por indução.

E ainda pode suceder que o espírito emissor dos sons ou vozes aja diretamente sôbre a atmosfera ambiente, materializando-os ou melhor, condensando-os, mais ou menos intensamente, a ponto de poderem ferir o tímpano do ouvido físico, para provocar uma audição direta e comum.

O mais comum é o primeiro caso, isto é, a permanência dos sons no campo da atividade perispiritual, sem atravessar a cortina fluídica de separação.

O médium auditivo tanto pode captar ondas sonoras provindas de espíritos desencarnados que deliberadamente as transmitem, como quaisquer rumores, vozes, palavras e até mesmo conversações inteiras, provindas do mundo etéreo, mesmo quando não sejam emitidas deliberadamente para seu conhecimento. Aberto seu campo auditivo para êsse mundo referido, o médium poderá captar muita cousa do que nêle se passa, de forma mais ou menos perfeita, segundo sua própria capacidade de audição (13).

(13) Vide nota nº 35 à página 140.

A forma mais comum desta faculdade e a mais simples é a telepática.

INTUIÇÃO

O estudo da faculdade de intuição comporta vastas explanações; porém, devido ao exíguo limite dêste trabalho somos obrigados a nos limitar a uma ligeira síntese.

No esfôrço da evolução o homem veio do instinto, adquiriu mais tarde a razão e caminha agora para a intuição, que, todavia, apenas se vislumbra no horizonte.

O momento que vivemos, em sentido geral, é de pleno domínio da razão, em que as fôrças intelectivas preponderam: porém alguns homens há, mais evoluídos, que já se governam, mais ou menos conscientemente, pelo uso desta faculdade mais perfeita.

No estudo da intuição não cabe lugar para os têrmos correntes tão apreciados de "consciência, sub-consciência e inconsciência" no sentido restritivo que se lhes dá, porque as realizações espirituais verdadeiras não dividem a mente mas, ao Contrário, a unificam, a dilatam, para integrá-la na mente universal.

A intuição é a percepção da verdade universal, total, e qualquer vislumbre que dela se tenha é uma partícula dessa verdade inteiriça, muito embora quando manifestada em relação a um caso particular ou isolado.

A verdade total tem poder e autoridade em si mesma e não comporta restrições de qualquer natureza; e por isso o homem de intuição não discute nem analisa suas manifestações mas, simplesmente, obedece.

A obediência às manifestações da intuição é uma das condições fundamentais do desenvolvimento e ampliação dessa faculdade no indivíduo.

Um conhecimento mental pode ser adquirido pelo estudo, pela aplicação, pelo raciocínio, pela observação, pela experimentação; a intuição, porém, não depende de nada disso: é únicamente um conhecimento infuso, ou melhor, é um discernimento espontâneo de uma verdade pacífica e única.

As mulheres em geral são mais intuitivas que os homens, porque se deixam governar mais pelo sentimento que pela razão e a intuição não é um produto da razão, mas do sentimento; é mesmo um sentimento que se tem em certos momentos e circunstâncias, de determinado assunto, ou determinada situação, e quanto mais aflitiva ou imperiosa e urgente fôr a situação, mais alto e rápida falará a intuição, apontando o verdadeiro caminho ou a verdadeira solução.

Mas, o que é intuição e donde vem ela?

Já o dissemos: é uma voz interior que fala e que deve ser obedecida sem vacilações; é um sentimento íntimo que temos a respeito de certa coisa ou assunto; é a verdade cósmica, divina, existente em nosso Eu, em forma potencial, porque Deus é a verdade unica e eterna e Êle está derramado em tôda a criação universal, da qual somos uma partícula viva, operante e sensível.

A intuição é a nossa ligação direta e original com Deus assim como a Razão é a nossa ligação com o mundo.

O homem é um sêr limitado pelos seus corpos orgânico e fluidico; mas o ponto que não atinge com o braço, atinge-o com a inteligência e onde a inteligência não alcança, alcança a intuição.

Como Espírito, pois, possui ele vastos poderes.

O conhecimento vindo pelo intelecto nos faz conhecer o mundo ambiente, ao passo que a intuição nos dá o discernimento das coisas divinas; o primeiro se estriba na razão que mediu, pesou, dividiu, analisou, concluiu; o segundo porém se apoia na fé, porque somente crê e confia.

A razão é metódica, mecânica, limitada, mas a intuição é intrínseca, ilimitada, independente, acima de qualquer lei, pleniciente.

O campo da razão vai até onde a inteligência alcança, mas o da intuição não tem limites, porque é o campo da consciência universal.

Por isso às vêzes a razão diz "sim" quando a intuição diz "não, quando um a fala "prudência" a outra ordena "confiança":
uma diz: "raciocina primeiro"; mas a outra determina: "crê e segue".

Uma é sombra sempre vacilante, outra é luz sempre clara; uma duvida e se nega, outra confia e se entrega.

Uma se exerce no campo de mente limitada, outra na esfera do espírito livre, que não obedece a convenções, preconceitos ou leis humanas.

Porque a razão é a lei, ao passo que a intuição, em certo sentido, é a graça.

* * *

O apóstolo Paulo sempre se referia a homens que vivem debaixo da lei e realizam atos de acôrdo com a lei, mas apontava sempre como verdadeiro o caminho da graça, mediante

o qual se deve ser honesto não por haver leis contra a desonestidade; virtuosos não por haver leis contra a licença; verdadeiros não por haver leis contra a mentira; mas porque a graça eleva o sentimento humano e o purifica acima mesmo da lei; porque há um plano de vida espiritual não afetado pela lei, um reino acima da lei onde só imperam predicados do espírito emancipado do êrro.

* * *

O homem funciona em três planos a saber: o físico, o mental e o espiritual, que correspondem respectivamente ao instinto, à razão e à intuição; mas a verdade total, essencial, divina, só é percebida pelo homem de intuição.

O homem do futuro, isto é, o homem renovado, que se venceu a si mesmo, vencendo a dominação da matéria grosseira, será um homem de intuição.

Quando a intuição fala, ela não se limita somente ao aspecto local ou parcial dos problemas, mas abarca o que está atrás e na frente, atinge o aspecto total, segundo a projeção do indivíduo no campo geral de sua evolução.

É difícil localizarmos, no corpo físico, a região ou o órgão por intermédio do qual se exerce a intuição. O órgão do intelecto é o cérebro e podemos dizer que a razão tem séde nesse órgão. Mas, quando à intuição, a não ser que exerça pelas glândulas pineal e pituitaria (14)

(14) Glândula geradora e controladora de energias psíquicas que, ligada à mente através do eletromagnetismo do campo vital, comanda as forças do subconsciente e supre de energias psíquicas todos os órgãos vitais do organismo humano.

(órgãos das manifestações mediúnicas) talvez sua séde seja no cerebelo, órgão sensório supra-normal, que no futuro tende a desenvolver-se.

Amor, fé e intuição, eis pois as características sublimadas do homem espiritual.

O homem de intuição resolve seus problemas com elementos que obtém do plano divino, ao passo que o da razão os resolve segundo os recursos da própria inteligência humana ligada às coisas do mundo.

Tanto mais o homem fecha seus ouvidos às vozes do mundo material, tanto mais se abre no seu interior a voz sublime dessa preciosa faculdade do espírito. Tanto mais o espírito se revela a si mesmo e se integra no Cosmo, tanto mais se une a Deus.

Diz Alexis Carrel, um dos mais acatados expoentes da ciência oficial, a respeito desta maravilhosa faculdade: "É evidente que as grandes descobertas científicas não são unicamente obras da inteligência. Os sábios de gênio, além do dom de observar e de compreender, possuem outras qualidades, como a intuição e a imaginação criadora. Por meio da intuição apreendem o que os outros homens não vêem, apercebem relação entre fenômenos aparentemente isolados, sentem inconscientemente a presença do tesouro ignorado. Todos os grandes homens são dotados do poder intuitivo. Sabem sem raciocínio e sem análise o que lhes importa saber".

E prossegue: "As descobertas da intuição devem ser sempre desenvolvidas pela lógica. Tanto na vida corrente como na ciência, a intuição é um meio de adquirir conhecimentos de grande poder, mas perigosos. Por vêzes é difícil distingui-la da ilusão. Aqueles que só por ela se deixam guiar estão expostos ao êrro. Mas aos grandes homens ou aos simples de coração puro pode ela conduzir aos mais elevados cumes da vida mental ou espiritual". (O Homem, êsse desconhecido).

Ouçamos agora "A Grande Síntese" de Pietro Ubaldi.

"No mundo da matéria temos, em primeiro lugar, fenômenos;
depois a vossa percepção sensória e, por fim, através de vosso sistema
nervoso, convergindo no sistema cerebral, a vossa síntese psíquica —a consciência. Até aqui chegastes no terreno da pesquisa científica e da experiência quotidiana. Não errou o vosso materialismo quando viu nessa consciência uma alma filha da vossa vida física e destinada, como esta, a extinguir-se.

"Se descermos mais no fundo deparamos com a consciência latente, que, está para a

consciência externa, clara, como as ondas elétricas para as ondas acusticas. A essa consciência mais profunda pertence a intuição, que é o meio de percepção ao qual, como também já vos disse, necessário se faz chegueis para que o vosso conhecimento possa avançar".

Pois, para êsse reino de plena consciência, é que a intuição leva e o faz por um caminho tão claro e tão horizontal que até mesmo os cegos jamais se desviam da rota.

Mas sua voz só pode ser ouvida no silêncio, na pureza e na intimidade do sêr, condições incompatíveis com os rumores do mundo. Débil ao princípio, se fôr sempre obedecida sem vacilações e com confiança, irá aos poucos se avolumando, ganhando fôrça crescente e acabará por ser ouvida em qualquer circunstância e a qualquer hora, apontando ao indivíduo a orientação mais segura, mais elevada e mais reta, abrindo-se como uma flor às claridades e ao calor do sol supremo.

Das faculdades mediúnicas é a mais elevada e a mais perfeita, porque põe o indivíduo não mais e somente em contacto com coisas e sêres do mundo espiritual mas, direta e superiormente, com a essência divina das realidades.

SONO E SONHO (15)

Neste capitulo das faculdades de lucidez cabe um ligeiro estudo sôbre os sonhos, interessante fenômeno espiritual, tão comum e ao mesmo tempo tão pouco conhecido.

O sono, para o corpo físico, é uma morte de todos os dias, aparente e incompleta, durante a qual ele não perde sua integridade, cessando somente a atividade dos órgãos de relação com o mundo exterior; mas, em compensação, para o Espírito, o sono abre as portas do sonho, frestas mais ou menos amplas para a visão das estranhas cenas do mundo estranho do Além, suas paisagens de coloridos bizarros, suas luzes intensas e maravilhosas, seus misteriosos habitantes.

(15) O sono em si mesmo, é um fenômeno físico e está aqui incluído unicamente como um estado de transição para o sonho – que é o fenômeno de lucidez.

10
O SONO

Tudo no mundo dorme, sêres e coisas, pelo menos aparentemente. Um têrço de nossa vida, no mínimo, passamos a dormir.

Enquanto é dia e sob a influência do Sol, cuja luz destrói as emanações fluídicas maléficas, predomina o dinamismo das fôrças materiais, regidas pela inteligência; mas quando o Sol se vai e cai a noite, passam a imperar as fôrças negativas da astralidade inferior e o corpo humano adormece, então, sob seu domínio.

Para uns o sono advem de uma congestão cerebral (hiperemia dos vasos sanguíneos do cérebro).

Para outros, justamente o contrário: ocorre uma anemia cerebral (isquemia dos mesmos vasos) o que quer dizer que no sono os vasos se dilatam e esgotam o sangue do cérebro.

Ao lado destas há a teoria dos neurônios, células nervosas cujos prolongamentos durante o sono se retraem, interrompendo a passagem da corrente vital, que restabelecem ao despertar, distendendo os referidos prolongamentos e pondo-os de novo em contacto.

Pode também o sono resultar de uma asfixia periódica do cérebro e, para o velho Aristóteles, advem da ação das ptomaínas existentes nos resíduos digestivos.

Em contraposição há outros que afirmam que, justamente, dormimos para nos desintoxicarmos, sendo assim o sono uma função defensiva do organismo.

Enfim e para não alongar esta exposição citamos Marin, segundo o qual o sono é um aspecto da lei de alternativa em virtude da qual à atividade segue o repouso, como a noite, ao dia e como a morte à vida. E isso concorda com a "Lei do Ritmo", da filosofia egípcia,

exposta admirávelmente na obra iniciática "Kaibalion", segundo a qual a vida se manifesta por atividade incessante, que obedece a um ritmo invariável e cuja compensação é o repouso. Aplicada ao corpo humano a teoria quer dizer que o organismo físico, na vigília, gasta energias que recupera no repouso do sono.

Ultimamente a ciência descobriu que no momento do sono ocorre uma inversão de origem das ondas cerebrais, do cérebro posterior para o anterior.

Mas, como se dá o sono?

Com o abandono provisório do corpo pelo Espírito, da mesma forma como na morte, quando o abandono é definitivo.

O SONHO

As teorias científicas sôbre o sonho são também diversas. Para Freud os sonhos se originam de desejos reprimidos: não podendo o homem satisfazê-los na vida normal, se esforça por vivê-los quando dorme.

Para Maurí os sonhos resultam de automatísmos psicológicos; de cerebrações inconscientes ou de associações de idéias que, como é natural, originam imagens mentais.

Segundo Saint-Denis no sonho há o desenvolvimento natural e espontâneo de uma série de reminiscências.

Delboeuf admite -a conservação indefinida de impressões que Richet batizou com o nome de pantomnésia (reminiscência universal).

Conan Doyle admite somente duas espécies de sonhos: os resultantes de experiências feitas pelo Espírito livre e as provenientes da ação confusa das faculdades inferiores, que permanecem no corpo quando o Espírito se ausenta.

Flamarion, Rosso de Luna, Dunne, Lombroso, Maeterlinck e muitos outros estudaram também o fenômeno e deixaram sôbre êle interessantes mas não conclusivas teorias.

* * *

Podemos, entretanto, classificar os sonhos em duas categorias: sonhos do sub-consciente e sonhos reais.

SONHOS DO SUB-CONSCIENTE

São reproduções de pensamentos, idéias e impressões que afetam nossa mente na vigília; fatos comuns da vida normal, que se registram nos escaninhos da memória e que, durante o sono, continuam a preocupar o Espírito, com maior ou menor intensidade esses elementos, subindo do sub-consciente, uns puxam os outros, se se pode assim dizer, e formam verdadeiros enredos, com reminiscências presentes e passadas, tornando tais sonhos quase sempre de difícil compreensão, justamente por serem confusos, complexos, extravagantes.

Nesse sonhos subconscientes entram também outros fatores como sejam o temperamento imaginativo ou emocional do indivíduo, seus recalques, mormente os de natureza sexual, perturbações fisiológicas momentâneas etc.. Os dormentes nesses sonhos somente vêem quadros formados em sua própria-mente sub-conscientes, porque tais sonhos são únicamente auto-produtos mentais inferiores.

Finalmente, o que os define e caracteriza, além de seu aspecto confuso e nebuloso, é a incoerência, a falta de nitidez, de luz e colorido.

SONHOS REAIS

Enquanto o corpo físico repousa, o Espírito passa a agir no plano espiritual, no qual terá maior ou menor liberdade de ação, segundo sua própria condição evolutiva; uns se conduzem livremente, outros ficam na dependência de terceiros, mas todos são atraidos para lugares que lhes sejam afins ou correspondentes.

Pois, justamente aquilo que vê, ouve ou sente; os contactos que faz, com pessoas ou coisas dêsses lugares ou esferas de ação é que constituem os sonhos reais que, como bem se compreende, não são mais elaborações da mente sub-consciente individual mas sim perfeitas visões, diretas e objetivas dêsses mundos; verdadeiros desdobramentos, exteriorizações involuntárias do Espírito.

Os encarnados, sujeitos como são às leis que regem o plano material, delas não se libertam senão com o desencarne e por isso, mesmo quando exteriorizados durante o sono, as leis prevalecem mantendo os véus de obscuridade vibratória entre os dois mundos.

Essa é a razão por que os sonhos, mesmo os reais são, normalm ente indistintos, nebulosos, de difícil recordação. Por isso também é que quando há necessidade de obviar a êsse estado de coisas, fazendo com que os sonhos sejam mais fàcilmente recordáveis, os agentes do invisível lançam na mente do adormecido poderosas sugestões, fàcilmente transformáveis, ao despertar, em imagens mentais e quadros alegóricos representativos dos ensinamentos, advertências ou experiências que o dormente deve recordar.

Costumam também conduzir o adormecido a regiões ou instituições do Espaço proporcionando-lhe contactos e experiências necessárias ao seu aprendizado espiritual, dos quais a recordação, pelo referido processo, sempre de alguma forma permanece.

E se isso acontece em relação aos Espíritos bons também sucede com os maus que, valendo-se da lei das afinidades vibratórias, apoderam-se dos dormentes e os carregam para seus antros, inoculando-lhes ou alimentando em suas mentes desprotegidas, idéias ou tendências maléficas.

Os médiuns, pois, que se guardem dessas infelizes possibilidades, purificando-se em corpo e espírito para que sua tonalidade vibratória se eleve e orando e vigiando como o Divino Mestre recomendou.

Conforme, porém, seu desenvolvimento espiritual pode o Espirito, assim desdobrado, viajar em várias regiões etéreas, vê-las e compreendê-las; instruir-se; penetrar acontecimentos passados ou futuros, do setor dos chamados sonhos simbólicos ou proféticos.

Nesse mundo diferente, no qual ingressamos diàriamente, muita coisa está à nossa disposição, como auxílio ao nosso esforço evolutivo: material de estudo, elementos de investigação, contatos reparadores, conselhos e instruções de amigos desencarnados ou não e de instrutores espirituais.

A luminosidade, a nitidez, a clareza, a lógica e o colorido, eis as características inconfundíveis desses sonhos reais, únicos verdadeiros.

O que é necessário é que tenhamos durante esses sonhos relativa consciência do que se passa e isso só podemos, normalmente conseguir, por meio de continuados exercícios de autosugestionamento e disciplinamento da vontade, que devem ser feitos diária-mente, antes de adormecer e em prévio entendimento com o guia espiritual.

Poucos são os que ao despertar se recordam dessa vida esquisita que viveram durante o sono.

Em geral só nos recordamos do último sonho, o que antecedeu o despertar e esse mesmo é logo varrido da memória com a interferência brutal dos acontecimentos materiais imediatos.

No livro "Os Mensageiros" Capítulo 37º — André Luiz, referindo-se aos encontros que se dão durante o sono, acrescenta:

"Estas ocorrências nos círculos da crosta dão-se aos milhares, todas as noites. Com a maioria de irmãos encarnados o sonho apenas reflete perturbações fisiológicas ou sentimentais a que se entregam; entretanto existe grande número de pessoas que com mais ou menos precisão estão aptas a desenvolver este intercambio espiritual".

Vivemos atualmente na carne com perda de mais de um terço de nossa vida consciente, que escapa assim ao nosso controle, nas brumas e no esquecimento do sono.

O problema está, pois, em obtermos aos poucos esse domínio, vivendo conscientemente, tatio de dia como de noite, na vigília como no sono, — para que a luz da verdade triunfe das sombras da morte, e para que a vida realmente seja eterna.

* * *

Estas faculdades de lucidez, tão belas e tão úteis, abrem ao médium educado e consciente um mundo extraordinário de conhecimentos e revelações espirituais. Transformam o homem em um ser diferente, visto que possui o poder de, mesmo quando encarnado, viver nos dois mundos. Rasgam-se para ele ilimitados horizontes que abarcam muito do universo e lhe permitirão compreender muitas das grandezas da criação divina.

Mas é preciso educação e desenvolvimento metódico e progressivo, o que só se torna possível quando o Espírito está em condições de mérito próprio, quando é digno e pode merecer a colaboração preciosa e indispensável de assistentes espirituais competentes.

Muitos processos são usados para esse desenvolvimento, sendo os mais comuns, para a vidência por exemplo, os do grupo da cristalovidência, isto é: a fixação de superfícies lisas e brilhantes como sejam bolas de vidro, garrafas ou copos contendo água, espelhos, lentes, objetos de metal polido, poças de água, borrões de tinta e a própria unha convenientemente polida.

Mas nenhum processo material ou artificial dará resultado se, do ponto de vista moral, ou segundo as necessidades de sua própria evolução, o individuo não for digno.

As superfícies brilhantes provocam uma auto-hipnotização que nada resolve em definitivo, porque se os assistentes invisíveis nada projetarem sobre tais superfícies nada poderá ser visto; costumam todavia os guias aconselhar às vezes tais processos com o intuito de obrigar o estudante e fazer exercícios de concentração, familiarizando-se com a disciplina mental.

Costumam também agir diretamente sobre os médiuns em desenvolvimento, aumentando-lhes as vibrações da glândula Pineal e projetando-lhes durante o sono ou no semi-sono, quadros simbólicos no campo da visão. Valem-se também do ambiente formado nas sessões espíritas bem conduzidas para produzir tais fenômenos, por terem nessas ocasiões, a seu dispor, cargas poderosas de fluidos apropriados às formações ideoplásticas.

Mas, repito, para o desenvolvimento dessas faculdades a condição essencial é a reforma individual do médium com a purificação de seus pensamentos e atos, porque disso decorrerá a elevação de sua vibração perispiritual a um nível compatível com a produção de tais fenômenos.

11
A INCORPORAÇÃO

Esta forma de mediunidade se caracteriza pela transmissão, oral ou escrita, da comunicação do Espírito e pode ser parcial ou total, como já dissemos.

Há uma corrente de investigadores psiquistas que não considera a incorporação como uma faculdade real porque segundo alegam, os médiuns desta classe não' revelam possuir uma força psíquica, especial e definida, que se manifeste por si mesma, produzindo fenômenos; trata-se, ajuntam, de um estado passivo que denota ünicamente capacidade sonambúlica por parte do médium.

Mas tais investigadores não têm razão, segundo penso, porque: 1º) para ser médium não é necessário possuir uma força psíquica especial e definida" que produza fenômenos; já vimos que mediunidade é capacidade de percepção de vibrações mais altas e vimos também que todos possuem essa capacidade em maior ou menor grau; 2º) mesmo aceitando a incorporação como um estado passivo, isso não seria argumento porque um médium de ef eitos físicos (que pertence à classe dos que possuem, segundo muitos admitem, "força psíquica própria"), esse médium, em transe sonambúlico, inteiramente passivo, concorre da mesma forma para produção de fenômenos; e 3º) a incorporação, como vamos ver, nem sempre é uma forma passiva.

Por outro lado consideramos a incorporação uma das formas mais interessantes de mediunidade e das mais úteis porque não só nos faculta entendimento direto e pessoal com os Espíritos, como também a possibilidade de doutrinarmos e esclarecermos os Espíritos

inconscientes, imersos em escuridão mental, bem como os maldosos, realizando assim um ato de verdadeira caridade espiritual e cooperando com os companheiros que dirigem as organizações assistenciais do Espaço, dedicados a esse trabalho.

DIVISÃO

Segundo a divisão que adotamos, os médiuns podem ser: conscientes, semi-conscientes e inconscientes.

Vamos agora entrar neste assunto.

Sobre cem médiuns observados provàvelmente oitenta serão de incorporação representando esta modalidade, uma grande maioria. É de crer, portanto, que esta forma, do ponto de vista qualitativo (aspecto espiritual) seja, de um certo modo, inferior à de lucidez. Por outro lado, entretanto, devido à sua generalização, compreende-se que, no momento, é a mais útil e a mais acessível. (16)

(16) A incorporação é a porta mais acolhedora e acessível para a manifestação objetiva dos Espíritos no plano material.

Desses oitenta citados cinquenta serão provàvelmente conscientes, vinte e oito semi-conscientes e os restantes dois, inconscientes. Esta forma inconsciente, que é portanto a menos corrente, quase sempre apresenta dois aspectos que denominamos: transe sonambúlico e transe letárgico.

Vamos agora examinar as forma orais da manifestação.

FORMA CONSCIENTE

É a mesma mediunidade errôneamente denominada intuitiva.

O Espírito comunicante aproxima-se do médium, não mantém contacto perispiritual e, telepaticamente, transmite as idéias que deseja enunciar. O médium telepaticamente as recebe e, com palavras suas, fraseado, ademais e estilo próprios, faz a transmissão com maior ou menor fidelidade e clareza.

Após a transmissão da idéia original o Espírito não pode influir na retransmissão porque não pode agir sobre o médium senão pelo pensamento.

Esta é a mediunidade dos tribunos, dos pregadores, dos catedráticos e, na forma escrita, dos escritores e poetas; a mediunidade, enfim, daqueles que manifestam "inspiração momentânea".

É muito comum taxarem de mistificação uma comunicação qualquer porque o médium empregou palavras suas, termos que constantemente usa e às vezes de forma sistemática e invariável. Mas já dissemos que as palavras, o modo de coordená-las, o estilo, etc., devem ser seus mesmo; nem nada há que estravhar, neste caso, porque qualquer um de nós também se acostuma a falar de um certo modo, repetir certas palavras ou frases, fazer certos gestos. Há professores que abrem e encerram suas aulas sempre de determinada maneira e usando sistematicamente as mesmas frases; pregadores e tribunos que fazem sempre os mesmos gestos, usam das mesmas figuras, analogias e exemplos.

Semelhantemente há Espíritos que iniciam e encerram suas comunicações sempre do mesmo modo, saudando no início e no final, nos mesmos termos, sendo que isso, aliás, vem a servir justamente para identificá-los.

Outra coisa que criticam é o emprego pelo médium de termos chãos, muitas vezes inadequados, e erros de pronúncia e de concordância, etc. Isso tudo é muito natural porque nem todos os médiuns, desta classe são cultos, havendo mesmo uma grande maioria que é inculta.

Neste caso, como falar corretamente, se quem fala é o médium e não o Espírito? Ao Espírito pertencem somente as idéias e não as palavras.

E isto ainda somente quanto à forma, porque, quanto ao fundo, à essência, ao substrato, pode suceder que o médium recebendo uma idéia elevada, transcendente, para transmitir,

não a compreenda bem, não penetre bem em seu verdadeiro sentido e venha a deturpá-la; como também no seu vocabulário acanhado e restrito não encontre palavras para expressá-la; ou ainda, mesmo vencendo todas estas dificuldades, venha a fracassar no delinear os limites, o alcance, o significado profundo da idéia, do que resultará expressá-la de forma rudimentar ou insuficiente.

E, se o médium fôr culto, pode também suceder que a falha seja do Espírito comunicante: se este fôr atrasado, ignorante, inculto, como poderá transmitir coisas elevadas, requintadas?

Nesta classe de mediunidade 'é sempre preferível, todavia, que o médium seja culto porque assim terá mais facilidade e eficiência para traduzir, através de um entendimento amplo e um vocabulário rico, as idéias 'transmitidas telepàticamente pelo Espírito, já que a forma de transmissão telepática é essencialmente sintética e, muitas vêzes, alegórica.

Vejamos o que diz Kardec sôbre êste particular: "Quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitar as comunicações, dêle de preferência nos servimos, porque com êle o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com o médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos".

Ouvimos assim o Codificador Kardec, escrevendo há um século atrás.

Ouçamos agora Ramatis, espírito autorizado que coopera conosco, nos nossos dias, no setor da propagação doutrinária e que é ainda mais detalhado e categórico.

Diz êle:

"A repressão ao animismo dificultará grandemente as tarefas mediúnicas e por isso não deve ser feita. O Mediunismo não dispensa a colaboração do médium, o qual jamais deve ser um simples autômato, um "robô".

"Os guias espirituais têm alto interêsse em desenvolver as qualidades morais dos médiuns, dos quais se servem e êsse trabalho, na maioria das vêzes, é ainda mais importante que o próprio exercício da mediunidade. Muitas vêzes os guias protelam revelações do Alto ou avançamento de conhecimentos à espera que os médiuns primeiramente revelem seu adiantamento no campo da evangelização e do conhecimento espiritual. O esfôrço contínuo para o cumprimento dos deveres morais é sempre o que mais esperam dos médiuns dos quais se servem.

"Nos casos de mediunidade consciente, quando coincidem idéias, índoles, pensamentos e conhecimentos entre os guias e os médiuns, êstes, ao dar as comunicações, se tornam imediatamente mais animados, eloqüentes e entusiasmados porque se encontram em terreno conhecido; mas, ao contrário, cai o entusiasmo, formam-se hiatos e lacunas e surgem dificuldades até de falar, quando o espírito trata de assunto desconhecido, ou complicado.

"Os guias não se preocupam em eliminar o animismo dos seus médiuns; o que importa é que êstes progridam espiritualmente a ponto de aqueles poderem subscrever o resultado de seus trabalhos, quando perfeitos.

"Como os médiuns devem caminhar com seus próprios pés e progredir sempre os guias estão sempre a lhes oferecer oportunidades de produzir cousas próprias, mostrar o que valem. Por isso os médiuns devem se esforçar constantemente em melhorarem seu padrão de conhecimentos, sua cultura doutrinária e suas qualidades morais, para que o que produzam mereça o endôsso dos guias.

"Às vêzes os guias, muito de propósito, deixam lacunas e vasios no curso de uma comunicação para que os médiuns completem a tarefa, continuando na explanação do assunto ou do tema com seus próprios recursos, demonstrando sua capacidade de compreensão e exposição, sem deturpar as idéias fundamentais dos guias.

"Assim, constantemente encorajados e postos à prova, os médiuns acabam por esposar pessoalmente, em público, tudo quantõ assimilaram dos seus respectivos guias, identificando-se com êles. Desta forma, aos poucos, os mentores vão aumentando o crédito de confiança que depositam nos intérpretes e lhe oferecendo campo de trabalho cada vez mais amplo e importante. Isto é o que faz o progresso mediúnico individual.

"Muitas vêzes os mentores fazem um contacto inicial com os médiuns, transmitem-lhes as primeiras idéias do tema e se af astam, sem se desligarem, para ver como seus pupilos se desembaraçam da tarefa, por si mesmos. Se tudo vai bem, deixam que assim vá e, ao final, aproximam-se de novo e endossam tudo o que foi dito, com suas características de identidade pessoal.

"O esforço do trabalho mediúnico, como se vê, é sempre recíproco e benéfico a todos. Os guias, nestes casos, agem como pais solícitos que ensinam os filhinhos a andar, amparando-lhes os primeiros passos.

"Outra cousa a dizer: a mediunidade não se desenvolve únicamente à hora do trabalho: está sempre presente para ser utilizada e as responsabilidades das tarefas obrigam o médium a estar sempre em comunhão com o messianismo do Cristo, exemplificando sacri-ficio e renúncia. Somente assim haverá bons resultados e os guias poderão endossar o trabalho dos medianeiros. Jamais êles subscrevem o animismo inferior, de médiuns que não cogitam da melhoria espiritual.

"Muitas vêzes a tarefa dos médiuns é preparada prêviamente, durante o dia do trabalho, nos encontros pessoais, nas leituras, nas meditações e até mesmo nas vicissitudes. Tudo serve para a organização do tema da noite. Entretanto, quando o médium tem cultura e é flexível no recebimento telepático, êsse trabalho preparatório pode ser dispensado; nestes casos os guias transmitem o que querem, no próprio momento da comunicação, tendo em vista, é claro, a natureza e a capacidade de compreensão do auditório. Melhor médium é o que recebe com mais facilidade as idéias do guia e as interpreta pessoalmente com mais fidelidade e perfeição" (17).

(17) Comunicação recebida pelo médium Hercílio Maes.

Como se vê, do que fica dito, tanto o médium como o Espírito, nestes casos de mediunidade consciente, cada um faz o que pode, cumpre o seu dever nos limites de suas possibilidades individuais; mas o que importa saber sobretudo é que — se a idéia central transmitida pelo Espirito não foi modificada, deturpada, a comunicação é autêntica e perfeitamente aceitável.

* * *

Esta forma de mediunidade consciente é aquela que mais permite interferência dos fatores sub-conscientes do médium, que se costuma denominar de "animismo" e que tem servido de motivo para se bater, injustamente, na tecla da mistificação; mas, pelo modo segundo o qual consideramos a mediunidade, bem se vê que isso não tem importância alguma. Não importa, repetimos, que entrem na transmissão elementos de forma ou de fundo que venham do próprio médium, já que é de sua própria capacidade individual que se aguarda a melhor ou pior maneira de veicular a idéia do Espírito comunicante. É claro que êle, médium, será obrigado a utilizar-se de todos os elementos que possuir no campo psíquico para cumprir sua tarefa da melhor forma possível.

E àqueles que, por deficiência de conhecimentos sôbre o assunto, são fáceis em admitir a mistificação por parte dos médiuns conscientes; e aos próprios médiuns conscientes que, por uma questão de escrúpulo, duvidam de si mesmos e muitas vezes, por isso se abstêm do trabalho mediúnico, dando causa a lamentáveis recalques e fracassos de ordem espiritual, cabe aqui perguntar como se pode saber, com segurança, onde termina a influência exercida pelo Espírito, sobre o médium, no ato do trabalho mediúnico e onde começa' a interferência deste, nos casos em que ela se dá?

Por outro lado se animismo é interferência de elementos vindos da alma do médium, e excluída a mistificação deliberada, representará o animismo algo pernicioso à manifestação da mediunidade, ou à autenticidade do fenômeno espírita?

Cremos que não e até concluimos pela negativa porque neste caso, quanto mais animismo mais sensibilidade e quanto mais sensibilidade mais mediunidade.

FORMA SEMI-CONSCIENTE

Nesta modalidade e havendo entre médium e Espírito comunicante a indispensável afinidade fluídica (equilíbrio vibratório) o Espírito comunicante entra em contacto com o perispírito do médium e, por intermédio dêste, atua então sôbre o corpo físico, ficando os órgãos vocais do médium sob contrôle do Espírito ‘comunicante e isso sucede sem que, como também na modalidade anterior, seja afastado do corpo o Espírito do médium, ou perca ele a consciência própria, o conhecimento do que se passa em tôrno. O médium fica, vamos dizer, em semi-transe, semi-adormecimento, sujeito porém à influência do Espírito comunicante e impossibilitado de furtar-se a ela, salvo se reagir deliberadamente.

Obtido êsse estado o Espírito comunicante, apesar de não ter domínio completo sôbre o médium, pode todavia transmitir, mais livre e desembaraçadamente, suas idéias que ficam, é claro, dependendo da maior ou menor perfeição do instrumento usado, (educação mediúnica), e maior ou menor fidelidade de interpretação (capacidade intelectual do médium).

Nesta forma de manifestação são ainda possíveis, se bem que em muito menor escala, as interferências sub-conscientes, mormente no que respeita à repetição de palavras, frases e gestos mas, quanto ao “estilo” êsse já passa a ser, em determinada escala, do Espírito comunicante e já vem mesmo também a servir para sua identidade pessoal.

Há médiuns que repetem inúmeras vêzes as mesmas palavras e frases e fazem os mesmos gestos, sistematicamente, em tôdas as ‘comunicações e, no entretanto, nada há ali, tanto da parte do médium como do Espírito comunicante que possa ser taxado de mistificação. Esta só ocorre, em regra geral, quando o médium finge, ou simula o que não existe ou quando altera, deliberadamente, as circunstâncias, regra que. também, em todos os casos, se aplica ao Espírito comunicante.

FORMA INCONSCIENTE

Esta última modalidade, como já dissemos, deve ser desdobrada em transe sonambúlico e transe letárgico; e o que a caracteriza é o fato de o Espírito do médium exteriorizar-se do corpo físico temporariamente passando então êste, mais ou menos inteiramente, à disposição e contrôle do Espírito comunicante.

Como facilmente se compreende somente neste caso é que se dá, realmente, incorporação; e é esta forma que maiores garantias oferece de fidelidade e segurança na comunicação porque o Espírito transmite suas idéias e pensamentos diretamente, usando de suas próprias palavras, sem necessidade de intermédio intelectual que, quase sempre, altera a deturpa as idéias transmitidas telepaticamente.

O transe é sonambúlico quando o Espírito comunicante fala. e tem liberdade ambulatória, podendo tomar objetos, levantar-se, sentar-se, locomover-se, de um lugar para outro; e é transe letárgico quando, ao contrário, o Espírito fala mas o corpo do médium permanece imóvel, com ou sem rigidez.

Não me refiro também neste caso ao transe sonambúlico provocado por processos hipnóticos, que é coisa diferente porque, então, o Espírito do médium nem sempre abandona o corpo fisico que fica, por outro lado, inteiramente sujeito à vontade do operador, ao passo que no transe da incorporação sempre há a exteriorização mediúnica, justamente para que o Espírito comunicante ocupe o corpo do médium.

Além disso — e isto é o mais importante — no sonambulismo provocado pelo hipnotismo o Espírito do próprio médium é quem fala, ao passo que no transe da incorporação quem fala é o Espírito comunicante.

Nesta forma de mediunidade inconsciente o médium está muito mais à vontade para enfrentar o rigor da crítica ou da observação porque, em nada intervindo e de nada sendo sabedor no momento, a manifestação é integral do Espírito comunicante e, conforme a maior ou menor perfeição e extensão da faculdade, pode ainda o Espírito comunicante assumir o aspecto físico, o mesmo tom de voz, as mesmas maneiras e revelar outros detalhes da personalidade que encarnou em vidas anteriores sob a qual, no momento, se

manifesta (18).

(18) Os casos, aliás pouco comuns, de transfiguração estão incluidos nesta modalidade.

Quem promove o afastamento do Espírito do médium e o Espírito comunicante, utilizando processo magnético e o afastamento tanto mais suave e regular será quanto mais afins e equilibradas sejam as vibrações fluídicas de ambos.

Em grande número de casos de exteriorisação o médium, enquanto fora do corpo físico, permanece conciente do que se passa nesse outro plano, porém de nada se lembra quando regressa ao corpo carnal.

Quando os fluidos do Espírito comunicante são mais apurados que os do médium, é necessário que aquele baixe as vibrações dos seus, condensando-os; e em todos os casos de fluidos pesados, inferiores, haverá sempre sobressaltos, mais ou menos violentos para o lado do corpo físico do médium, no momento do transe, com reflexos secundários nos seus órgãos psíquicos, após a cessação dêste.

Nestes casos de incorporação inconsciente, quando o indivíduo fôr mediunicamente bem educado e satisfatôriamente desenvolvida sua faculdade, durante o transe tanto pode êle permanecer ao lado do corpo físico, como mero assistente, como afastar-se temporária-mente, com emprêgo do seu tempo em alguma recreação ou trabalho útil.

Nos casos, porém, em que é deficiente ou viciosa a educação mediúnica, não há esta liberdade e segurança; o médium não se afasta, dificulta o desligamento e quase sempre intervem na comunicação, criando embaraços ao Espírito comunicante, sendo algumas vêzes necessário adormecê-lo com passes e afastá-lo para longe, a fim de que a tarefa do Espírito comunicante possa ser levada a termo.

E excusado será dizer que o estado de ansiedade e inquietação em que permanece o médium durante o transe, não lhe facultará um despertamento pacífico, harmonioso, suave, isento de perturbações.

Portanto, estando tudo em ordem e o •ambiente merecendo confiança, entregue-se o médium despreocupadamente ao transe, auto-sugestionando-se com o pensamento de "ficar de lado", não atrapalhar mas, ao contrário, ajudar o Espírito comunicante a desempenhar sua tarefa, entregando-lhe o instrumento mediúnico com boa vontade e espírito de colaboração.

* * *

Incluem-se rigorosamente nesta forma de mediunidade os casos de xenoglossia (o chamado dom das línguas) tão interessantes e convincentes para os incrédulos, bem como os das intervenções mediúnicas operatórias, em que os Espiritos curadores operam os pacientes utilizando-se das mãos dos médiuns (19).

(19) Essas operações podem, ao mesmo tempo, ser classificadas como efeito físico.

* * *

Consideradas assim devidamente, em todos os seus aspectos e detalhes, estas três formas da mediunidade de incorporação (conquanto as duas primeiras, rigorosamente falando, não o sejam) fica patente que não se deve exigir de uma o que somente a outra pode dar; não se pode pretender, por exemplo, que em uma manifestação da primeira modalidade (consciente) o médium fale como o Espírito falaria por si mesmo quando encarnado, ou demonstre sinais físicos ou atitudes características dos casos de incorporação inconsciente e assim por diante.

Desta falta de compreensão e conhecimento detalhado do assunto tem resultado muita crítica descabida e descrédito injusto para os médiuns e para a doutrina, na sua prática.

INCORPORAÇÕES PARCIAIS

Em seu livro "Nos Domínios da Mediunidade" André Luiz, que é autoridade na matéria, mostra como o fenômeno se desenrola do lado de lá, no caso de doutrinação de espíritos sofredores; dá àencorporação inconciente o título de psicofonia.

Êle mostra casos de médiuns, que se desligam do veículo corporal, permanecem concientes até mesmo ajudando no trabalho dos espíritos, o que prova tratar-se de médium de excepcional educação mediúnica.

Porém, visto do lado de cá, o fenômeno tem aspecto diferente pois que o médium, para nós, permanece realmente em estado de inconsciencia.

Já vimos que a forma consciente é um efeito meramente telepático, o Espírito comunicante agindo como transmissor e o médium como receptor; que a semi-consciente é um avançamento no sentido da posse do corpo do médium pelo Espírito comunicante; e que a inconsciente é uma inteiração dessa posse, com a indispensável exteriorização do Espirito do médium, de tudo se concluíndo que incorporação realmente só se dá no último caso citado.

Há todavia e ainda, incorporações parciais. dentre as quais anotamos as que se seguem e cujos característicos às colocam em situação de superioridade sôbre as demais, do ponto de vista qualitativo.

TRANSMENTAÇÂO

Trata-se de uma — incorporação mental — que é sem a menor dúvida uma forma típica de incorporação parcial.

Como seu nome o indica esta modalidade é o processo mediante o qual o Espírito comunicante se assenhoreia da mente do médium, colocando-o em estado de inconsciência ou semi-conciência e assim exerce domínio, mais ou menos completo, sôbre os campos físico e psíquico individuais.

O que caracteriza e distingue esta modalidade, em relação às demais já conhecidas, é o seguinte:

1º) não há transmissão telepática, como ocorre nas formas conscientes e semi-conscientes já estudadas;
2º) não há incorporação física, com exteriorização do Espírito do médium, como ocorre na forma inconsciente;
3º) não é indispensável a presença do Espírito comunicante que, as vezes, atua à distância;
4º) o médium não perde sua capacidade ambulatória nem há inibição de qualquer natureza para o lado do seu corpo físico;
5º) o médium não é submetido a sono sonambúlico e nenhuma interferência anímica se pode dar;
6º) opera-se uma substituição, ou melhor uma sobreposição da mente individual do médium pela do Espírito comunicante que fica, assim, com inteiro domínio físico do médium, pelo comando dos centros cerebrais e anímicos.

Como bem se compreende, para esta forma de mediunidade exigem-se médiuns especiais, dotados de sensibilidade apurada, de perfeito equilibro psíquico. Pode-se dizer que esta é uma mediunidade de exceção (20).

(20) Conhecemos casos de artistas, pintores, músicos, poetas, e outros, que produzem muitas de suas obras por meio ou com o auxílio desta modalidade de incorporação.

Por outro lado trata-se de um processo de eleição para comunicação de Espíritos superiores, dotados de alta capacidade mental, os quais, sem abandonar os planos que lhes são próprios no mundo espiritual e utilizando-se de energias cósmicas ainda pouco conhecidas, lançam seus pensamentos através do espaço, estabelecem contacto com o médium, assenhoreiam-se de suas mentes e, através delas, filtram suas idéias e pensamentos.

Este processo tem curso preferencial quando ditos Espíritos, por quaisquer

circunstâncias, não desejam atravessar as espessas, rudes e baixas camadas espirituais ligadas ao planeta e resolvem assim manifestar-se a grandes distâncias.

PSICOGRAFIA

Outra forma de incorporação parcial é a manifestação escrita cujo nome técnico é psicografia.

A maioria dos estudiosos da doutrina inclue esta faculdade no rol dos efeitos físicos, mas julgamos mais conveniente inclui-la como incorporação parcial, justamente porque se trata de uma incorporação parcial.

O Espírito comunicante utiliza-se do braço e mãos do médium, préviamente postos em condições de abandono e após um treinamento mais ou menos trabalhoso.

Normalmente o médium permanece nos estados consciente ou semi-consciente e é através desta modalidade preciosa que nos têm vindo as mais puras gemas da literatura espírita.

Seu melhor aspecto é quando o Espírito comunicante consegue a completa insensibilidade do braço do médium, porque assim êste não oferece resistência alguma de caráter reflexo e a comunicação pode durar longo tempo sem que haja cansaço para o médium.

Há todavia médiuns que escrevem comunicações ditadas pelos Espíritos sem que êstes exerçam ação mecânica sobre o braço do médium. Nestes casos o fenômeno é unicamente telepático e não psicográfico, como mais para diante veremos.

Pela psicografia são produzidos os desenhos mediúnicos e outros trabalhos em que o Espírito se utiliza das mãos do médium, diretamente, e sem interferência deste.

* * *

Resta-nos agora algumas palavras sôbre a transfiguração, para fecharmos êste capítulo.

TRANSFIGURAÇÃO

A transfiguração, em sua natureza intima, é aparentemente um efeito físico, porém, segundo os pontos de vista deste nosso estudo, deve ser classificada como incorporação.
O Espírito operante atua sobre o médium, adormece-o e o desliga parcialmente do corpo denso e o. faz para provocar um relaxamento dos centros nervosos e, consequentemente, dos tecidos orgânicos da região que pretende modificar em seu aspecto.

Em seguida se interpõe entre o perispírito desligado e êsse corpo denso, de forma a poder assumir o comando dos conjuntos orgânicos pertencentes ou ligados à região onde quer operar.

O parcial desligamento do médium produz um estado de liberação dos tecidos e centro nervosos dos quais o espírito operante assume então, como dissemos, o comando.

Com sua vontade age êle fortemente, atraindo ao seu próprio perispírito, que passa então a servir de molde temporário, os tecidos relaxados e indefesos da região visada, os quais então se vão adaptando, acomodando-se, ao novo molde e assim aparentando as formas e demais características orgânicas do Espírito operante.

Diz-se comumente que nestes casos há uma sobreposição de perispíritos, porém se fôsse só isso o fenômeno seria visível somente para videntes porque todo êle se passaria no campo do invisível, o que nem sempre se dá; e se a sobreposição fôsse do corpo denso do Espírito operante, teria havido uma materialização, caso então em que seriam visíveis dois corpos e não um somente.

Diz-se que há superposição porque o fenômeno se passa nos limites, no âmbito do corpo físico do médium, utilizando-se o Espírito operante dos próprios elementos constitutivos desse corpo.

De qualquer forma êstes fenômenos são raros e por isso merecem estudo especial: o que atrás dissemos representa somente uma ligeira contribuição a esse estudo.

12
EFEITOS FÍSICOS

Como vimos atrás, há uma corrente de investigadores que não aceita a incorporação como mediunidade, por não manifestarem os médiuns desta classe a posse de uma fôrça psíquica, especial e definida que produza fenômenos. Dão assim a entender que os verdadeiros médiuns são somente os de efeitos físicos.

Já dissemos também que discordamos dêste conceito e agora o repetimos porque, nesta modalidade de efeitos físicos, justamente ao contrário, o médium não é agente, não é produtor de fenômenos mas unicamente um elemento que fornece parte dos fluidos necessários à produção dos fenômenos; e dizemos parte dos fluidos porque há também necessidade de outros fluidos que o médium não possue e que são retirados de outras fontes.

Esta forma de efeitos físicos é a mediunidade em que fenômenos objetivos se revelam, envolvendo elementos materiais pesados e permitindo exame direto, do ponto de vista científico.

Nestas manifestações o médium pode permanecer em transe ou completamente desperto, caso este em que então se coloca na posição de mero espectador.

De tais fenômenos físicos os mais comuns são os seguintes:

LEVITAÇÃO

É o fato de pessoas ou coisas serem erguidas ao ar sem auxílio exterior de caráter material, contrariando assim, aparentemente, as leis da gravidade.

Muitas teorias foram aventadas para explicar o fenômeno mormente essa, já citada, "da fôrça psíquica possuída pelo médium" mas, o que realmente se dá é que os Espíritos operantes envolvem a pessoa ou coisa a levitar em fluidos pesados, isolando-os assim do ambiente físico sobre o qual se exerce normalmente a lei do peso; assim isolados podem então ser, tais pessoas ou coisas, facilmente manejados, em qualquer sentido.

A ação do Espírito sobre o material a levitar se realiza pela utilização das suas próprias mãos convenientemente materializadas, ou com auxilio de hastes, bastões, espátulas, etc., fluídicas, préviamente condensadas; ou ainda, mas isto em casos mais raros, pela força do próprio pensamento fortemente concentrado. Em todos os casos, porém, a ação do operador invisível se dá sempre sobre a substância isoladora, que passa, assim a ser um suporte, uma base de ação.

Nada há pois de extraordinário em que uma mesa pesada, por exemplo, ou o corpo do médium, sejam levantados do chão e movidos do seu lugar, como comumente acontece em trabalhos desta natureza; e quando êstes se realizam com a presença de videntes bem exercitados estes podem perfeitamente constatar o trabalho prévio de isolamento, tanto do médium como dos objetos a levitar.

Os casos mais raros desta modalidade são as levitações plenas do corpo do médium, que pode, durante o transcurso do fenômeno, permanecer às vêzes plenamente consciente. Um exemplo clássico dêstes fenômenos foram as levitações do médium Home que, só na Inglaterra, foi levantado mais de cem vêzes, em algumas indo até o teto do aposento, onde permanecia em várias posições e plenamente consciente.

TRANSPORTES

Podem se dar em presença e à distância.

No primeiro caso a pessoa ou coisa são levantados e levados de um ponto para outro no próprio local da sessão e, no segundo, transportados para fora, ou trazidos de fora para dentro do local da sessão.

Nesta segunda hipótese, não havendo alguma passagem aberta (porta, janela, fresta) por onde a pessoa ou a coisa possam passar, naturalmente, os Espíritos operantes são obrigados a proceder a desmaterializações no ponto de origem e rematerializações no ponto

de chegada o que demanda, está visto, maior capacidade realizadora da parte do operador.

TIPTOLOGIA

Nesta classe de fenômenos, tomando-se como tipo clássico as mesas falantes, verifica-se que ocorrem casos de levitação parciais, que facilitam as pancadas batidas com os pés da mesa. O emprêgo dessas mesas, muito usado até há pouco tempo, passou agora de época, sendo usados diferentes tipos de aparelhos mecânicos, entre outros os que consistem em uma prancheta, um mostrador contendo o alfabeto, ou quaisquer outros sinais convencionados, sôbre o qual se move, apontando os sinais gráficos, um ponteiro ultra-sensível, sôbre o qual agem os Espíritos comunicantes.

Tiptologia também são os "raps", pancadas sôbre móveis, etc, obtidos pelos Espíritos mediante a condensação de fluidos pesados, que projetam sôbre as superfícies visadas; utilizam-se êles também de suas próprias mãos, prêviamente materializadas, no nível necessário à produção dêstes fenômenos.

Os Espíritos produzem êstes efeitos seja para assinalar a sua presença e desejo de se comunicarem com alguém, seja para demonstrações em sessões de estudos; seja ainda para satisfazer intuitos malsãos de perturbar os encarnados.

Também dêste ramo são os casos que se observam nas sessões de efeitos físicos quando se desencadeia uma verdadeira tempestade de pancadas e ruídos, não havendo para o caso explicação razoável; trata-se simplesmente de uma ação preparatória: os Espíritos batem rápida e fortemente para sanear o ambiente da saturação intensa de fôrças físicas exteriorizadas pelos, assistentes e que, quase sempre, prejudicam a manifestação de fenômenos mais elevados desta espécie, que em seguida enumeramos.

MATERIALIZAÇÃO

Para a produção dêste fenômeno, o Espírito operante, tendo conseguido tirar do médium, dos assistentes e do ambiente que lhe é próprio, o volume necessário de fluído pesado, combina-o com fluído mais fino, oriundo do plano espiritual, condensa-o ao ponto que baste para revestir com êle o perispírito do Espírito que vai manif estar-se, tornando-o assim visível aos olhos materiais.

Em graus mais avançados o "fantasma" se mantém íntegro durante tempo relativamente longo, tornando-se perfeitamente tangível e oferecendo à análise direta do observador todos os fenômenos do metabolismo fisiológico.

O caso mais notável de materialização vamos dizer "a longo prazo" foi estudado e descrito pelo sábio inglês William Crookes que, operando com a médium Miss Cook, teve sob seu contrôle e análise, durante alguns anos, o Espírito materializado de Katie King.

Dêste campo são também os casos de materializações luminosas em que os fluídos empregados são mais do próprio mundo espiritual.

Vejamos agora como André Luiz, o grande revelador de coisas novas no campo do Espiritismo objetivo, descreve uma sessão de materialização que presenciou durante seu aprendizado no espaço. (21)

(21) Missionários da Luz – André Luiz.

\- Na noite aprazada Alexandre, que me proporcionava a satisfação de seguir-me de perto, conduziu-me à casa residencial onde teria lugar a assembléia diferente.

"A reunião seria iniciada às vinte e uma horas, mas, com antecedência de cinqüenta minutos, estávamos ambos ali, na sala intima, acolhedora e confortável, onde grande número de servidores do nosso plano iam e vinham.

"... Demandamos respeitosos o interior doméstico. Admiradíssimo notei a enorme diferenciação ambiente. Não havia ali como em outras reuniões a que assistira, a grande comunidade de sofredores às portas.

"A residência particular chegava a ser isolada por extenso cordão de trabalhadores de

nosso plano num círculo de vinte metros em derredor. Percebendo-me a estranheza Alexandre explicou:

- "Aqui é indispensável o máximo cuidado para que os princípios mentais de origem inferior não afetem a saúde física dos colaboradores encarnados, nem a pureza do material indispensável aos processos fenomênicos. Em vista disso torna-se imprescindível insular o núcleo de nossas atividades, defendendo-as contra o acesso de entidades menos dignas, através de fronteiras vibratórias.

"... Todo o perigo dêsses trabalhos está na ausência de preparo dos nossos amigos da Crosta, que, na maioria das vêzes, alegando impositivos científicos, se furtam a comezinhos princípios de elevação moral. Quando não se verifica o devido cuidado por parte dêles o fracasso pode assumir características terríveis, porque os irmãos que estabelecem as fronteiras vibratórias, no exterior do recinto, não podem impedir a entrada dessas entidades inferiores, absolutamente integradas com as suas vítimas terrenas.

"Há obsidiados que se sentem tão bem na companhia dos perseguidores, que imitam as mães terrestres agarradas aos filhos pequeninos, penetrando recintos consagrados a certos serviços, com os quais não se compadece ainda o espírito infantil. Quando os amigos menos avisados ingressam na tarefa em tais condições as ameaças são verdadeiramente inquietantes.

Surpreendido notei o esfôrço de vinte entidades de nobre hierarquia, que movimentavam o ar ambiente. Em seus gestos rítmicos acemelhavam-se a sacerdotes antigos que estivessem executando operações magnéticas de santificação interior do recinto.

"— Não se trata, esclareceu Alexandre, de hierofantes em gestos convencionais. Temos ali esclarecidos cooperadores do serviço, que preparam o ambiente, levando a efeito a ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos.

"Nos trabalhos dêste teor requisitam-se processos acelerados de materialização e desmaterialização da energia.

Não decorreram muitos instantes e alguns trabalhadores da nossa esfera compareceram trazendo pequenos aparelhos que me pareceram instrumentos reduzidos, de grande potencial elétrico, em virtude dos raios que movimentavam em tôdas as direções.

"Êstes amigos, explicou meu generoso instrutor, estão encarregados de operar a condensação do oxigênio em tôda a casa, O ambiente para a materialização de entidades do nosso plano invisível aos homens requer elevado teor de ozônio e, além disso, é indispensável semelhante operação a fim de que tôdas as larvas e expressões microscópicas de atividade inferior sejam exterminadas.

"O ectoplasma ou fôrça nervosa, que será abundantemente extraido do médium, não pode sofrer, sem prejuízos fatais, a intromissão de certos elementos microbianos.

"Logo depois reparei, surpreendido, o trabalho de várias entidades que chegavam do exterior, trazendo extenso material luminoso.

— São recursos da Natureza, informou-me o instrutor solícito, que os operários de nosso plano recolhem para o serviço. Trata-se de elementos das plantas e das águas, naturalmente invisíveis aos olhos dos homens, estruturados para reduzido número de vibrações.

"... Não se passaram muitos minutos e a jovem médium, afável e simpática, deu entrada no recinto, acompanhada por diversas entidades, dentre as quais se destacavam um amigo de elevada condição, que parecia chefiar o grupo de servidores. Esse exercia considerável contrôle sôbre a moça, que a êle se ligava através de tênues fios de natureza magnética.

"Alexandre, Verônica (enfermeira) e mais três assistentes diretos de Alencar (orientador do aparêlho mediúnico), colocaram as mãos, em forma de corôa, sôbre a fronte da jovem e vi que suas energias reunidas formavam vigoroso fluxo magnético que foi projetado sôbre o estômago e o fígado da médium, órgãos êsses que acusaram imediatamente, novo ritmo de vibrações... Em poucos minutos o estômago permanecia inteiramente livre.

"Agora, exclamou Verônica, serviçal, preparemos o sistema
nervoso para as saídas da força.

"Reparei a diferenciação dos fluxos magnéticos, diante da nova operação posta em prática.

"Separaram-se os assistentes de algum modo e, enquanto Alexandre projetava a energia que lhe era peculiar sôbre a região do cérebro, Verônica e os companheiros lançavam os recursos que lhe eram próprios sôbre todo o sistema nervoso central, encarregando-se cada um de determinada zona dos nervos cervicais, dorsais, lombares e sacros. As fôrças projetadas sôbre a organização mediúnica efetuavam limpeza eficiente e enérgica, porqüanto via, espantado, os residuos escuros que lhes eram arrancados dos centros vitais.

Prosseguindo o exame dos trabalhos em curso, reparei que Verônica alçava, agora, a destra sôbre a cabeça da jovem, demorando-a no centro da sensibilidade.

"— Nossa irmã Verônica, explicou meu generoso orientador, está aplicando passes magnéticos como serviço de introdução ao desdobramento necessario.

Entre os votos de êxito dos companheiros encarnados semi-confiantes, a médium foi conduzida ao pequeno gabinete improvisado, fazendo-se em seguida, ligeira oração. Via-se no entanto que, como acontecia em outras reuniões, os amigos terrestres emitiam muitas solicitações silenciosas, entrando as vibrações mentais em conflito ativo, desservindo ao invés de auxiliar no trabalho da noite, que requisitava a mais elevada percentagem de harmonia. À claridade fraca e suave da luz vermelha que substituira a forte lâmpada comum, notava-lhes as emissões luminosas do pensamento.

Diversos servidores espirituais começaram a combinar as radiações magnéticas dos companheiros terrenos, a fim de constituirem material de cooperação enquanto Calimério projetando seu sublime potencial de energias sôbre a médium operava-lhe o desdobramento que durou alguns minutos. Verônica e outras amigas amparavam a jovem, parcialmente liberta dos veículos físicos, mas algo confusa e inquieta, ao lado do corpo, então mergulhado em profundo transe.

Em seguida notei que, sob a ação do nobre orientador da tarefa, exteriorizava-se a fôrça nervosa, à maneira de um fluxo abundante de neblina espessa e leitosa.

Fêz-se música no ambiente e vi que o irmão Alencar, depois de ligar-se profundamente à organização mediúnica tomava forma, ali mesmo ao lado da médium, sustentada por Caliméro e assistida por numerosos trabalhadores.

Aos poucos, valendo-se da fôrça nervosa exteriorizada e de várias matérias fluídicas extraídas no interior da casa, aliadas a recursos da Natureza, Alencar surgiu aos olhos dos encarnados, perfeitamente materializado" (22).

(22) Transcrevemos na íntegra, com pequenas soluções de continuidade, estas páginas da citada obra, por conterem inúmeras lições de alto valor, que convem difundir o mais possível.

VOZ DIRETA

Existe quando os Espíritos comunicantes, ao invés de falarem incorporados em um médium, ou usando de processos telepáticos, já estudados, fazem-no diretamente, através de um aparêlho vocal improvisado no plano invisível.

Modalidades deste fenômeno são os assobios, o canto etc., e para sua produção, em geral, é utilizada pelos Espíritos a matéria plástica fluídica denominada ectoplasma.

Quando a quantidade de fluido é suficiente podem falar vários Espíritos ao mesmo tempo e em diversos pontos de aposento no qual se realiza o trabalho e quando êle escasseia os Espíritos são obrigados a falar o mais junto possível do médium de efeitos físicos, doador principal dos fluidos.

Não temos espaço neste ligeiro trabalho para entrar em análise mais detalhada do assunto e citamos apenas alguns de seus aspectos mais interessantes; mas podemos entretanto, acrecentar que estas manifestações de voz direta apresentam duas modalidades que são: fenômenos de classe inferior e fenômenos de classe superior, sendo os primeiros aqueles que os Espíritos provocam usando fluidos pesados, obtidos no próprio ambiente em

que, no momento, atuam e os segundos aqueles que exigem purificação e filtragem dos fluidos, combinações com fluidos mais finos, obtidos do reservatório cósmico e com outros elementos operacionais que, no mais das vezes, não estão ao alcance da maioria dos operadores, exigindo por outro lado médiuns de maior capacidade. (23)

(23) Desses médiuns citamos por exemplo: Valiantine, cujos trabalhos estão magistralmente descritos por Bradley em sua célebre obra "Rumo às Estrelas". Edição LAKE — São Paulo.

Em geral, para a obtenção dos fenômenos de efeitos físicos, entre os quais se enquadram os de voz direta, forma-se no plano invisível um grupo de Espíritos que agem em comum, sob a chefia do mais autorizado, com uma mais ou menos perfeita e detalhada distribuição de tarefas.

Uns, por exemplo, se encarregam de colher os fluidos pesados fornecidos pelo médium e assistentes; outros de misturar e manipular esses fluidos em recipientes apropriados ou moldá-los em suas próprias mãos; outros de isolar o ambiente do trabalho, tanto no plano físico como no etéreo, estabelecendo cordões vibratórios de segurança às vezes a distâncias apreciáveis; outros de ligar entre si fluidicamente os assistentes encarnados, para estabelecer a necessária corrente magnética; outros de produzir fenômenos diversos como levitações (de pessoas ou coisas), transportes, etc.; outros de purificar o ambiente e higienizá-lo segundo as necessidades vibratórias do trabalho a produzir; outros, enfim, de produzir pancadas, etc.

Nas manifestações de voz direta, de que estamos tratando, surge ainda o trabalho mais delicado de preparar a máscara ou a garganta fluídica, conforme o caso, para a emissão dos sons.

Vejamos como o Espírito já citado, André Luiz, descreve uma manipulação deste gênero:

— "André, falou o meu orientador em tom grave, improvisemos a garganta ectoplásmica. Não podemos perder tempo

"E identificando-me a inexperiência acrescentou:

Não precisa inquietar-se. Bastará ajudar-me na mentalização das minúcias anatômicas do aparelho vocal. A força nervosa do médium é matéria plástica e profundamente sensível às nossas criações mentais.

"Logo após Alexandre tomou pequena quantidade daqueles eflúvios leitosos, que se exteriorizavam, particularmente através da boca, narinas e ouvidos do aparelho mediúníco, e como se guardasse nas mãos reduzida quantidade de gesso fluído começou a manipulá-lo, dando-me a impressão de estar completamente alheio ao ambiente. pensando com absoluto domínio de si mesmo, sobre a criação do momento.

"Aos poucos vi formar-se, sob meus olhos atônitos, um delicado aparelho de fonação. No intimo do esqueleto cartilaginoso, esculturado com perfeição na matéria ectoplasmática, organizavam-se os fios tenuíssimos das cordas vocais, elásticas e completas, na fenda glótica e, em seguida Alexandre experimentou emitir alguns sons, movimentando as cartilagens aritenóides.

"Formara-se, ao influxo mental e sob a ação técnica de meu orientador, uma garganta irrepreensível.

"Com assombro verifiquei que, através do pequeno aparelho improvisado e com a cooperação do som de vozes humanas guardadas na sala, nossa voz era integralmente percebida por todos os encarnados presentes". (24)

(24) "Missionários da Luz" — André Luiz.

* * *

Mas há também, como dissemos, manipulação com filtragem do fluído pesado, cujo processo é o seguinte: recolhido esse fluído (cuja origem é o médium e os assistentes encarnados) em cubas, tigelas ou recipientes outros, é ele misturado então com fluidos mais

finos, obtidos em esferas mais elevadas e em seguida depositado em um recipiente, em geral cilíndrico, ao qual é imprimido então, por processos especiais, intenso movimento rotatório circular, para efeito de centrifugação, da qual resulta, por fim, um material fluídico, semi-pastoso, suficientemente condensado e manipulável à mão.

Com essa substância, segundo o caso, os Espíritos constróem então uma máscara da parte inferior do próprio rosto, revestindo também com a mesma substância, seus próprios órgãos de fonação perispiritual.

Estabelecem em seguida uma ligação fluídica desse conjunto semi-materializado com os órgãos de fonação do médium e passam em seguida, a emitir os sons e as palavras desejadas que transitando pelo fio de ligação agem sobre as cordas vocais do médium que, então, vibram correspondentemente reproduzindo esses sons e palavras.

Quando há bastante fluído podem falar vários Espíritos simultaneamente, sendo então construidas várias máscaras e casos há de materializações mais avançadas em que os Espíritos falam diretamente, sem ligação com os médiuns.

A mesma substância manipulada permite aos Espíritos atuarem sobre os megafones, que são usados para ampliação sonora.

Quando há fluído suficiente os sons e vozes são claros, fortes e a manifestação dura por mais tempo; quando o fluído escasseia tudo diminue de intensidade, de volume, de clareza e de extensão.

O mesmo sucede com o megafone que é ágil, vibrante, no primeiro caso e dificilmente pode ser movimentado no segundo, sendo de notar, entretanto, que seu uso não é indispensável, como é claro, para a produção dos fenômenos.

* * *

Abrimos agora um parênteses para dizer que os efeitos físicos tanto se podem dar no campo da matéria densa, como no da rarefeita, sendo os primeiros de natureza concreta, direta e objetiva, como por exemplo a maioria dos fenômenos que acabamos de relacionar; ao passo que os segundos são de natureza subjetiva, de constatação indireta e de classificação correlativa como se dá com os que em seguida passamos a descrever.

13
FENÔMENOS CORRELATOS

1) Desdobramento

Desdobramento é um processo de exteriorização do perispírito e dele decorrem vários outros fenômenos, de nomes bizarros, mais para diante enumerados, que os investigadores do psiquismo indevidamente entronizam em separado e de forma independente.

No desdobramento o Espírito, no veículo menos denso do perispírito, abandona o corpo carnal ao qual, todavia, como sempre sucede nestes casos, permanece ligado pelo cordão umbelical fluídico.

Nesse estado de relativa liberdade, análogo ao sono, passa a agir de certa forma e pode afastar-se a consideráveis distâncias.

Por se tratar de um desligamento de corpos é que incluimos o desdobramento nà categoria dos efeitos físicos, na qual poderiam também ser incluidos os estados de sono e de morte, que são também efeitos físicos: e se o sono, neste nosso trabalho, está no capítulo da Lucidez é porque, como já dissemos atrás, representa um período de transição para o sonho, que é fenômeno de lucidez.

O desdobramento pode ser consciente ou inconsciente, segundo seja voluntário ou compulsório e, como ambos os casos interessam igualmente, vamos enumerar alguns detalhes e inverter a ordem para tratar em primeiro lugar do fenômeno inconsciente.

Este tanto pode ser provocado por encarnados como por desencarnados que, comumente, se utilizam de processos hipnóticos, mergulhando o paciente em sono

sonambúlico.

Podem também ocorrer em casos de morbidez psíquica: emoções profundas, depressões graves, misticismo exagerado, desejo de desencarne, etc., quando o indivíduo, por efeito desses estados anormais, fica sujeito a forças estranhas e imprevistas.

Mas, para este nosso estudo, vamos considerar somente os casos normais, típicos.

I — DESDOBRAMENTOS INCONSCIENTES

a) Operadores encarnados

Iniciam o processo com passes longitudinais desligando o perispirito dos centros da atividade sensorial (plexus, nervos); com isto apagam as percepções do Espírito com o corpo físico e com o mundo exterior, conquanto ele permaneça semi-consciente como no sonho. Prosseguem intensificando a ação dos passes e mergulhando o Espírito em sono sonambúlico durante o qual este perde a consciência e a capacidade volitiva, passando a ser instrumento obediente às influências mentais dos operadores que podem impulsioná-lo na direção que desejarem

Esta é uma prática perigosa porque, na maioria das vezes não se pode confiar no critério ou penetrar nas intenções dos operadores, que, comumente, agem com finalidades subalternas.

b) Operadores desencarnados

Podem ser: bemfeitores espirituais, que provocam a exteriorização com fins educativos, ou para a obtenção de efeitos morais, permitindo visitas e contactos benéficos, dos quais o paciente regressa reconfortado e esclarecido; obsessores e vampiros, que agem com intuitos de vingança, dominação ou perversão, e que conduzem o paciente a lugares maus e contactos impuros, dos quais regressa em estado de terror ou de perturbação.

Nestes casos de vampirismo o corpo físico do paciente corre também sério risco porque, reflexivamente, se sobressalta e padece, enquanto dura a exteriorização; como também e principalmente porque pode ser vítima, nesse estado, de incorporações abusivas de Espíritos maldosos ou intensamente afins, com permanência às vezes demorada, não permitindo mesmo a recuperação do corpo físico, por parte do legítimo possuidor.

De uma certa forma estes últimos são verdadeiros casos de possessão transitória e ném sempre podem ser impedidos pelos protetores individuais da vítima quando esta, pela sua conduta e condições morais, é solidária na responsabilidade do acontecimento que, comumente, lhe apraz.

II — DESDOBRAMENTOS CONSCIENTES

Ou também chamados "voluntários" são os provocados pelos próprios interessados, no exercício de práticas de auto-realização psíquica.

Sugerimos as seguintes regras fundamentais:

1º) Esforçar-se por conservar a consciência própria em todo Ô transcurso do processo e estar sempre animado da convicção dc que realiza suas práticas com objetivos nobres e elevados. Esta regra assegura proteção espiritual em todas as circunstâncias.

2º) Apelar previamente para o protetor espiritual, sem cujo auxílio não deve o operador se aventurar neste campo, porque enquanto dura o desdobramento, qualquer violência ou golpe desferido sobre o perispírito pode refletir no corpo denso.

3º) De início assumir consigo mesmo o compromisso de não se deslocar para longe do corpo físico e do aposento em que faz o exercício e antes que tenha conseguido plena consciência fora do corpo, contacto com o protetor espiritual e ausência de temor.

4º) Certeza de que o corpo físico repousa em segurança em lugar adequado, podendo a ele voltar, sem impedimento, assim que o deseje.

Tomadas estas disposições e consideradas estas diversas circunstâncias, inicie-se então

a prática, fazendo tentativas não demoradas (máximo de 30 minutos) e de preferência à meia madrugada, após um sono reparador de algumas horas.

Observe os primeiros resultados: o modo por que sai do corpo (pela cabeça, pelos flancos, pelos pés, etc.); a posição em que se encontra após a exteriorização; a impressão que lhe causa o corpo físico adormecido, e o ambiente em que se desdobrou, etc., tudo com o fito de conservar a consciência desperta.

Em momento oportuno, mais tarde, o protetor individual se mostrará e então tudo pode ser ampliado e terá o médium boa e segura companhia para se aventurar no exterior.

Nos primeiros tempos, enquanto não se dá o desdobramento, haverá desagradável tensão nervosa, pela interferência da vontade no processo natural do desprendimento, porém, conseguido que seja o primeiro sucesso, a tensão desaparecerá e haverá sempre bem-estar após os exercícios que, nem por isso, todavia, devem ser amiudados.

Estes são os primeiros passos e as principais recomendações a fazer para o desenvolvimento desta utilíssima capacidade psíquica sendo que tudo o mais, daí para diante, deve ser realizado em pleno entendimento com o protetor individual.

2) Bilocação

Fenômeno mediante o qual se constata a presença de um mesmo Espírito encarnado em dois lugares, aparentemente ao mesmo tempo.

Aparentemente, porque os Espíritos, conquanto possam irradiar seus pensamentos para muitos lugares ao mesmo tempo — os superiores, bem entendido — não possuem realmente o dom de ubiqüidade.

A bilocação não é uma faculdade mediúnica mas um fato que se verifica em determinadas circunstâncias e que decorre do desdobramento, porque para encarnados não se pode dar bilocação sem exteriorização do Espírito.

Um exemplo clássico: Apolônio de Tiana estando em Efeso, falando em uma reunião calou-se repentinamente e logo em seguida passou a anunciar o assassinato do imperador, que nesse mesmo momento estava presenciando em Roma e no qual intervinha gritando: morte ao tirano!

Portanto, o fenômeno, do ponto de vista mediúnico, é sempre passageiro e tem dois aspectos consecutivos e complementares: desdobramento no primeiro e incorporação, vidência ou materialização, no segundo.

Incorporação quando o Espírito, abandonando seu corpo carnal no local onde se encontra, dá uma comunicação, falada ou escrita, em local diferente; vidência quando, exteriorizado do corpo em dado local, se manifesta astralmente em outro; e, finalmente, materialização quando, desdobrado num local, condensa-se de forma a poder ser visto em outro, por uma ou mais pessoas, mesmo não dotadas da capacidade de vidência.

3) Bicorporeidade

É fenômeno da mesma natureza que bilocação, com a diferença que esta mostra o acontecimento em seu aspecto de local de manifestação enquanto que a bicorporeidade o mostra em relação ao veículo de manifestação; bilocação significando dois lugares e bicorporeidade significando dois corpos.

Mas o fenômeno, em si mesmo, é semelhante: o Espírito exterioriza-se no local onde está e mostra-se no local para onde se locomoveu.

Há todavia, modalidades diferentes do fenômeno, fato este que, justamente, motivou a série de classificações e explicações complicadas e confusas formuladas por alguns escritores espiritualistas.

Uma destas modalidades é o caso dos "doublés"; indivíduos que deparam com um corpo físico duplo do seu, dotado ainda mais, em algumas vezes, da faculdade de falar.

Não negamos estes fatos, dos quais há inúmeras referências na literatura espiritualista e, segundo sabemos, a duplicata tanto pode ser uma projeção ideoplástica do indivíduo-base, criada consciente ou inconscientemente (caso em que ela seria muda), ou se trataria

de uma caracterização, uma simulação feita por um Espírito desencarnado, manifestando-se em aspecto físico, indumentária, etc., semelhantemente ao indivíduo-base, caso em que, então, o doublé poderia falar.

Em se tratando, porém, de Espíritos desencarnados, de certo grau hierarquico, estes podem fazer-se visíveis em lugares diferentes, como já dissemos; essa forma visível, nestes casos é animada e possui o aspecto e os característicos que o Espírito atuante deseja imprimir-lhe.

Estes casos, entretanto, não devem ser considerados fenômenos de bilocação ou bicorporeidade, do setor mediúnico, visto que representam o exercício normal de um poder inerente a esses Espíritos.

* * *

Não é possível a um mesmo Espírito animar ao mesmo tempo a dois corpos, quando mais não seja pela simples razão de que se a personalidade é variável, a individualidade é indivisível.

Para tal seria necessário que o Espírito se bipartisse o que, fundamentalmente, não é possível, porque as ligações perispirituais da encarnação só se dão com um corpo material determinado e são tão profundas e especificamente individualizadas que somente com a morte se rompem.

De tudo se conclui, como regra geral, que em todos esses casos, mutatis mutandis, o Espírito se exterioriza do seu corpo carnal no local onde se encontra e assim desdobrado manifesta-se em outros lugares em variadíssimas condições e circunstâncias, mas nunca ao mesmo tempo e jamais em dupla individualidade.

4) Dupla personalidade

Há, por último, os casos de dupla personalidade, que consistem em um mesmo indivíduo apresentar profundas alterações de sua personalidade comum ou costumeira, no temperamento, no caráter, na cultura, na educação, na voz, nos hábitos, etc.; alternando as diferentes personalidades às vezes durante meses e anos, como se tem de há muito tempo verificado. Citam-se mesmo casos de tripla e quadrupla personalidade, alternando-se sucessivamente meses e anos, no mesmo indivíduo.

Aqui não se trata de desdobramento que, como vimos, é a base comum dos fenômenos anteriormente citados. Na dupla personalidade, se ficar provado que não se trata de incorporações de entidades estranhas, (caso em que o fenômeno não teria originalidade pois já o estudamos no capítulo das incorporações) e se for demonstrado que tudo se passa no campo íntimo do médium, a explicação do fenômeno, segundo pensamos, pode ser a seguinte:

Por motivos diversos, internos ou externos, que não é necessário enumerar, dilata-se para o médium o campo da mente menor (a usualmente utilizada) e o indivíduo passa a viver, temporariamente, com uma consciência diferente, que corresponde a um setor diferente da mente maior no qual, pelos motivos diversos a que nos referimos, temporàriamente se integrou.

E como êsse diferente setor consciencional corresponde a fatos relacionados a uma outra encarnação, o indivíduo, dessa encarnação, manifesta uma personalidade diferente da pertencente ao mesmo indivíduo na presente encarnação, porque, como já dissemos, a personalidade é variável enquanto que a individualidade é indivisível.

André Luiz cita um caso que pode ser considerado de puro animismo: o de uma mulher que, a aproximação de um desafeto desencarnado que a persegue, deixa-se dominar por reflexos da vida anterior, quando foi apunhalada por ele, revive em si mesmo os antigos sofrimentos e representa a personalidade do passado.

É um caso interessante na forma curiosa a confundir-se com a dupla personalidade, vão por reingressão na mente maior, mas por reativações momentâneas das reminiscências guardadas no sub consciente e que perduram mesmo através o desencarne e o re-

nascimento.

Ela supõe encarnar uma personalidade diferente mas na realidade somente exteriorisa o mundo de si mesma. Um caso forte de animismo, pois.

E assim como o médium pode manifestar personalidade dupla vivendo em dois setores da mente maior, pela mesma razão e pelas mesmas leis poderá aparentar personalidade tripla ou quádrupla, se bem que, isto agora, só se possa dar em circunstâncias mais raras o mais difíceis.

Mas, em todos os casos, como a mente total é uma só, (conquanto possa entrar em atividade parcelada), e igualmente como sucede nas exteriorizações, nunca se dá divisão do Eu, que é sempre uno, indivisível, integral.

* * *

Vejamos agora a última manifestação de efeitos físicos, nesta série que estamos enumerando.

MEDIUNIDADE CURADORA

É a capacidade possuida por certos médiuns de, por si mesmos, curarem moléstias, provocando reações reparadoras de tecidos e órgãos do corpo humano, inclusive as oriundas de influenciação espiritual.

Assim como há médiuns que emitem fluidos próprios à produção de efeitos físicos concretos (ectoplasmia) há-os igualmente para a emissão daqueles que operam as reparações acima referidas.

O fluído, em essência, é sempre o mesmo: substância cósmica fundamental, mas suas propriedades e efeitos variam imensamente, segundo a natureza da fonte geradora imediata, da vibração específica e, em muitos casos, como por exemplo êste, de cura, segundo o sentimento que presidiu ao ato da emissão.

A diferença entre os dois fenômenos está em que no primeiro caso (ectoplasmia) o fluído é pesado, denso, próprio à elaboração de formas ou à produção de efeitos objetivos por condensação, ao passo. que, no segundo, é sutilizado, radiante, próprio a alterar condições vibratórias preexistentes.

O médium curador goza da aptidão de captar esses fluidos leves e benignos nas fontes energéticas da Natureza, irradiando-os, em seguida, sobre o doente, revigorando órgãos, normalizando funções, destruindo placas e quistos fluídicos produzidos por auto-obsessão ou por influenciação direta.

Põe-se em contacto com essas fontes, orando e concentrando-se, animado do desejo de exercer a caridade evangélica e, como a lei do amor é a que preside a todos os atos da vida espiritual superior, êle se coloca em condições de vibrar em consonância com tôdas as atividades universais da Criação; encadeia fôrças de alto poder construtivo que, então, vertem sôbre êle e se transferem ao doente que, a seu turno, pela fé ou pela esperança, se colocou na mesma sintonia vibratória.

Os fluidos radiantes interpenetram o corpo físico, atingem o campo da vida celular, bombardeiam os átomos, elevam-lhes a vibração intima, e injetam nas células vitalidade mais intensa que, em consequência, acelera as trocas (assimilação, eliminação) do que tudo, por fim, resulta uma alteração benéfica, que repara lesões ou equilibra funções. Isto no corpo físico.

E agindo através dos centros anímicos (órgãos de ligação com o perispírito) atingem a êste que também se beneficia purificando-se pela aceleração vibratória, e assim se tornando incompatível com as de mais baixo padrão. Desta forma é que se operam as curas de perturbações espirituais, na parte que se refere ao perturbado prõpriamente dito.

Já sabemos que a maior parte das moléstias de fundo grave e permanente não podem ser curadas, porque representam resgates cármicos em desenvolvimento, salvo quando há permissão do Alto para fazê-lo, mas em todos os casos há benefícios para o doente porque, no mínimo, se conseguirá uma atenuação do sofrimento.

Nestes casos de curas aplicam-se as advertências que fazemos quando tratamos dos passes e radiações, convindo consultar êsses tópicos. Páginas 112 e 115.

E como falamos em curas espirituais julgamos acertado estender o assunto um pouco mais, para nos referirmos às obsessões.

OBSESSÕES

Obsessão, no entendimento geral, significa loucura mas nós, espíritas, sabemos que são desvios momentâneos e passageiros do equilíbrio psíquico, que nem sempre afetam a mente.

Este assunto tem sido muito estudado e os autores espíritas 'conhecem bem seus detalhes e, somente de passagem, a êle aqui nos referimos, para rematar as considerações que atrás fizemos sobre mediunidade curadora.

Dividimos as obsessões, quanto à origem, em internas e externas.

No primeiro caso o doente é o obsessor de si mesmo; existe, pois, uma auto-obsessão cujas causas podem ser: hipertrofia intelectual ou excesso de imaginação; vida contemplativa ou misticismo; esfôrço introspectivo sistemático, fixações mentais inalteráveis etc.

O doente constrói para si um mundo mental divergente, povoado de idéias fortes ou mórbidas, que se tornam fixas, ou de 'concepções abstratas ou fantasiosas que se sobrepõem à Razão, estabelecendo no campo da mente um regime de desvario, deslocando-a do campo das realidades ambientes. Nestes estados há sempre predomínio do sub-consciente.

Como se vê há um desvio funcional da mente consciente, com base no próprio espírito e, quando êsse desvio ultrapassa os limites daquilo que é considerado o máximo tolerável por todos, o indivíduo passa a ser taxado de lunático, demente.

Nestes casos o equilíbrio pode ser restabelecido com a simples modificação das atividades normais do doente, que devem ser orientadas, o mais possível para o campo das tarefas materiaiS concretas e objetivas. Busque-se uma instituição de pensamentos.

No segundo caso a obsessão é externa quando provocada por agentes estranhos, alheios ao doente, que podem ser: a) diretos: entidades desencarnadas b) indiretOS larvas (pensamentos formas) e outras espécies de influenciação telepática.

Em todos êstes casos a perturbação tem duração mais ou menos limitada e, afastada a causa, cessam os efeitos, quase sempre recuperando a mente sua normalidade anterior.

Somente podemos considerar loucura, isto é, desequilíbrio irremediável, OS casos em que o organiSmo foi invadido por agentes patológicos ou causadores de lesões nos centros anímicos como p. ex. a sífilis, o álcool, etc.

Então, como bem se percebe, não se trata mais de obsessão porém de lesões que impossibilitam a mente de funcionar em ordem, e é em relação a êstes casos principalmente, que a mediunidade curadora se limita a atenuação do sofrimento.

Nas obsessões mais graves, quando a cura é permitida, e em todos os demais casos só se colhem bons resultados quando o doente colabora, reagindo no campo moral, edificando-se no esforço de reabilitaçãO caso contrário os resultados serão pasSageiros, porque o doente acaba-se acumpliciando com o obsessor e a obsesSão, sistemàticamente reincide, em muitos casos perdurando até além da morte. Se houver reação vão se desatando aos poucos os laços que prendem o obsessor ao obsidiadO, acentuando-se cada vez mais a incompatibilidade vibratória dos perispírItos, e dá-se por fim a separação entre ambos.

Sabemos das dificuldades existentes no se compelir os obsidiadOS a colaborarem na sua própria regeneração: comunlente se afastam, negam-Se a ouvir, a assistir trabalhOS e a seguir conselhos no que aliás, como sabemos, são levados pelos próprios obsessores, que, ligados fortemente aos seus perispíritos, dominam a sua consciência pensamentos e atos.

Os obsidiadOS se acostumam com os obsessores; durante anos entre êles há troca, permuta de fluidos e se os separamos violentamente podem surgir lesões mais ou menos graves no organismo físico ou psíquico.

É preciso ir desligando aos poucos.

Nos casos de obsessão avançada, após as crises agudas dos ataques diretos, perseguidores e perseguido, permanecem "na mais estreita ligação telepática, agindo e reagindo mentalmente um sôbre o outro".

Os obsedados julgam muitas vezes querer libertar-se, entretanto no intimo alimentam-se com os fluidos enfermiços do companheiro desencarnado e apegam-se a êle, instintivamente. Milhares de pessoas são assim.

Entretanto é possível agir de forma a captar êsse precioso concurso individual em entendimento direto com o obsidiado, demonstrando-lhe o nosso desejo de curá-lo e aos poucos incutindo-lhe no sub-consciente conceitos evangélicos apropriados.

Por outro lado, levados à sessão de cura espiritual, devem ser submetidos a passes apropriados, por médiuns que possuam faculdades curativas os quais, como veículos dos Espíritos, colocando as mãos sôbre a cabeça do doente, projetarão sôbre êle fluidos elevados captados no Espaço, com o concurso de tôda a assistência, que deve estar concentrada fortemente naquele objetivo de cura.

Este processo dá resultados apreciáveis e no mínimo se obterão afastamentos temporários, em etapas progressivas e complementares de reabilitação psíquica do doente.

O estado obsessional em sua fase inicial tem o nome já vulgarizado de encosto, quando o espírito que interfere é inconsciente. Numa outra, mais avançada e mais grave, chama-se possessão; mas, generalizando, todos êstes casos são fenômenos de vampirismo.

Obsessão e suas modalidades são fenômenos que somente manifestam Espíritos atrazados, pois, não há possibilidade de serem loucos ou obsidiados Espíritos de evolução mais avançada.

Por último, queremos lembrar que, nem sempre, o tratamento das obsessões deve ter em vista o afastamento do obsessor porque tal coisa às vêzes não se pode dar, mormente nos casos diretos quando, obsessor e obsidiado acham-se estreitamente ligados entre si por laços fluídicos indissolúveis, em tarefas de resgates cármicos (25).

(25) Para casas espíritas de grande movimento, nas curas de obsessões não pode ser aplicado o processo clássico das doutrinações individuais; por isso estabelecemos na Federação Espírita do Estado o sistema que denominamos "choque anímico", que permite assistir individualmente grande número de casos numa só sessão.

O processo, em síntese, é levar diretamente ao coração do obsessor um forte jato de fluidos de amor.

Vide "Trabalhos Práticos de Espiritismo" do mesmo Autor, Edição LAKE — São Paulo.

André Luiz em seu livro já citado, explica que médiuns existem que, aliviados dos vexames que recebem por parte de entidades inferiores, depressa como que lhes reclamam a presença, religando-se a êles automàticamente, embora o nosso mais sadio propósito de libertá-los.

Enquanto não se modificam suas disposições espirituais, com a criação de novos pensamentos, jazem no regimem da escravidão mútua em que obsessores e obsidiados se nutrem das emanações uns dos outros.

Temem a separação, pelos hábitos cristalisados em que se associam, segundo os princípios da afinidade.

* * *

Este setor de efeitos físicos, como se vê, é muito interessante e às vêzes mesmo impressionante, porque os assistentes vêm-se assim postos em contacto direto e objetivo com os Espíritos desencarnados.

Os intelectuais encontram nele possibilidades inúmeras e ideais de exercerem investigação de fundo científico; os que precisam ver para crer e os filiados a credos dogmáticos ou platônicos, todos podem verificar, pessoalmente, a realidade da vida espiritual, do intercâmbio entre os mundos físicos e etéreo, enfim, da imortalidade da alma.

Mas é preciso nesse setor agir com muito cuidado e discernimento porque êle,

justamente, oferece margem, pela sua complexidade, a uma série extensa de mistificações, ora de médiuns ora de Espíritos; a confusões muito naturais para aqueles que não lhe conhecem as particularidades.

Há uma percentagem reduzida de manifestações que podemos citar como autênticas desta espécie, não passando muitas outras de fenômenos de outra espécie, que com esta se confundem.

É comum, por exemplo, que Espíritos de planos inferiores ligados à Terra, pelo desejo que sempre têm de se manifestarem aqui, ou mesmo em missões de colaboração, utilizem-se de médiuns inconscientes, de incorporação, e usando as próprias mãos e pés dêsses médiuns produzam as manifestações tidas como efeitos físicos (levitações de objetos, toque de instrumentos musicais, pseudas materializações, etc.) que não passam afinal de simples fenômenos de incorporação.

Não cabe nos limites dêste nosso trabalho entrar também no estudo das mistificações, conscientes ou inconscientes, de médiuns e de Espíritos, bem como do meio de evitá-las, mas podemos acrescentar que por dois processos muito simples se pode selecionar as manifestações, sendo um o de segregar o médium de todo contacto ou aproximação, mantendo sempre a cabina sob vistas de todos, e outro o de operar sempre com meia luz, vermelha ou azul, de intensidade suficiente para tornar visível todo o aposento do trabalho e seus assistentes.

A luz nem sempre impede a realização dos fenômenos, salvo os de caráter luminoso, que ficariam, é claro, prejudicados se se utilizasse luz intensa, O poder-se ou não trabalhar com luz e a intensidade dessa luz, tudo depende da capacidade fluídica do médium e também de sua educação mediúnica.

Mesmo que o médium ou o Espírito operante não o desejem, devemos sistemàticamente tentar a meia-luz, pois somente assim se poderá garantir a autencidade, verificar os limites e classificar devidamente os fenômenos produzidos; e a recusa de submissão a estas exigências tão naturais, já por si mesma, torna suspeita a idoneidade dos operadores. (26)

(26) Certos fakires, no Oriente, produzem os mais extraordinários fenômenos físicos, transportes, levitações, materializações, etc., em plena luz do dia e sem preparação ou auxílio de terceiros, pelo emprego somente de sua capacidade de produzir fluidos e o concurso dos espíritos desencarnados.

Para que possam lidar sempre com material conhecido e fácil-mente manejável os Espíritos, por sua vez exigem, mormente no inicio, que os assistentes sejam em pequeno número e sempre os
mesmos.

Em seu livro já citado, André Luiz, referindo-se aos efeitos físicos explica que os pensamentos e emissões de fluidos negativos por parte da assistência, influem sobre o ectoplasma que está sendo manipulado pelos espíritos, obscurecendo-o e danificando-o.

Isso é razoável porque de fato o selecionamento lhes garante o êxito do trabalho, mas certo é também que havendo médiuns com a faculdade de ceder fluídos em volume suficiente, treino operacional e capacidade da parte dos operadores nos dois planos, os fenômenos se produzirão de qualquer forma.

Outro aspecto da questão, que devemos focalizar é que esta forma de mediunidade é aquela que mais depressa e sistemàticamente exaure o médium, justamente atendendo à sua tarefa de doar fluidos.

Os médiuns desta classe são a bemdizer "doadores de sangue fluídico", que não podem ser utilizados sem constantes períodos de recuperação, muito embora os próprios Espíritos operadores promovam, ao fim de cada trabalho, essa recuperação, de alguma forma (27).

(27) Para aumentar a capacidade de doar fluidos, e desde que o diretor do trabalho seja pessoa competente, pode-se adotar o processo da aplicação do Kundalini — o fogo da terra. Essa aplicação, todavia, não deve ser generalizada, pelos perigos que encerra na ocorrência de leviandades, exageros ou falta de conhecimentos apropriados.

Vide a obra "Passes e Radiações", do mesmo Autor, Edição LAKE — São Paulo.

Outra coisa que convém dizer é que os trabalhos de efeitos físicos, do ponto de vista espiritual, são de categoria inferior, e os médiuns desta espécie, mais que quaisquer outros, estão sujeitos a perturbações físicas, psíquicas, obsessões, degenerações.

Para evitar isso é preciso que não se entreguem completamente a êste gênero de atividade e cuidem, o mais possível, de sua elevação moral.

Mais que outros, a vaidade pode perdê-los, ou as tentações de benefício material porque, se possuirem mediunidade em boas condições, sofrerão o assédio constante dos curiosos, dos investigadores, dos incrédulos e dos aproveitadores.

Este é campo em que a curiosidade de muitos encontra pasto, nem sempre seguida da verdadeira compreensão espiritual, que edifica no íntimo de cada um os fundamentos da fé, e os propósitos indeclináveis da reforma moral, que é a base cristã, fundamental, da doutrina espírita.

A produção de fenômenos tem indiscutível utilidade no campo da investigação criteriosa e bem intencionada, mas não deve se transformar em objetivo fundamental de todo o esfôrço no estudo e na aplicação dos ensinamentos da doutrina.

É preciso fugir ao encantamento que o fenômeno exerce sôbre os trabalhadores inexperientes ou novatos, bem como do fanatismo, muitas vêzes obsessionante, que afeta aqueles que não passam dos aspectos superficiais do problema e se agradam, por vaidosos, daquilo que lhes atinge a personalidade e que levam na conta de privilégios.

E quanto aos médiuns é importante saber que devem se esquivar ao comércio de emoções com o invisível, sem um alvo elevado de benefício ao próximo; ao sentimento de monopolizar o intercâmbio; enfim à busca de sensações e aventuras nesse campo de trabalho, tendo em vista a glória da mediunidade, que não reside no fato de ser o médium instrumento de determinadas inteligências invisíveis ou encarnadas, sejam quais forem, mas sim no de cooperar no esfôrço geral dos dois mundos, para benefício de todos; os médiuns não são ferramentas cegas manejadas por operadores exclusivistas, mas instrumentos humildes e fiéis da Divindade.

* * *

No estudo da mediunidade surge agora o capítulo realmente fascinante da mediunidade nos animais e êste estudo nos leva, para melhor entendimento, a uma revisão da vida espiritual dos animais, enfrentando a controvérsia existente sôbre o assunto.

O Espiritismo ensina que a monada espiritual, a cintila divina, evoluir através dos reinos realisando, em cada um, as experiências que eles oferecem para benefício de sua sensibilidade, de seu despertamento psíquico.

No volume nº 1 da série Iniciação Espírita já estudamos êste assunto desenvolvendo-o em certo limite e por alí vimos que no reino mineral a monada sofre as influências oriundas dos processos físicos e químicos que se passam no seio das massas minerais, recebendo deles o máximo de influenciação quando atinge a família dos cristais, na qual já se observa um instinto de estesia nas formas geomêtricamente perfeitas que apresentam. No reino vegetal, já estando integrado em substância orgânica proto plasmática, a monada já concorre a formar agrupamentos celulares nos quais a sensibilisação avança um passo.

No reino animal ela, de parte de um agrupamento, passa a ser uma unidade espiritual, a sua vez formada de agrupamentos celulares menores, isto é, passa a ser o centro da atividade celular individual penetrando já bem dentro do campo da sensibilidade e do princípio da inteligência individual.

Finalmente quando entra no reino hominal ela já possui uma organização psíquica apreciável capaz de proporcionar-lhe experiências mais complexas, advindas dos dois setores diferentes —coração e cérebro — utilizando o livre arbítrio e um teor de consciência suficiente, para conduzi-la por si mesma a caminhos altos nos campos da evolução, próprios do reino espiritual.

Já vimos que a mediunidade se manifesta em todos os graus da escala, do baixo ao

alto, como manifestação que é, de intermediarismo automático entre todos os sêres.

Desde que entra no reino animal a monada já adquiriu um coeficiente de sensibilidade bastante apreciável, o que lhe permite manifestar mediunidade, visto que esta é justamente o resultado maior ou menor da sensibilisação do sêr.

Daí logo se percebe que as manifestações serão mais acentuadas e frequentes nas famílias animais mais evoluídas, sobretudo aquelas que mais de perto convivem com os homens, sêres mais evoluídos, ao contato de cujos sentimentos a sensibilização dos animais aumenta.

São inúmeras as formas de mediunidade entre os animais, porém as mais observadas são as pertencentes ao campo da vidência.

Como os animais vivem ao mesmo tempo no astral e no plano material denso, a visão e a audição captam impressões desses dois planos: ouvem e vêem com facilidade nos dois planos, os seres encarnados e desencarnados.

Sentem a aproximação de pessoas como também a de acontecimentos telúricos ou cósmicos (terremotos, tempestades etc.).

Das pessoas com as quais convivem (sendo domésticos) sentem os fluidos bons ou maus, os sentimentos amistosos ou hostís e instintivamente se afastam ou se aproximam conforme o caso.

Porém há também os casos típicos da mediunidade entre eles nos quais, como entre os homens, o intermediarismo é manifesto.

São do conhecimento de todos os casos de burros, cavalos, cachorros e gatos que lêem e contam com surpreendente exatidão.

Como não é possível que animais, cuja organisação psíquica ainda não comporta consciência ativa e metódica e capacidade de raciocínio, realisem cálculos matemáticos ou leiam palavras da língua humana, é forçoso reconhecer que quem leu ou fez a conta não foi o animal mas alguma inteligência que dele se utilizou. Essa inteligência já sabemos que é o espírito que se serve do animal para isso.

O espírito lê a palavra escrita e bate com a pata ou a cabeça do animal, produzindo o movimento convencional relativo a essa letra, ou palavra, ou número.

E aqui cabe, de passagem, algumas referências a respeito da licantropia, singular capítulo sobre as formas mais baixas da encorporação.

Realmente os casos impressionantes de licantropia são todos casos que provam a mediunidade dos animais.

O feiticeiro, o macumbeiro, desdobrando-se do seu corpo físico, apodera-se do corpo animal seja ele qual for, doméstico ou selvagem e, nesse corpo, age como entender, concientemente, realçando muitas vezes longas caminhadas por florestas ou desertos, no afam de expandir, ao contacto daquele ser rústico, as paixões animais que lhes são próprias e afins.

Os autores que escreveram sobre as seitas e os ritos dos povos indianos e africanos, comumente citam fatos interessantes a respeito desta forma de mediunidade.

Na Índia referem-se aos homens-tigres, encorporação ou semiencorporação de feiticeiros em tigres que funcionam como médiuns e que nem por isso deixam nesses momentos de atacar e devorar suas vítimas.

Na África mulheres e homens, encarnados e desencarnados se encorporam em animais domésticos: gatos, cães etc., e selvagens: lobos, raposas, veados etc., e correm o país pelas noites a dentro em busca de emoção e de informações de que carecem para conservação do seu prestígio perante as tribos ignorantes das quais são oráculos ou sacerdotes.

Cito um caso: uma caravana científica ficou sem abastecimento e recursos diversos, na dependência de um navio que devia arribar no porto mais próximo, mas que tardou muito a chegar.

Os portadores enviados ficaram retidos em certo local por chuvas e enchentes e, ante a perspectiva da penúria, o chefe recorreu ao feiticeiro local o qual à noite, encorporado em um lobo, bateu 200 quilômetros da mataria e voltou para trazer, no dia seguinte, notícias positivas sôbre os portadores ilhados e o navio que acabara de arribar na costa.

Os espíritos familiares e protetores muitas vezes lançam mão dos animais domésticos

para fazerem advertências, darem avisos, alertarem seus amigos e protegidos sôbre males pendentes ou acontecimentos que devem ser evitados.

Nos casos de morte sucede os pombos abandonarem as casas e os cães uivarem lamentosamente horas a fio: pressentiram o, transpasse.

Neste capitulo é obrigatória a citação dos Elementais, sêres singulares e misteriosos, cuja existência é constatada por muitos e ignorada pela maioria.

Pois sua mais útil e interessante tarefa é justamente essa de influir sôbre os animais levando-os a agir desta ou daquela maneira.

Podemos dizer que êles, os Elementais, é que são os autores das manifestaçôes do instinto entre os animais. Eles mesmos, cada um no seu gênero, são o instinto, simples, natural, imperativo, violento, espontâneo.

Daí serem altamente perigosos quando utilisados pelos homens no campo das paixões naturais, cuja exacerbação produzem a limites imprevisíveis.

14
A EDUCAÇÃO DOS MÉDIUNS

Passada, assim, esta ligeira revista nos diferentes aspectos que apresentam as faculdades mediúnicas em geral, convém dizer alguma coisa sôbre os médiuns, em si mesmos, suas vidas atormentadas, as injustiças de que são vitimas e a tarefa trabalhosa que lhes é imposta nos dias que correm, para a divulgação do conhecimento espiritual.

Se é certo que todos temos possibilidades mediúnicas, também o é que nem todos possuem faculdades suficientemente desenvolvidas para atuarem, dominantemente, no ambiente em que vivem, pois somente em determinada fase do desenvolvimento tal coisa é possível.

Até chegar a esse ponto são, pois, os médiuns, vítimas de inúmeras perturbações, mais que quaisquer outros.

Quando, afinal, atingem um certo grau de eficiência própria, com eclosão e o domínio das faculdades, seus organismos ficam sujeitos a um funcionamento psíquico complexo e delicado, que exige constantes cuidados. E, por outro lado, justamente porque entram em campo de trabalho coletivo, pelo exercício diário das faculdades, passam a sofrer tentações de tôda espécie.

Em geral é muito descuidada a educação dos médiuns e ainda não se chegou no Espiritismo a um conhecimento seguro e esclarecido a respeito dêste assunto.

De início não basta que se mandem os médiuns assistir sessões ou ler livros de doutrina, porque muitas vêzes nessas sessões não encontram êles orientadores competentes, nem o ambiente saturado de pureza fluidica de que necessitam e, quanto à leitura, nem sempre ela lhes fornecerá os esclarecimentos indispensáveis, de forma objetiva, que sirva de norma prática de conduta pessoal.

Muito raramente os médiuns podem ser autodidatas; invariavelmente precisam de orientação e orientadores competentes; como quaisquer outros são discípulos que precisam de mestres. Em geral ao se entregarem ao desenvolvimento, ao invés de obterem alívio para suas perturbações, de ocorrência infalível, consolo para suas mágoas, esclarecimento para suas dúvidas, fôrça para sua luta obscura, segurança para suas vidas, encontram muitas vêzes o personalismo de uns, a ignorância de outros, e um conhecimento empírico ou falso, que ainda lhes envenena a alma com superstições grosseiras.

Quando precisariam ambientes claros e elevados, encontram muitas vêzes atmosferas pesadas, hostís, de Espíritos inferiores que vêem ainda acrescentar influências perniciosas àquelas de que já eram vítimas e contra as quais, justamente, iam buscar auxílio.

É preciso, portanto, que somente frequentem sessões onde encontrem ambientes verdadeiramente espiritualizados, onde imperem as fôrças boas e onde as más, quando se apresentarem, possam ser dominadas.

E sessões desta natureza só podem existir onde haja, da parte de seus dirigentes, um objetivo elevado a atingir, fora do personalismo e da influência de interesses materiais, onde

os dirigentes estejam integrados na realização de um programa elaborado ‘e executado em conjunto com entidades espirituais de hierarquia elevada.

Sem espiritualidade não se consegue isso; sem Evangelho não se consegue espiritualidade e sem o propósito firme e perseverante de reforma moral não se realiza o Evangelho.

O médium, antes que qualquer outro, deve se bater pela conquista de sua espiritualização, combatendo as paixões animais e
organizando um programa de vida moral que o afaste dos vícios e o
aproxime da perfeição.

Referindo-se ao hábito errôneo de médiuns de efeitos físicos se julgarem previlegiados e de receberem de forma altamente mística o espírito materialisado, reverenciando-o como se se tratasse de um fenômeno sobrenatural e sagrado, diz André Luiz: "o próprio verbo referente ao assunto em sentido literal, não encoraja qualquer interpretação em desacôrdo com a verdade. Materialisar significa corporificar.

Ora, considerando-se que mediunidade não traduz sublimação e sim meio de serviço e reconhecendo, ainda, que a morte não purifica, de imediato, aquele que se encontra impuro, como atribuir santidade a médiuns da Terra ou a comunicantes do além pelo simples fato de modelarem formas passageiras entre dois planos?"

A força materialisante, prossegue o Autor, é como as outras manipuladas em nossas tarefas de intercâmbio: independem do caráter e das qualidades morais daqueles que as possuem, constituindo emanações do mundo psico-físico, dos quais o citoplasma (28)

(28) Protoplasma das células.

é uma das fontes de origem".

Somente assim, quando mantiver seu corpo limpo e seu coração purificado, quando fôr capaz de pensamentos e atos retos e dignos, poderá então considerar-se apto a receber e transmitir a palavra dos verdadeiros mensageiros divinos.

O Espiritismo, como doutrina, é inatacável, porque tem seus fundamentos no Evangelho do Cristo, mas apresentà falhas na sua prática já que esta, como é natural, é realizada pelos homens; mas é educando e formando os médiuns para o trabalho evangélico que conseguiremos modificar esta situação. O campo evangélico é o único perfeito e o mais elevado e quando chega a poder utilizar suas faculdades neste campo é que o médium está, verdadeiramente, em condições de executar sua tarefa no mundo.

15
DOS FRACASSOS E DAS QUEDAS

Os Fracassos

Das cidades, colônias e demais núcleos espirituais do Espaço constantemente partem, com destino à Terra, trabalhadores que pediram ou receberam, como dádivas do Alto, tarefas de serviço ou de resgate, no campo nobilitante da mediunidade.

Um complexo e delicado trabalho preparatório é realizado ‘pelos protetores espirituais para oferecer-lhes aqui condições favoráveis à execução das tarefas ajustadas: corpo físico, ambiente doméstico, meio social, recursos materiais etc., e isso além dos exaustivos esforços que envidam para o desenvolvimento regular do processo da encarnação prôpriamente dita: (defesa, formação do feto, etc.).

Dado porém o nascimento, transcorrida a infância e a juventude quando, enfim, soam no seu íntimo e ao seu redor, os primeiros chamamentos para o trabalho edificante, eis que, muitas vêzes, ou quase sempre, a trama do mundo já os envolveu de tal forma que se tomam surdos e cegos, rebeldes ao convite, negligentes ao compromisso, negativos para o esfôrço redentor.

Deixam-se dominar pelas tentações da matéria grosseira, aferram-se ao que é

transitório e enganoso e, na maioria dos casos, somente ao guante da dor e a poder de insistentes interferências punitivas, volvem seus passos, relutantemente, para o caminho sacrificial do testemunho.

Não consideram, desde logo, que ninguém desce a um mundo de expiação como este para usufruir repouso ou bem-estar, mas sim e unicamente para lutar pela própria redenção, vencendo os obstáculos inumeráveis que a cada passo surgem, 'vindos de muitas direções.

Os dirigentes das instituições assistenciais ou educativas do Espaço têm constatado como regra geral que poucos, muito poucos médiuns triunfam nas tarefas e que a maioria fracassa lamentàvelmente, apesar do auxílio e da assistência constantes que recebem dos planos invisíveis; e esclarecem também que a causas gerais dêsses fracassos são: a ausência da noção de responsabilidade própria e a falta de recordação dos compromissos assumidos antes da reencarnação.

Ora, se o esquecimento do passado é uma contingência, porém necessária, da vida encarnada de todos os homens, ela não é, todavia, absoluta, mormente em relação aos médiuns, porque os protetores, constantemente e com desvelada insistência, lhes fazem advertências nesse sentido, relembrando seus deveres; muito antes que o momento do testemunho chegue, já êles estão advertindo por mil modos, desenvolvendo no médium em perspectiva, noções bem claras de sua responsabilidade pessoal e funcional.

Por isso, das causas apontadas acima, somente julgamos ponderável a falta de noção de responsabilidade porque, se essa noção existisse, os médiuns desde logo se dedicariam à tarefa, devotadamente.

Isso, é lógico, tratando-se de médiuns estudiosos, que se preocupam com a obtenção de conhecimentos doutrinários porque, para os demais, à irresponsabilidade acresce a ignorância e a má vontade.

E essa noção de irresponsabilidade é tão ampla que muitos médiuns, mormente aqueles que o orgulho pessoal ou as ambições do mundo dominam, maldizem a posse das faculdades que possuem, como se fôssem estorvos; e outros, há, menos radicais mas não menos desorientados, que lastimam não serem inconscientes, para poderem então exercê-las à revelia de si mesmos.

Quão poucos, os esclarecidos e lúcidos, que se prosternam e, humildemente, clamam: Bendito sejas, ó Senhor, que me haveis concedido tão excelente e poderosa ferramenta de serviço redentor! Graças Senhor, por me haverdes separado para o trabalho da tua vinha.

AS QUEDAS

As quedas são mais comuns nos degraus inferiores da escada evolutiva e tanto mais dolorosas e profundas se tornam quanto maior fôr o cabedal próprio de conhecimentos espirituais adquiridos pelo Espírito.

"Estado de evolução" e "estado" de queda" são duas condições de caráter geral, em que se encontram os Espíritos nas fases inferiores da ascese.

Essas são as condições que dominam no umbral que, como sabemos, é uma esfera de vida purgatorial, bem como nos planos que lhe são, até um certo ponto, e de um certo modo, imediatamente acima. Quando porém as quedas se acentuam devido a reincidências de transgressões, elas levam os culposos às Trevas, esfera mais profunda, de provas mais acerbas, situada abaixo da Crosta.

Entretanto em qualquer tempo ou situação o Espírito culposo pode retomar a evolução, voltando à ascese, desde que reconsidere, arrependa-se e se disponha ao esfôrço reabilitador.

A misericórdia divina cobre a multidão dos pecados e dá ao pecador incessantes e renovadas oportunidades de redenção. A redenção, pois, não é um acontecimento extraordinário, um ato de "juízo final" mas sim a manifestação da misericórdia de Deus em muitas oportunidades, no transcurso do esforço evolutivo.

Mas, perguntarão: o fracasso, na tarefa mediúnica, não sendo reincidente, lança o médium primário no estado de queda?

Não, desde que êle, no exercício das faculdades próprias, não tenha cometido crimes contra o Espírito. Esse fracasso primário traz ao médium uma parada na ascese evolutiva; fica êle em suspensão, aguardando nova oportunidade, temporàriamente inativo, dependendo de nova tarefa redentora, que lhe será ou não concedida conforme as circunstâncias do fracasso: negligência, vaidade cupidez etc.

Mas lançá-lo-á na queda se praticou o mal conscientemente; se permitiu que suas faculdades fôssem utilizadas pelos representantes das fôrças do mal; se orientou seu próximo por maus caminhos, lhe destruiu no espírito a semente redentora da Fé, ou lhe perverteu os sentimentos fazendo-o regredir à animalidade; enfim se deturpou a Verdade e lançou seu próximo ou a si mesmo no caminho do êrro e da iniquidade.

Há uma lei invariável que preside a êste assunto: quando o médium se dedica à tarefa em comunhão com os Espíritos do bem, está em estado de evolução; quando, ao contrário, a despreza ou, por mau procedimento, dá causa ao afastamento dêsses Espíritos, cai então sob a influência dos Espíritos do mal e entra em estado de queda.

A êsse respeito diz André Luiz: "No campo da vida espiritual, cada serviço nobre recebe o salário que lhe diz respeito e cada aventura menos digna tem o preço que lhe corresponde."

E prossegue:

"Mediação entre dois planos diferentes sem elevação de nível moral é estagnação na inutilidade".

"O Pensamento é tão significativo na mediunidade, quanto o leito é importante para o rio".

"Ponde águas puras sôbre um leito de lama pútrida e não tereis senão a escura corrente da viciação."

E mais: "Jesus espera a formação de mensageiros humanos capazes de projetar no mundo as maravilhas do seu Reino".

16
AMADURECIMENTO MEDIÚNICO

É comum dizer-se, em certos casos, que a mediunidade "ainda não está "madura", ou então "que já o está, necessitando ser desenvolvida".

Estas expressões, que a praxe generalizou, devem ser esclarecidas, e isso é o que vamos tentar fazer.

O que faz que seja época de desenvolvimento, num dado caso e não o seja em outro?

A um primeiro olhar já poderemos dizer que não se trata aqui de mediunidade natural, adquirida pelo próprio indivíduo, fruto de sua evolução espiritual, de sua elevação moral porque, neste caso se já foi adquirida, conquistada, é que a faculdade já amadureceu, revelou-se em tempo oportuno, desenvolveu-se com o tempo, estando portanto em condições de utilização imediata em qualquer circunstancia.

Trata-se, pois, da mediunidade de prova: o Espírito assumiu seu compromisso ou recebeu tal tarefa, nos planos etéreos, antes de encarnar-se e, em seguida, passou a viver na comunidade dos encarnados para exercê-la.

Conforme as circunstâncias do meio ou da época em que vive; conforme os efeitos que se precisam obter por seu intermédio no campo social, sua colaboração individual deve ser iniciada em dada ocasião; caso êle esteja esquecido de seu compromisso ou desviado da tarefa aceita, começará então a receber sinais e advertências, que lhe serão feitos por vários modos mas quase sempre por meio de influenciações espirituais (perturbações nervosas e psíquicas) que tendem a chamá-lo para o inicio da prova.

Nestes casos a perturbação é sempre um indício de mediunidade, conquanto disto não se vá concluir que tôda perturbação se cure com o desenvolvimento mediúnico: uma perturbação por exemplo de fundo cármico nem sempre implica a existência da tarefa mediúnica.

É o período pré-mediúnico, o chamado amadurecimento das faculdades: chegou enfim o

momento de seu trabalho e do seu testemunho.

Quando tudo está preparado e êle se dispõe ao desenvolvimento, isto é: à adaptação psíquica, à conquista do ambiente moral necessário, ao treinamento das faculdades, estas, natural e espontâneamente, se manifestam.

Quando, porém, êle não atende aos avisos, negligencia, recalcitra por qualquer circunstância e não se submete às práticas exigidas pelo desenvolvimento, as faculdades se manifestam da mesma forma, porém desarmoniosamente, entregues a si mesmas, segundo sua própria natureza, e o médium tem que sofrê-las de qualquer modo, excercitá-las desorientada e tumultuariamente, caminhando em muitos casos para a anormalidade, para a degeneração, para os recalques dolorosos.

Será sempre um médium perturbado, sofredor, imperfeito, que não atingirá de forma útil seu objetivo; terá enfim fracassado na sua tarefa, passando a sofrer desde então as consequências desse fracasso.

17
PRÉ-MEDIUNISMO

O pré-mediunismo, como acabamos de ver, é o periodo que antecede à eclosão da faculdade, e vamos tratar agora do assunto na forma por que deve êle ser encarado pelo próprio médium, tendo em vista o que se passa com êle mesmo e a atitude que deve tomar desde início.

O candidato ao mediunismo, como já temos dito, é sempre um indivíduo sensível; o "tipo mediúnico" e sempre um emotivo. Os investigadores de fenômenos espirituais têm adotado como clássico o têrmo "sensitivo" para a designação de médiuns, justamente porque a sensibilidade é sempre o prenúncio ou a característica básica da posse de faculdades psíquicas.

Esses sensitivos, na maioria dos casos, são homens diferentes dos demais, mesmo no período pré-mediúnico, pois encaram e sentem as coisas de forma diferente e são pasto de perturbações inúmeras, nem sempre classificáveis ou compreendidas pela ciência médica.

Quando, em qualquer indivíduo, surgirem tais perturbações, e não tendo dado resultado os tratamentos médicos comuns — o que sugere não ser um caso material — deve o interessado procurar um centro espírita idôneo e solicitar uma consulta espiritual.

Esse exame é feito em presença ou à distância e nele o panorama psíquico do consulente é investigado pelo encarregado espiritual do trabalho, em ligação com o protetor pessoal do consulente.

Se se tratar de um mal puramente físico e nada houver no campo espiritual, deve o doente, como é natural, recorrer à medicina oficial, pois há muitas perturbações, mesmo mentais, que têm base em males puramente orgânicos, como sífilis, exaustões físicas, anemias, viciamentos, etc., além do grande contingente trazido pela hereditariedade ou atavismo.

Nestes casos, e sendo o mal duradouro ou incurável, se concebe que se trata de resgates cármicos ou imperfeições do espírito refletidas no corpo físico, o que aliás é regra geral.

Se o resultado, porém, acusar influenciação espiritual, interferência de Espíritos desencarnados, quadro este que pode variar desde os simples '"encostos" até às formas mais graves de obsessões, então é necessário recorrer ao tratamento espiritual: preces, passes, freqüência a sessões apropriadas e às vezes mesmo, quando há permissão, ação direta para afastamento das interferências.

As perturbações sofridas pelo doente podem ter duas causas:
uma intrinseca, que decorre de suas próprias imperfeições, como já dissemos e que se refletem na aura individual, com tonalidades inferiores (vermelhas, cinzentas, negras) e vibrações desordenadas e lentas; outra extrínseca, por interferências de Espíritos familiares ou obcessores.

Em todos os casos, o que permite e possibilita as interferências é sempre a afinidade

fluídica ou moral entre o encarnado e o desencarnado.

A regra geral é que quanto mais violenta e escura a tonalidade da aura e mais desarmônica e lenta a vibração que apresenta, mais intenso é o grau da perturbação.

Se o resultado do exame porém for — mediunidade — então deve o consulente compreender que tem pela frente um longo caminho e uma árdua tarefa a realizar, que não depende tanto do auxílio externo como de sua própria ação, deliberada e firme, no sentido de concorrer para que o indispensável desenvolvimento de faculdades se processe nas melhores condições possíveis, tanto morais como técnicas.

No exame feito para a verificação da mediunidade, a regra éque todo sensitivo apresenta sinais especiais e característicos no sistema nervoso, seja em seu aspecto estrutural, nas ligações com os centros nervosos gânglios e plexos, seja na vibratilidade própria que é mais intensa e diferente da que apresenta o indivíduo comum; isto é o que lhe permite produzir as reações verificáveis pelo exame.

Essas diferenças o sensitivo já as possue de nascença e isso a nosso ver é que leva alguns a admitir que a mediunidade é fenômeno orgânico.

Todas estas perturbações que ocorrem no período pré-mediúnico, existem justamente para chamar a atenção do médium para a necessidade do desenvolvimento, a fim de que seja realizado em tempo oportuno e de forma adequada.

Com esse desenvolvimento tudo cessará e o indivíduo se tornará absolutamente normal, como qualquer outro, salvo no que respeita ao exercício da própria faculdade.

Esse exercício, porém, em nada afetará a vida normal do médium porque só se realizará em momentos próprios, oportunos, conforme as necessidades do próprio médium, e as exigências da propagação doutrinaria.

É muito comum aparecerem em sessões de desenvolvimento indivíduos alegando que foram aconselhados a isso por dirigentes de trabalhos práticos ou mesmo por Espíritos; submetidos a exame espiritual verifica-se, no entanto, que não se trata de mediunidade a desenvolver mas simplesmente de pertubações espirituais que demandam tratamentos diferentes. Isso em parte se explica porque muitas destas perturbações produzem efeitos que podem ser confundidos com manifestações mediúnicas.

Nestes casos, mesmo frequentando sessões apropriadas nenhum progresso fará o indivíduo no sentido do desenvolvimento; apesar de sermos todos médiuns a mediunidade não pode ser forçada; não é em todos que se apresenta amadurecida para desenvolvimento e então só restará o benefício da atenuação ou cura das perturbações.

Por isso o exame espiritual é sempre uma providência aconselhável em todos os casos de perturbações duradouras tanto físicas como psíquicas. Serve não só para selecionar os casos, diagnosticando-os, como para aconselhar o tratamento a fazer, como ainda para encaminhar o médium às mesas de desenvolvimento, segundo o grau ou o aspecto que as faculdades apresentem no momento.

Neste período pré-mediúnico sucede às vezes que o médium é responsável por perturbações que afetam, mais ou menos profundamente, o ambiente familiar.

Temos visto casos em que crianças apresentam sintomas sérios de idiotia, paralisia, mudez, etc., e que no entanto não estão fisicamente doentes, tratando-se únicamente de interferências de forças ligadas a um tipo mediúnico anexo, pai, mãe, irmãos, etc.

Nestes casos, submetendo-se o responsável a desenvolvimento regular, a perturbação do doente cessa e o ambiente doméstico se regulariza.

Às vezes o responsável oculta qualquer perturbação anormal que sinta, como alucinações, visões, nervosidade excessiva, etc., seja para não alarmar a família, seja por ignorância, seja enfim com respeito a preconceitos sociais ou religiosos.

Nestes casos as interferências, encontrando resistência no próprio interessado, se refletem nas pessoas afins, do mesmo grupo familiar forçando a mão, como se costuma dizer, fazendo pressão em todos os sentidos até que o interessado se volte para a direção necessária.

A pergunta que decorre destes fatos é se os justos pagam então pelos pecadores. Claro que não. Sucede porém, nestes casos, que há entre eles, pais e filhos, marido e mulher, irmãos e parentes, compromissos ou interêsses recíprocos, no campo espiritual, de forma

que às vezes uns se sacrificam momentaneamente pelos outros, no interesse do progresso comum, mas tudo dentro de um plano anteriormente elaborado nas esferas espirituais.

E quando apesar de tudo, continua a recalcitrância do responsável, então a perturbação espiritual recrudesce direta ou indiretamente e pode afetar profundamente o organismo, físico ou psíquico, evoluindo para estados graves e às vezes irremediáveis.

Por isso o sensitivo não deve vacilar, mas iniciar imediatamente o desenvolvimento necessário, único meio dentre todos os conhecidos para solucionar a situação.

E nisso também, como em outras coisas, reside o poder irresistível de mediunidade...

SEGUNDA PARTE

18
CONSIDERAÇÕES GERAIS

Vimos nos esforçando em esclarecer o leitor sobre os diferentes aspectos do fenômeno mediúnico, encarados à luz da experiência. Partimos do princípio segundo o qual a mediunidade natural é faculdade que todos possuem, em gérmen, mais ou menos desabrochada, conforme o grau de sensibilidade já atingido; e que não representa uma conquista do intelecto mas um conjunto de méritos em que predomina o sentimento.

Assim, pois, a expansão do mediunismo natural depende da evolução espiritual do indivíduo.

Essa possibilidade, potencial, com o tempo, ir-se-á desenvolvendo, pari-passo com o progresso moral do espírito, até que as faculdades amadureçam e se manifestem em plena expansão.

Mas certo é também que, a qualquer momento, o Espírito desencarnado pode solicitar ou receber a tarefa mediúnica em mundos de prova, para resgate de dividas cármicas, em determinado meio, época ou circunstâncias, colaborando assim com os Guias do mundo na obra comum de elevação coletiva; e isso sucede mesmo quando ainda não atingiu um grau de entendimento e pureza que lhe permita usar de certos poderes com consciência própria e discernimento moral. Esse é o caso da mediunidade de prova.

* * *

Fica assim contestada a crítica de muitos esoteristas que amesquinham a mediunidade sem maior exame, qualificando-a de expressão de passividade e inconsciência, contrárias às afirmações superiores do ser humano.

Refiro-me, entre outros, aos adeptos da Sociedade Teosófica, fundada no século passado os quais, desmentindo eles próprios os ensinamentos iniciáticos da verdadeira teosof ia — que é muito antiga — taxam o mediunismo de prática impura, esquecendo-se de que a teosofia, como os demais ramos do conhecimento esotérico, nada jamais conseguiu no terreno das realizações práticas do espírito sem a mediunidade, que é justamente o conjúnto de faculdades que permite tais realizações.

A própria fundadora do teosofismo ocidental, H. P. Blavatski, era médium; o mesmo sucedia com Leadbeater, e ambos utilizaram suas faculdades.

Sem mediunidade nada se faz senão permanecer no terreno elucubrações, das concepções cerebrais, das introspecções platônicas, e quando algo se consegue de positivo, que representa conquista espiritual, verifica-se logo que foi ainda e sempre com auxílio da mediunidade.

Negam, pois, esses opositores, aquilo que usam, o que talvez suceda por falta de conhecimentos mais detalhados e profundos da questão. Nestas condições o que resta é que se disponham a estudá-la com boa vontade e sem "part-pris".

Essa questão tem duplo aspecto e somente assim poderá ser compreendida. As manifestações atinentes à mediunidade de prova — que é um aspecto rudimentar, muitas

vezes precário e defeituoso da mediunidade natural — não bastam para a formação de um juizo completo e perfeito; como também é certo que essas manifestações, por si sós, não autorizam a formar dessa mesma mediunidade juizo depreciativo.

Há também opositores que da mediunidade somente conheceram fatos isolados, que não dão uma idéia do conjunto, e ficaram pensando que tudo o mais se resumia nisso; outros ainda foram informados por terceiros; bem como outros que a combatem por superstição religiosa ou por obediência fanática e inconsciente a conselhos de sacristia; havendo ainda alguns, inclusive espíritas, que lhe passam de largo por julgá-lo terreno difícil, complexo, decepcionante no que, em parte, têm razão.

Estamos realmente muito longe de um conhecimento integral do assunto, mas não é negando ou criticando depreciativamente que chegaremos a resultados definitivos.

Urge pois encarar a questão de frente, estudá-la e penetrar nela e, como elemento básico desse estudo, já sabemos que tudo depende de médiuns e do modo pelo qual são influenciados pelas entidades e forças do mundo invisível.

* * *

A primeira das modalidades citadas — a mediunidade natural — representa um poder, uma conquista definitiva do espírito, um atestado de espiritualização, ao passo que a mediunidade de prova é uma oportunidade apenas concedida a muitos, de trabalho e de provações em benefício coletivo.

Quem possue a primeira, atua em planos elevados do mundo espiritual, ativa e conscientemente; conquistou aí o seu lugar e está acima do homem comum, ao passo que os da segunda agem em planos mais inferiores e, na maioria dos casos, passiva e inconscientemente.

Por outro lado a primeira está à disposição dos próprios possuidores, que a utilizam segundo seu entendimento e livre arbítrio, visto que já estão capacitados para agir por si mesmos; a segunda, presentemente, está à disposição dos Guias do mundo para a realização de uma tarefa de caráter geral sendo, portanto, e no momento, a mais útil no nosso plano, por ser a mais acessível e representar a alavanca que está fazendo oscilar, desde a base, o monólito das descrenças e das maldades humanas, apressando a evolução da espécie.

Por isso nosso maior esforço será dirigido no sentido de orientá-la, protegê-la, canalizá-la no devido rumo, desviando-a dos perigos e das quedas, mostrando suas vantagens e sua falhas, esclarecendo sua própria natureza e finalidade, para que os médiuns vençam suas provas e realizem sua tarefa com utilidade geral e pleno conhecimento de causa.

E a maior dificuldade deste delicado trabalho é justamente despertar a consciência dos médiuns para isto, convencê-los disto, dar-lhes noção de responsabilidade própria e um sentido redencionista às suas atividades, ensinando-os a dominar a vaidade pessoal, destruindo-lhes o conceito errôneo de que são missionários ou de que possuem dons sobrenaturais; incitando-os a que adotem a humildade evangélica, desprendendo-se das coisas materiais e devotando-se ao trabalho mediúnico desinteressadamente, ao mesmo tempo que, valendo-se da oportunidade que lhes foi dada, se disponham a vencer os próprios defeitos e realizem sua reforma moral, num esforço rigoroso e sincero de auto-purificação.

Essa reforma, como sabemos, exige um combate perseverante e continuado e nem sempre pode ser concluida em uma só vida terrena; mas também é certo que a deliberação sincera de obtê-la, as tentativas sistemáticas de viver o mais aproximadamente possível segundo os ensinamentos evangélicos, abrirão aos médiuns, na medida de seus próprios esforços, as portas acolhedoras e benevolentes dos planos espirituais.

Mantenham eles, pois, um estado interno de aspiração permanente nesse bom sentido e, ao mesmo tempo, no terreno das realizações imediatas, se sujeitem às servidões e práticas necessárias a um desénvolvimento metódico, harmonioso e pacífico, de suas atuais faculdades mediúnicas.

Isto é o máximo que deles se pode exigir; o máximo que eles podem fazer e, como diz

inspiradamente um mentor: "quem faz o que pode merece o salário da paz".

19
VERIFICAÇÕES INICIAIS

Quando nos defrontamos com um médium, a primeira coisa a saber é, pois, se sua mediunidade é natural ou de prova; se éuma faculdade adquirida por auto educação espiritual — caso em que pode ser considerado um iniciado, como se costuma dizer —ou se é uma outorga, pedida ou recebida para esta encarnação.

Como os médiuns da primeria categoria são muito raros e não necessitam de assistência ou conselho, é bem de ver que comumente e em absoluta maioria, prevalecem os da segunda; e por isso a estes ünicamente aqui nos referimos.

Para uma primeira e superficial verificação este é um ponto pacífico e óbvio de selecionamento.

Em seguida devemos submeter o médium a um exame de caráter espiritual, que tanto pode ser feito em presença como àdistância, e nesse exame se vai verificar o estado em que se encontra o campo espiritual.

Hoje em dia o número de perturbados é imenso com tendência a crescer e não se erra muito ao dizer que 90 por cento das perturbações são de fundo espiritual, 10 por cento representando mediunidade a desenvolver. (29)

(29) Na Federação Espírita do Estado, há muitos anos procedemos a esses exames e verificamos que é muito alto o número de perturbados em relação ao de médiuns amadurecidos. Basta citar o ano de 1949 durante o qual foram examinados 9.600 perturbados, havendo somente 288 casos em que se tratava de mediunidade a desenvolver. Convém, porém, esclarecer que na maioria das perturbações há sempre um fundo mediúnico e que, passado o período de cura espiritual a que devem ser todos êles submetidos, deve-se fazer novo exame para ver se há realmente mediunidade a desenvolver.

Em sentido geral, nestes casos de perturbações, a aura individual se apresenta escurecida, manchada num ou noutro ponto, com sua vibração alterada e sua coloração muito instável, e quando as perturbações, por muito antigas ou por muito violentas, já atingiram o organismo físico reflexivamente, neste se notam, como se se tratasse de uma projeção topográfica, as mesmas manchas e as mesmas alterações vibratórias.

Nos casos de interferência direta e pessoal de obsessores o exame os revela imediatamente, ficando assim o problema de fácil definição.

Em geral as perturbações psíquicas, como é natural, são apresentadas por indivíduos de certa sensibilidade própria e em muitos casos são já, de início, um sinal de mediunidade.

Quando a faculdade realmente existe e está em condições de eclodir, o campo espiritual assume aspectos característicos como sejam: maior sensibilidade perispiritual a influências exteriores: aquele que examina o candidato, p. ex. lança um raio fluídico e observa a rapidez da reação; maior velocidade vibratória dos plexos e ganglios do vago simpático, com manifesta evidenciação da paniel; maior intensidade e fixidez dos coloridos áuricos; diferente comportamento do sistema nervoso cérebro-espinhal, que reage então mais diretamente às impulsões que recebe desta referida glândula.

Em suma, por esse exame preliminar pode-se verificar se se trata de mediunidade em ponto de desenvolvimento ou de simples perturbação espiritual, que requer tratamento adequado.

Convém aqui repetir sem mais demora que há grande número de perturbados que se apresentam em sessões de desenvolvimento mediúnico e que não obtém os resultados esperados.

Sucede que nestes casos há somente perturbações e não mediunidade. Essas perturbações muitas vezes provocam tais superexcitações dos sentidos ou da mente, que o

perturbado pode ver e ouvir além do mundo físico, ou perder o controle próprio e falar como se estivesse mediunizado. Porém, como não há mediunidade a desenvolver o fenômeno é passageiro e, mesmo frequentando sessões apropriadas, nenhum resultado advem que possa ser considerado como desenvolvimento mediúnico, salvo, é claro, os benefícios que receba pelo lado da cura. Repetimos ainda: é muito maior o número de perturbados que necessitam de cura e de auto-evangelização, que o de médiuns necessitados de desenvolvimento.

* * *

Realizado, pois, esse exame preliminar, e se for constatada a existência de mediunidade, deve-se em seguida submeter o médium às provas necessárias para a classificação da faculdade ou faculdades que porventura possua, na forma exposta no capítulo 8º deste livro.

Neste particular convém dizer que é muito comum apresentarem os médiuns, ao mesmo tempo, evidências mais ou menos acentuadas de diferentes faculdades, sendo então necessário verificar qual a que pode ser dada como predominante.

Essa verificação, aliás, nem sempre recebe confirmação na prática porque, no decorrer do próprio desenvolvimento surgem mutações, e a faculdade que a princípio parecia predominante passa a secundária ou simplesmente complementar definindo-se, por fim, como principal uma que, de princípio, parecia secundária, ou mesmo outra não constatada de início.

Essas alterações têm duas explicações, sendo a primeira a seguinte: segundo a tarefa que pediu ou recebeu antes de encarnar, ao indivíduo, nestes casos, foram atribuidas algumas faculdades das quais teria necessidade em determinadas épocas ou circunstâncias; e segundo uma determinada ordem de urgencia deveria desenvolver esta ou aquela em primeiro lugar; porém, por circunstâncias de momento, de meio ambiente, de estado físico ou de condições morais, o quadro de sua colaboração individual é modificado pelos Guias e providenciada a alteração.

A segunda explicação é a seguinte: o médium, por qualquer circunstância, recalcitrou e não iniciou o desenvolvimento de determinada faculdade no devido tempo; criou assim recalques ou degenerações que impedem o exercício normal da faculdade em causa; resta entretanto a possibilidade da utilização de faculdades auxiliares ou secundárias, que são postas então em funcionamento ativo, como auxílio do Alto, para que o médium não fracasse de todo.

Mas, de qualquer forma, por esse primeiro exame, poderíamos desde logo sugerir qual o sistema de desenvolvimento a empregar em cada caso, pois que tais sistemas não são "standard". Assim, para efeitos físicos o processo será diferente do empregado para a incorporação, como também diferente para os casos de lucidez, e assim por diante.

20
ADAPTAÇÃO PSIQUICA

Qualquer que seja, porém, a natureza da mediunidade o trabalho de desenvolvimento deve sempre começar por um período preparatório que denomino, à falta de melhor termo — adaptação psíquica.

Todo médium de prova é, em regra geral, um indivíduo perturbado, nos primeiros tempos, porque ele, por si mesmo, é um Espírito faltoso e a prova a que se submete é de resistência e de combate a elementos espirituais inferiores, correspondentes às próprias faltas.

A encarnação, aliás, não se dá para. que o indivíduo repouse, tenha bem-estar, ou comodidades, mas ünicamente para que lute, se renove e moralmente evolua.

A mediunidade, nestes casos, começa mesmo a se manifestar, desde o início, na forma de perturbações de variada natureza, tanto físicas como psíquicas.

Moléstias de toda ordem, que resistem aos mais acurados tratamentos; alterações físicas incompreensíveis, de causas impalpáveis, que desafiam a competência e a argúcia da medicina; complicações as mais variadas, com reflexos na vida subjetiva, que a medicina descarta impotente, para o campo do vago-simpático, que deve então arcar com a paternidade de toda uma sintomatologia complexa e indefinível de nervosidades, angústias, depressões; ou alterações, já do mundo mental, como temores, misantropia, alheamento à vida, manias, amnésias, etc.; ou ainda perturbações mais graves que requerem isolamento em sanatórios.

O certo é que no fundo de todas estas perturbações e numa ampla proporção existe sempre esse fator — mediunidade — como causa determinante e, portanto, passivel de regularização.

E declare-se desde já que todas estas anormalidades, nesse estado inicial, são próprias das circunstâncias e justamente ocorrem para pôrem em evidência, chamar a atenção do indivíduo para sua condição de médium e que, no caso em que as advertências não são levadas em conta, por ceticismos, ignorância, preconceitos sociais ou religiosos, vão crescendo de vulto e de intensidade, podendo levar o indivíduo a extremos realmente lamentáveis.

Por outro lado os perturbados, na maioria dos casos, vêm de outras seitas ou do materialismo e necessitam de um período preparatório, durante o qual tomam contacto com a nova situação, com a doutrina, com os protetores espirituais, etc., antes de passarem ao desenvolvimento propriamente dito. Dai a necessidade imperiosa dessa fase de adaptação psíquica.

* * *

Esse período preparatório, pois, visa, justamente promover o equilíbrio geral, orgânico e psíquico, disciplinar a causa pertturbadora e dar ao médium um certo e inicial autodomínio, harmonia e serenidade internas.

* * *

A mediunidade de prova, como já vimos, tem fundas reflexões no organismo físico e mesmo quando, pela violência das manifestações ou por sua antigüidade, tenha sido o organismo lesado, o tratamento beneficia o médium, restabelecendo a função dos órgãos ou no mínimo restringindo os efeitos das perturbações.

* * *

Mas, quais os agentes dessas perturbações?

Todos o sabemos: defeitos morais próprios e influências diretas e indiretas de forças e entidades espirituais inferiores, ligadas ao caso pessoal, e que assim cumprem também seu papel como elementos cooperadores que são, mesmo quando inconscientes, dos protetores individuais e das entidades responsáveis, que dirigem os homens e os mundos na sua elevada tarefa de executores das leis divinas.

Necessário é, pois, que se inicie logo o devido tratamento cujos principais fatores são: o ambiente, a corrente e o tratamento direto, que pode ser resumido nos passes, nas radiações, no esclarecimento e na evangelização pessoal.

Examinemos cada um deles separadamente.

O AMBIENTE

Referimo-nos tanto ao ambiente individual, à atmosfera digamos assim, em que vive o médium, como ao das reuniões que frequenta.

O ambiente individual deve ser criado e mantido pelo próprio interessado tanto quanto possível. Cada um de nós vive dentro de seu próprio mundo, carrega-o consigo e alimenta-o

constantemente com seus próprios pensamentos e atos; e o conjunto desses mundos individuais forma o mundo exterior coletivo, que é o palco onde todos se movem e representam os mais variados papéis. Cada um vê, sente e compreende esse mundo exterior de certa forma, segundo sua própria capacidade de ver, sentir e compreender, e segundo o modo por que reage às suas influências.

O médium tem de formar para si um mundo individual bem equilibrado e harmônico, bem claro e bem metódico, onde as coisas materiais e espirituais estejam inteligentemente reguladas, cada uma no seu devido lugar, exercendo sua ação no devido tempo, sem atropelo e sem predominâncias arbitrárias.

Por efeito de sua própria mediunidade há nele forte tendência de se deixar empolgar pelas coisas do campo espiritual, com desprêzo do mundo físico; porém, nesse período preparatório, quando se busca antes de mais nada o equilíbrio, é necessário evitar esses arrastamentos, para que possa continuar a cumprir, normalmente, seus deveres e compromissos materiais.

Esse equilíbrio ele tem que obtê-lo, tanto no seu íntimo como em sua vida doméstica e social e, por isso, desde o inicio, deve se traçar um programa de ação e se sujeitar a regras judiciosas que correspondam às suas próprias necessidades.

E são também indispensáveis, desde logo, a alternância criteriosa de esforço e de ropuso, recreações de ordem elevada e contactos amiudados com a Natureza, que é fonte inesgotável de elementos recuperadores, harmonizadores. Somente quando adquirir harmonia em si mesmo poderá ele vibrar em concordância com as coisas divinas.

Percebe-se, pois, do que fica dito, que. deve fugir das coisas que ofendem a sensibilidade, deprimem e irritam o espírito; das frivolidades que relaxam as energias morais; dos espetáculos onde as paixões inferiores se desencadeiam frenêticamente.

Precisa, por outro lado, criar um ambiente doméstico favorável, pacífico fugindo a discussões estéreis e desentendimentos e sofrer as contrariedades inevitáveis com paciência e tolerância evangélicas.

Como pai, como irmão ou como filho mas, sobretudo como esposo, deve viver em seu lar como um exemplo vivo de pacificação, de acomodação, de conselho e de boa vontade. Não esqueça que, em sua qualidade de médium de prova, ainda não desenvolvido ou, melhor, educado, representa sempre uma porta aberta a influências perniciosas de caráter inferior que, por seu intermédio, comumente atingem os indivíduos com quem convive.

E, quanto à sua vida social, deve exercer seus deveres com rigor e honestidade, guardando-se porém de se deixar contaminar pelas influências malévolas naturais dos meios em que se põem em contacto indivíduos de toda espécie, sem homogeneidade de pensamentos, crenças, educação e sentimentos.

* * *

É muito difícil, nos tempos que correm, conservar o equilíbrio, manter a harmonia na vida de relação com os semelhantes, porque o mundo passa por uma transição profunda, em que todos os valores morais estão sendo subvertidos, caindo em degradação; e porque o médium, além das perturbações exteriores, que deve enfrentar, ainda possue as do seu próprio espírito, carente sempre de virtudes sustentadoras.

Por isso tem que envidar maior esforço que o comum dos homens para viver com retidão e manter a comunhão com o invisível, porque sem essa comunhão, devidamente selecionada, purificada, não suportará o peso das coisas do mundo, nem superará seus obstáculos.

Entretanto, e por isso mesmo, recebem os médiuns maior ajuda; têm maior facilidade e assiduidade nos contactos com o invisível e, em ampla extensão, desce sobre eles a assistência do Alto desde que, bem entendido, se esforcem, orando e vigiando, para cumprir devotadamente seus deveres.

* * *

Quanto às reuniões doutrinárias que frequenta deve fugir daquelas onde as práticas e os objetivos demonstram ignorância ou superstição, porque aí encontrará forçosamente forças negativas, que a todo transe convém evitar.

Selecione, pois, as reuniões que frequenta e naquela onde sentir-se melhor, mais agasalhado, mais amparado pelo invisível, mais sereno e confiante, mais fortificado nos seus sentimentos bons; onde sentir bem-estar espiritual, durante e após os trabalhos; naquela, principalmente, que tiver caráter evangélico e for isenta de artifícios e de exterioridades grotescas e inúteis, aí permaneça e a considere merecedora do seu concurso.

A assistência a boas reuniões é necessária e quando isso não possa ser conseguido seja pelo estado de agitação, descontrole ou relutância do médium, ou seja por inexistência, no local, de tais reuniões — como ocorre às vezes no Interior ou no sertão — organize-se então, no próprio lar doméstico, reuniões simples e intimas, destinadas a esse fim e dirigidas por aquele que se sentir mais capacitado para fazê-lo.

Mesmo que não se dê a essas reuniões caráter de sessão espírita como se o entende, bastará que haja uma concentração e preces, para que o médium, apoiado nesses elementos de proteção e conforto receba desde logo a necessária assistência espiritual, que nunca lhe é negada do Alto.

Em todos os casos um bom ambiente de trabalho espiritual éde capital importância.

A CORRENTE

Chama-se "corrente" ao conjunto de forças magnéticas que se forma em dado local, quando indivíduos de pensamentos e objetivos idênticos se reunem e vibram em comum, visando a sua realização.

Nessa corrente, além da conjugação de forças mentais, estabelece-se o contacto entre as auras, casam-se os fluidos harmonizam-se as vibrações individuais, ligam-se entre si os elementos psíquicos e forma-se uma estrutura espiritual da qual cada componente é um elo, mas elo vivo, vibrante, operante, integralizador do conjunto. Um pensamento ou sentimento discordante individual, afeta toda a estrutura, dissocia-a, desagrega-a e prejudica o trabalho, assim como o elo quebrado de uma corrente a torna fraca ou imprestável.

Nas práticas espíritas bem organizadas, a essa corrente assim estabelecida no plano material sobrepõe-se uma outra, formada no plano invisível pelas entidades que, nesse plano, colaboram ou dirigem o trabalho. E assim as fôrças dos dois planos se conjugam formando então, momentaneamente, uma estrutura maior, mais resistente, melhor organizada, que representa de fato um poderoso e dinâmico conjunto de força espiritual. Desse conjunto se beneficiam então todos os presentes encarnados e desencarnados e inúmeras realizações do campo espiritual se tornam possíveis, porque dessa forma se possibilita em franca expansão, a manifestação de entidades superiores do plano invisível.

A formação de uma boa corrente magnética é, pois, a condição primária para a realização de todo e qualquer bom trabalho espiritual, qualquer que seja o objetivo da reunião.

Ofereçamos assim aos Espíritos invisíveis que têm tarefa a cumprir em nosso meio uma corrente perfeita, e tudo o que for justo se poderá esperar como resultado.

* * *

A marca, a característica de uma corrente perfeita é a serenidade, a calma, a harmonia, a beatitude do ambiente que então se forma; o bem-estar que todos sentem e a qualidade dos benefícios espirituais que todos recebem.

Ambiente agitado, tumultuoso, é sinônimo de corrente imperfeita, mutilada, não harmonizada nos dois planos e em correntes dessa espécie não pode haver manifestação de Espíritos de hierarquia elevada, e nada de bom podemos dela receber.

O problema é pois formar, antes de mais nada, uma boa corrente neste plano e estabelecer sua conexão com os operadores do plano invisível.

Para a adaptação psíquica de que vimos tratando basta que o médium se ponha

assiduamente em contacto com uma corrente desta natureza, participando das concentrações e preces em comum, para que receba, desde os primeiros passos, os benéficos efeitos desse poderoso elemento de purificação e harmonização espiritual.

Só depois disso, depois de curado e psiquicamente equilibrado, poderá ter inicio o processo propriamente dito de desenvolvimento de faculdades mediúnicas, como para-diante veremos. -

* * *

Quero encerrar este tópico com a seguinte advertência: assim como uma boa corrente se articula no invisível com bons elementos, uma corrente má se articula de igual modo com elementos inferiores, que só trazem malefícios.

Daí a vantagem de uma e o perigo de outra.

OS PASSES

Os passes individuais são muito aplicados nas práticas espíritas por uns e outros mas, segundo julgamos, não são indispensáveis, nem condição essencial de cura psíquica ou desenvolvimento mediúnico. Todavia são um agente poderoso; auxiliam as curas, reconfortam e atenuam grande número de sofrimentos.

Muitos já devem ter notado que os passes são dados de forma arbitrária, variando de indivíduo para indivíduo, com gestos e processos de cunho eminentemente pessoal. Tanto encarnados como desencarnados cada um dá passe conforme entende, não havendo para sua aplicação leis rígidas ou processos uniformes.

Isso realmente não importa porque o passe, em si mesmo, nada mais é que uma transmissão de energia fluídica e, desde que essa transmissão se realize, o modo de operar se torna secundário.

Disso decorre que toda exterioridade, toda encenação de que se revestir a aplicação deve ser banida como inútil. Uma simples imposição de mãos muitas vezes basta para se obter o efeito desejado, porque esse efeito não reside no gesto, na mecânica da aplicação, mas no desejo sincero que tem o operador de aliviar o sofrimento do doente.

Uma prece, portanto, vale mais que um passe, mesmo porque:
"toda boa dádiva e dom perfeito vêm do Alto". Havendo, pois, confiança e fé e o desejo evangélico de exercer a caridade, tudo é possível.

* * *

Apesar de não serem, como dissemos, indispensáveis os passes, todavia, auxiliam as curas e, na sua aplicação, três coisas podem ocorrer:

a) o operador, de si mesmo, transmite ao doente suas próprias energias fluídicas, operando assim um simples trabalho de magnetização;

b) com a presença de um médium, servindo de polarizador, um Espírito desencarnado faz sobre o doente a aplicação, canalisando para ele os fluidos reparadores;

c) o Espírito desencarnado incorpora-se no médium e faz sobra o doente, diretamente, a necessária transmissão.

Nas práticas espíritas as modalidades de uso mais corrente são as duas últimas.

Ninguém deve se submeter a passes feitos por pessoa inidônea, Isto é, moralmente incapaz ou fisicamente incompatível, casos em que os passes terão efeito contraproducente, porque as transmissões comparticipam quase sempre das qualidades e condições materiais do operador e sofrem, ao mesmo tempo, as influências morais de seu espírito.

Disso resulta que nem todos os médiuns têm a mesma capacidade qualitativa para dar passes visto que uns são, mais que outros, influenciados por seus próprios fatores de inferioridade; e como todos sofrem dessa influenciação, pouco mais pouco menos, resulta que não há médium algum que transmita fluído isento de impureza.

Por outro lado o conhecimento superficial, ou quase nulo que a maioria possue do corpo

humano, do seu delicado funcionamento e do modo por que reage a correntes fluidicas de diferente natureza, tudo isso concorre para diminuir as possibilidades de êxito pessoal,
na aplicação de passes materiais (magnéticos).

Por isso é que em muitos casos os resultados são ora muito lentos, ora negativos e às vezes até mesmo prejudiciais ao doente.

Só os Espíritos superiores, mais sábios e mais puros que os homens encarnados produzem ou transmitem fluidos perfeitos e, portanto, somente eles estão em condições de, realmente, curar moléstias (nos casos, bem entendido, em que a cura é permitida).

Por isso também, qualitativamente, os passes feitos pelos próprios Espíritos, diretamente sôbre os doentes, devem ser os preferidos vindo, em segundo lugar, aqueles que são feitos pelos Espíritos quando incorporados em médiuns inconscientes e, por último, os passes feitos pelos médiuns conscientes, ou por indivíduos não médiuns porém desejosos de servir ao próximo nesse campo tão dignificante da caridade espiritual.

Em complemento a estas considerações, chamamos a atenção dos leitores para o capítulo das curas mediúnicas, constante do texto, à página 79.

* * *

Como porém o uso de passes é muito generalizado, acrescentemos aqui mais alguns conselhos esclarecedores.

1º) O médium que se dispuser à aplicação de passes materiais (categoria "a") deve se esforçar por aquirir e desenvolver "capacidade radiante" isto é, capacidade de captar e irradiar fluidos reparadores, desdobrando assim, em mais profunda e ampla esfera de ação, aquela que já possuir de, por si mesmo, como magnetizador, transmitir fluído animal.

2º) Essa capacidade radiante se desenvolve quando o médium se dispõe a servir desinteressadamente e se esforça por elevar-se no campo da moralidade evangélica.

3º) Saúde, sobriedade, vida tranquila, equilibrada e harmônica, são condições que deve manter preservando-se sempre, visto que paixões, tumultos, mágoas e inquietações, são coisas que impedem a fluição natural e espontânea das energias magnéticas e curativas, através os condutos nervosos.

4º) Abstenção de álcool, fumo, entorpecentes e outros elementos tóxicos, como por exemplo resíduos alimentares não eliminados, que envenenam os fluidos em trânsito, criam maus odores no corpo e podem ser transmitidos aos doentes. (30)

(30) Para maiores detalhes consulte-se "Trabalhos Práticos de Espiritismo".
Pode ser também consultado o livro "Passes e Radiações", ambos do mesmo Autor, Edição LAKE — São Paulo.

CÂMARA DE PASSES

Neste capítulo dos passes queremos noticiar a existência de um recurso de cura, de alta valia e fácil utilização.

É aquilo a que denominamos — CÂMARA DE PASSES — um cômodo reservado, de alto e sempre purificado teor vibratório-fluídico, no qual se introduzem os doentes ou perturbados, aí os deixando permanecer algum tempo, isolados e em silêncio.

Durante esse tempo os Espíritos do plano invisível, que aceitaram a incumbência, (em entendimento prêviamente feito), cuidam deles e os assistem convenientemente, sem interferência de quem quer que seja.

A Câmara de Passes, pois, é uma instituição plenamente viável e preferencial porque a assistência pode ser dada a qualquer hora sem a menor preparação, isoladamente, sem testemunhas, em silêncio, e numa comunhão direta entre o doente e o operador invisível.

Somente duas condições são exigíveis para sua aplicação com bons resultados: um local onde a pureza ambiente seja positiva, e sua conservação permanente por meio de defesas espirituais realizadas nos dois planos.

RADIAÇÕES

As Radiações são um poderoso agente de tratamento, tanto material como espiritual e prestam grande auxílio ao desenvolvimento mediúnico, neste período preparatório de que estamos tratando, porque neste período se cuida justamente do equilibramento psíquico do médium, já que este, quase sempre, como sabemos, éportador de perturbações espirituais.

As sessões de radiações podem ser feitas nos Centros Espíritas ou em casas particulares, bastando para isso que se reúnam duas ou mais pessoas e, se possível, um médium de incorporação, já desenvolvido, para os necessários entendimentos com os operadores invisíveis.

As radiações são tão eficientes como qualquer tratamento em presença, não representando a distância, como é natural, impedimento algum. (31)

(31) As sessões de radiações à distância, têm um grande desenvolvimento e aplicação na Federação Espírita do Estado, beneficiando a milhares de perturbados dos dois planos. São feitas com grupos reduzidos e selecionados de assistentes, dotados da necessária capacidade de concentração e doação de fluidos. Para maiores esclarecimentos, consultem as obras: "Passes e Radiações" e "Trabalhos Práticos de Espiritismo", do mesmo autor, editadas pela LAKE.

André Luiz, em sua obra "Nos Domínios da Mediunidade" mostra o espelho fluídico no qual a imagem dos doentes ausentes ou pessoas ligadas aos pedidos feitos pelos presentes à sessão, surgem e são examinados pelos benfeitores presentes que em seguida dão as respostas às perguntas feitas.

Os operadores invisíveis valem-se destas oportunidades para realizarem curas e nestes casos, tanto podem deslocar-se para junto do doente, onde este estiver, examinando-o aí, diretamente, como podem obter, em ligação com o protetor individual do doente, as informações de que careçam, combinando com este os procedimentos que mais convenham ao caso em apreço.

* * *

As perturbações apresentadas pelos médiuns tanto podem ser manchas ou placas fluídicas aderentes ao perispírito; vibrações negativas advindas de seus próprios sentimentos viciosos, como interferências de Espíritos obsessores que, nos casos de mediunidade, estão junto ao médium, exercendo determinadas tarefas, e que, por isso, nas doutrinações, nem sempre são prôpriamente afastados mas disciplinados na sua atuação.

* * *

Enfim, seja qual for o motivo da perturbação, o tratamento espiritual deve sempre preceder ao desenvolvimento mediúnico porque por ele é que se obterá o equilíbrio necessário que permitirá seguir adiante e atingir resultados satisfatórios; neste período preparatório o médium é simples e unicamente um doente necessitado de assistência e orientação.

21
O DESENVOLVIMENTO

Há uma corrente de pensadores espíritas que faz restrições ao trabalho de desenvolvimento mediúnico. Acham que a mediunidade deve ficar entregue a si mesma, para manifestar-se quando for hora, não devendo o médium sujeitar-se a qualquer esforço, regras ou métodos, tendentes a regular essa manifestação.

Discordamos em parte.

Se é verdade que não se pode forçar a eclosão de faculdades porque isso depende de amadurecimento espontâneo e oportuno, não é menos certo que se pode e se deve aperfeiçoar e disciplinar tais dotes para se obterem resultados mais favoráveis.

Aqui calha o preceito: "ao que não tem, pouco ou nada se pode dar, mas ao que tem muito se pode acrescentar".

Um curso dágua entregue a si mesmo pode se perder na planície, fazendo voltas inúteis, se estagnando e provocando malefícios mas, devidamente canalizado, vai diretamente à foz e em muito menos tempo.

No caso da mediunidade o que se procura é justamente canalizar a corrente, disciplinála, para que haja maior harmonia no curso; afastar os obstáculos para que flua com mais desembaraço e rapidez.

À falta de tais cuidados é que o mundo está cheio de médiuns obsidiados, fracassados, ou, na melhor das hipóteses, estagnados.

Por isso somos pelo desenvolvimento metódico, regrado, bem conduzido.

André Luiz em seu livro já citado, no capítulo das possessões, falando de um caso de epilepsia, confirma completamente o que recomendamos desde 1947 na 1ª edição desta obra, sobre a necessidade dos tratamentos prévios, dos reequilíbrio orgânico e psíquico e do reajuste moral antes de se iniciar o desenvolvimento mediúnico propriamente dito de 'faculdades.

Diz ele: "Desenvolver, em boa sinonímia quer dizer "retirar do invólucro", "fazer progredir" ou "produzir". Assim compreendendo, é razoável que Pedro, antes de tudo, desenvolva recursos pessoais no próprio reajuste. Não se constroem paredes sólidas em bases inseguras. Necessitará, portanto, curar-se. Depois disso, então..

Mais adiante: "Sobrevirá, então, um aperfeiçoamento de individualidades, a fim de que a fonte mediúnica surja mais tarde, tão cristalina quanto desejamos. Salutares e renovadores pensamentos assimilados pela dupla de sofredores em foco, expressam melhoriam e recuperação para ambos, porque, na imantação recíproca em que se vêem, as idéias de um reagem sobre o outro, determinando alterações radicais."

* *

Passado pois o período preparatório; obedecidas todas as recomendações já expostas; estando o médium mais ou menos equilibrado física e psiquicamente; possuindo já, sobre si mesmo e sobre o ambiente que lhe for próprio, relativo domínio: e. principalmente, apresentando-se o campo mediúnico em condições favoráveis de influenciação, poderão então ser iniciados os trabalhos do desenvolvimento propriamente dito.

Colocado na corrente o médium sentirá, desde os primeiros contactos, as influências ambientes, que tanto podem provir do magnético humano da base, como serem impressões telepáticas dos presentes, fluidos pesados de Espíritos inferiores que aproximem, radiações longínquas de Espíritos evoluidos, impressões de seu próprio sub-consciente, como atuações, enfim, diversas e complexas, de outras forças e entidades astrais.

Ao toque dessas influências entrará ele imediatamente em um estado de tensão emotiva, mais ou menos intensa e mais ou menos consciente, segundo o grau de sua própria sensibilidade, da natureza das faculdades que possuir e, sobretudo, segundo a afinidade que demonstrar para umas ou outras.

Conforme a natureza ou grau dessas influências poderá ele ser por elas mais ou menos dominado, reagindo de maneiras muito variáveis, havendo casos em que o médium, nestes primeiros embates, se deixa dominar completamente, descontrolando-se, ou amedrontando-se.

Por isso uma das principais e mais urgentes necessidades é impedir que tal aconteça, de forma arbitrária, criando-se desde logo, no espírito do médium a idéia de que não deve ser escravo mas senhor dessas forças, regular o ato da passividade, disciplinar suas emoções e só entregar-se passivamente quando tiver adquirido confiança em si mesmo e no ambiente em que se acha.

Deve-se-lhe proibir sujeitar-se cegamente, num grau todavia que não represente

impedimento às próprias manifestacões, porque em tal caso estaria dificultando, como é lógico, a espontaneidade e o curso natural do desenvolvimento.

PASSIVIDADE MEDIÚNICA

Sabemos que há médiuns extremamente passivos e faculdades que, por si mesmas, obrigam a essa passividade como, por exemplo, a incorporação inconsciente e os efeitos físicos.

Estes são os casos em que os médiuns realmente representam. para as forças e entidades do plano invisível, um "aparelho", um "instrumento" como se costuma dizer, porque então, estão elas inteiramente à disposição dessas entidades e em quase nada intervêm, na ocorrência dos fenômenos.

O mesmo porém não se dá com as faculdades de lucidez, que permitem aos médiuns conservar sua consciência, liberdade de ação e personalidade, como também agir segundo a própria vontade, até mesmo deixando de ser "intermediários", abstendo-se ou recusando-se a transmitir o que vêem ou ouvem, caso o desejem.

A passividade funcional, todavia, mesmo nos primeiros casos citados, somente deve ocorrer no período da ação mediúnica voluntária, fora da qual os médiuns devem conservar e utilizar seus atributos psíquicos normais, livres de qualquer influência exterior.

Natural, pois, e mesmo necessário, que haja passividade no ato funcional mediúnico e atividade e consciência plenas fora desse ato, não só para o selecionamento do ambiente do trabalho, como para a escolha de colaboradores, de processos, tudo visando a perfeita realização da tarefa individual.

A passividade cega entrega os médiuns à influência de forças e entidades de todas as classes e esferas, indiscriminadamente e isso é altamente nocivo: não só representa um abastardamento do fruto do seu trabalho como traz a possibilidade do desvirtuamento de suas faculdades, que podem ser desviadas para o mal, quando utilizadas por Espíritos ignorantes, inconscientes ou maldosos.

Sem espiritualisação a mediunidade não evolue.

Pode haver esforço e trabalho mediúnico, porém, diz André Luiz, "sem acrisolada individualidade não existirá aperfeiçoamento mediúnico."

E quanto aos médiuns de lucidez, se agirem com passividade cega e desconhecerem certos problemas da vida mediúnica, pode ocorrer que penetrem no campo hiperfísico inconscientes do que se passa ao seu redor e por isso não possam compreender ou classificar
o que vêem ou ouvem, as entidades que lhes falam e o mais que suceder durante a ação mediúnica, expondo-se a perturbações diversas, mormente as do campo mental.

Além disso, como médiuns, intermediários, agentes de ligação entre os dois mundos, que confiança podem merecer se eles próprios ignoram, não só a natureza como o significado do que vêem ou ouvem?

Mas como, mesmo assim, quando estes casos ocorrem, fazem a transmissão — e não são poucos os médiuns passivos e ignorantes — calcule-se daí a extensão das informações, transmissões errôneas, absurdas e ilusórias que espalham pelo mundo! Nestes casos só haveria um meio de joeirar os erros transmitidos: possuirem os dirigentes de trabalhos, ou pessoas interessadas na transmissão, conhecimentos gerais e adequados dos aspectos e problemas da vida espiritual, eliminando uns e aceitando outros.

Isso, porém, como sabemos, muito raramente acontece e, a rigor, tudo quanto o médium diz ou transmite é aceito também cegamente, ou de boa-fé, pelos interessados.

* **

Por aí se vê que esses primeiros trabalhos do desenvolvimento são delicados e difíceis de ser regulados convenientemente porém deles depende em grande parte a futura estruturação da mediunidade em curso.

Não basta pois sentar a uma mesa e concentrar-se: é preciso estudo, boa vontade,

critério, inteligência e recíproco espírito de cooperação entre médiuns e instrutor.

O médium, nestas circunstâncias, é como um aluno que precisa acomodar-se às regras, às ordens, à disciplina, ao regimento da classe em que está; confiar e obedecer criteriosamente aos instrutores.

Por falta dessa educação inicial é que se vê comumente o nº de médiuns, arbitrariamente influenciados, manifestarem-se antes mesmo que as sessões sejam declaradas abertas, e também casos em que os próprios protetores individuais de médiuns são causadores de irregularidades semelhantes, o que demonstra que ignoram, tanto quanto os próprios médiuns e diretores de trabalhos, as verdadeiras regras espirituais que devem ser seguidas nos trabalhos práticos.

Essas irregularidades prejudicam a todos os assistentes mas, sobretudo, aos médiuns em desenvolvimento já que estes, ao seu próprio e natural desgoverno, adicionam ainda o que lhes vem de práticas tão mal conduzidas.

Este é um simples exemplo isolado, porém há muitos outros que poderiam ser citados e que em nada recomendam a prática espírita em comunidades onde predomína a ignorância e a falta de compreensão da formação mediúnica.

REGRAS

Impedindo, pois, que se deixem dominar de forma arbitrária e cega, estaremos desde logo concorrendo para formar médiuns seguros, equilibrados, inspiradores de confiança.

Mas qual o processo para se conseguir isso, em sentido geral?

Entre outras coisas, é necessário o seguinte:

a) a direção dos trabalhos deve estar com pessoa competente, que conheça o problema detalhadamente;

b) deve existir perfeito entrosamento de ação nos dois planos, mediante ajuste prévio com os operadores invisíveis;

c) não se permitir que Espíritos desencarnados irresponsáveis, ou estranhos ao trabalho, se aproximem dos médiuns e exigir que os destacados para isso, só o façam no momento oportuno;

d) criar, para o trabalho, um ambiente espiritualizado, de objetivos elevados, excluidos o exibicionismo, a superstição, o personalismo, o interesse pessoal;

e) exigir que as manifestações se dêem em ordem, uma de cada vez, para evitar confusões e tumulto:

f) desmascarar pacificamente todas as mistificações, tanto de médiuns como de Espíritos, e pôr em evidência todas as manifestações e ocorrências que possam servir de ensinamento e de edificação moral:

g) ter como finalidade o espiritismo evangélico — que é o único que assegura uma assistência espiritual elevada.

Mas, se apesar dos cuidados postos em prática, do método seguido, da ordem e disciplina mantidos por todos, da firmeza das concentrações, da pureza das intenções, os trabalhos degenerarem em violência, desordem, confusão, é então de supor que a assistência espiritual não é ainda favorável; não foi ainda atingido um clima que inspire segurança, e tornam-se nestes casos precisos novos entendimentos com os guias, novos esforços, novas tentativas, porque éessencial a boa assistência, e o bom ambiente nos dois planos.

O fato de terem sido designados determinados Espíritos para realizarem ou dirigirem trabalhos na Crosta, junto aos encarnados, não significa que sejam eles Espíritos de hierarquia elevada; recebem determinada missão e se, em alguns casos possíveis, não a cumprem com a devida competência ou dedicação, ou se a desvirtuam estarão, como nós outros, sujeitos à mesma responsabilidade.

Muitos Espíritos pedem tais tarefas, ou porque desejam permanecer junto de encarnados para os quais sentem afinidade, prendem-se por laços efetivos, ou por simples desejo de cooperação na obra comum de esclarecimento das almas; mas assim também com& acontece conosco aqui na Terra, podem fracassar ou desmerecer por várias circunstâncias.

Em todos os casos, ocorrendo tais coisas é necessário apelar para as Entidades superiores, a fim de que as falhas sejam sanadas e os trabalhos prossigam com nova orientação.

E, reversamente, quando tudo vai bem, quando há dedicação, desinteresse e amor ao trabalho, de parte a parte, os resultados vão sendo cada vez mais compensadores e aos primitivos trabalhadores novos elementos se associam, sempre de valor mais elevados ganhando então os trabalhos cada vez maior força e expressão.

São, pois, indispensáveis bons elementos individuais nos dois planos e somente assim as forças superiores podem descer sobre eles, assegurando o referido progresso; caso contrário estabelece-se um ambiente refratário a essas forças e, além disso, surgem vibrações negativas, de baixa qualidade, que a todos prejudicam e abrem as portas a forças e entidades de planos inferiores, sempre prontas a intervir, desde que se lhes forneça oportunidade.

Chegando a este ponto a sessão se transformará num foco de desordem psíquica, de venenos fluídicos, que atacarão sem piedade médiuns e assistentes, trazendo-lhes perturbações às vezes muito serias.

Em resumo, as boas práticas e os bons ambientes constróem e os opostos destróem as possibilidades de um desenvolvimento natural, harmonioso e eficiente, de faculdades mediúnicas.

* * ‘F

Outra recomendação a fazer aos médiuns em desenvolvimento, é falarem com desembaraço e confiança, desde o princípio.

Os de incorporação consciente e semi-consciente, sobretudo. são os que mais recalcam em si mesmos essas possibilidades porque estão sempre mais ou menos despertos e usam palavras próprias para traduzir as idéias telepáticamente recebidas dos Espiritos comunicantes; e isso lhes cria uma situação de verdadeiro constrangimento.

É grande o número de médiuns que fracassam só por causa disto ou no mínimo estacionam a ponto de estagnar completamente suas faculdades mediúnicas. Mas se compreenderem bem a natureza dessas faculdades e as limitações que lhes são próprias, conforme explicamos no capítulo 9 deste livro, sua confiança renascerá e se tornarão intérpretes fiéis e eficientes.

Há todavia outras causas que produzem recalques e prejudicam o desenvolvimento.

Médiuns há que por possuirem pouca cultura e terem de transmitir com suas próprias palavras e recursos mentais as idéias recebidas dos Espíritos, se atemorizam da critica alheia.

Outros que se julgam diminuir transmitindo idéias muitas vezes banais e futeis, de Espíritos atrasados.

Ou que se consideram humilhados por fazerem nas sessões as mesmas coisas, tomarem as mesmas atitudes de indivíduos de condição social inferior à sua.

Outros que se constrangem por se sujeitarem a Espíritos atrasados e por terem de dizer coisas que em plena consciência não diriam e que muitas vezes são contrárias às suas próprias idéias e pensamentos.

Muitos, também, que se escrupulizam ou envergonham de exercer suas faculdades na presença de pessoas amigas, ou da própria família, perante as quais, na vida comum, mantêm determinadas .condições de superioridade, que seriam prejudicadas com qualquer intimidade ou promiscuidade.

Há também inúmeros casos de constrangimento provenientes de serem médiuns indivíduos professantes de religiões dogmáticas e obsoletas. ignorantes das coisas do espírito, se atemorizam com a posse de faculdades psíquicas, que consideram tentações maléficas, obra demoniaca; assim, lutam para reprimi-las e muitas vezes caem vitimados pela própria ignorância ou recalcitrância.

Verdadeiros dramas ocorrem no seio de famílias católicas e protestantes, ou de materialistas. cujos responsáveis muitas vezes preferem sacrificar os entes queridos a

admitirem neles a existência de faculdades espirituais.
A todos estes irmãos, detentores de faculdades mediúnicas recalcadas, devemos dizer que necessitam antes de mais nada, de humildade. O médium orgulhoso já está de inicio fracassado na tarefa que aceitou, porque coloca acima dela os pre-conceitos mundanos, que nada valem à face das coisas de Deus eternas e soberanas. Substimam justamente aquilo que lhes pode servir de auxílio para se elevarem na escala evolutiva.

Mas todos terão oportunidade de se vencerem a si mesmos, porque se pedirem forças e auxílio do Alto, é certo que os receberão imediatamente.

Está pois em suas próprias mãos o triunfo ou a derrota, isto é:

uma subida ou uma queda espiritual quando, após seu desencarne, tiverem de prestar suas contas às Entidades Superiores do Espaço.

22
OPORTUNIDADE DO DESENVOLVIMENTO

O simples fato de haver necessidade de desenvolvimento mediúnico demonstra que deve também haver uma época apropriada ao seu início.

Tudo na Natureza tem sua hora certa para nascer, para crescer, para declinar, para extinguir-se. (32)

(32) Já o sábio Salomão, no seu tempo, referia-se a esta verdade, no Eclesiastes", aplicando-a a muitas coisas da vida prática.

Tudo está bem regulado não havendo nada de arbitrário. Há leis para tudo e elas se exercem com absoluta regularidade.

Assim como o fruto amadurece na sua época, devem também amadurecer no devido tempo, segundo leis irrecorríveis, todas as virtudes e faculdades do espírito.

Cremos que para a eclosão da mediunidade a época normal é a juventude, quando as forças orgânicas estão em plena expansão e o indivíduo ainda tem pela frente a maior parte de seu quinhão de vitalidade; eclodida assim a faculdade, sua consolidação só se vem a dar na meia idade, quando obtém então maior fecundidade e segurança, porque só aí se definiram seus elementos, o espírito se enriqueceu com as experiências e o coração se dilatou com o sofrimento da luta.

No período de declínio orgânico, acreditamos que o campo das atividades se restringe e o espírito vai se recolhendo em si mesmo, fugindo aos embates exteriores, como um caminheiro cansado, que anseia pelo justo repouso.

Assim, pois, acreditamos que a mediunidade se desenvolve com a própria expansão da vida física individual e se amortece com o próprio declínio.

Há casos, porém, em que indivíduos idosos, aos primeiros contactos com a corrente, manifestam mediunidade franca e evoluida e isto é o que induz a muitos suporem que não há épocas preferenciais para o desenvolvimento.

Estes fatos, todavia, não invalidam mas, muito ao contrário, confirmam nosso ponto de vista: a faculdades amadureceram na sua época, porém só muito tardiamente se manifestaram, por falta de condições favoráveis, que um desenvolvimento metódico e regular proporcionaria; e, nestes casos, resultarão sempre em faculdades indisciplinadas ou eivadas de defeitos, vamos dizer, congênitos, que só muito dificilmente poderão ser corrigidos.

* * *

É perigoso provocar o desenvolvimento prematuro de faculdades psíquicas (naquilo em que elas podem ser forçadas) tentando sua eclosão por meio de hipnotismo, auto-esforço, ou interferência de Espíritos levianos desencarnados, como sucede, às vêzes, nos "terreiros" e na umbanda.

Aguarde-se o momento propício e, enquanto isso, instrua-se o candidato na doutrina, teoricamente; procure-se equilibrá-lo na prática das virtudes e na disposição para o bem porque, então, e assim sendo, as portas do que for oculto se abrirão em claridades e o médium, olhando, verá e ouvindo, discernirá.

Em todos os casos procurem os médiuns manter comunhão com os bons Espíritos, não exigindo que eles desçam a seu nível, mas esforçando-se para subirem até eles, purificando-se e vivendo com retidão.

23
SINAIS PRECURSORES

Além das perturbações psíquicas em si mesmas há ainda vários Óutros sinais que indicam o afloramento de faculdades e que variam segundo a natureza desta.

Assim, para a Lucidez temos:

SONHOS E VISÕES

Nesse período de que estamos tratando o médium sonha com intensidade e nitidez cada vez maiores. Em seguida, no semi-sono, os sonhos passam a ser verdadeiras visões, cada vez mais perfeitas e significativas. E, em grau mais avançado, muitas vezes mesmo em plena vigília, primeiro no escuro e mais tarde no claro, passa a distinguir as cores áuricas das pessoas e dos objetos, formas indistintas e confusas dos planos hiperfísicos.

Na maioria das vezes as visões são desagradáveis; representam animais estranhos, e formas ou seres humanos grotescos e mesmo repugnantes e isso porque o desenvolvimento começa, quase sempre com a interferência de Espíritos inferiores, que provocam tais visões, quando não é o próprio médium que diretamente vê tais coisas, nas esferas inferiores do Umbral.

AUDIÇÃO

O médium ouve vozes, rumores, de princípio incompreensíveis, mais ou menos nítidos em seguida, mesmo não se tratando de mediunidade auditiva. Outros padecem de zumbido nos ouvidos e muitos há que de tal maneira se tornam sensíveis a tais coisas, que chegam a não poder conciliar o sono, com grave risco para sua saúde física e mental.

* * *

Para a Incorporação temos:

ADORMECIMENTO

Os médiuns que, por efeito de sua própria perturbação, não conseguem concentrar-se ou dominar-se, mormente no curso dos trabalhos práticos, são submersos, pelos próprios protetores invisíveis, em um sono mais ou menos profundo, durante o qual agem sobre eles, afastando as causas perturbadoras ou trabalhando nos órgãos da sensibilidade, para a necessária preparação.

Agem também assim sobre aqueles que vem para o trabalho espiritual em condições físicas impróprias, por cansaço ou moléstia ou ainda por efeito de preocupações intensas, ligadas à vida material; todas estas condições são incompatíveis com o trabalho e exigem cuidados reparadores.

FLUIDOS

À medida que a sensibilidade se apura o médium sente, cada vez mais intensamente,

fluidos que tanto podem vir de encarnados como de desencarnados presentes à sessão; e, conforme seja o grau dessa sensibilidade podem também provir de entidades de maior hierarquia protetores do trabalho ou para os quais, durante ele, se apelou e que, nestes casos enviam, às vezes de grandes distâncias, suas radiações poderosas.

Pelo seu teor vibratório esses fluidos agem sobre o perispírito do sensitivo de forma agradável ou não, produzindo boa ou má impressão, provocando reação suave e reparadora ou violenta e dolorosa.

Pela natureza, pois, dos fluidos que sente, pode o médium determinar a presença ou a ação de entidades ou forças boas ou más, do mundo invisível.

Convém também dizer que os fluidos agem de preferência em determinadas regiões do organismo, ou melhor, refletem sua ação em lugares de eleição do organismo físico, segundo sua própria natureza e variando de indivíduo para indivíduo. Assim uns sentem fluidos pesados, (de Espíritos inferiores) no alto da cabeça, àesquerda, outros à direita, outros no braço, nas pernas, no epigastro, e fluidos leves (de Espíritos superiores) nestes ou naqueles pontos do corpo, sistematicamente.

IDÉIAS E IMPULSÕES ESTRANHAS

Sensíveis como são aos fenômenos hiperfísicos os médiuns começam a perceber, nesse período pré-medíúnico, idéias estranhas, que lhes surgem na mente de forma às vezes obsidiante, bem como impulsos de ‘agirem em determinados sentidos, de fazerem tal ou qual coisa, de que também jamais cogitaram.

E como podem, nesses primeiros tempos, devido à sua natural inexperiência, sofrer arbitrariamente influência de bons e maus Espíritos, é necessário vigiar sempre, interferir com a razão continuamente, analisando tais idéias e impulsos, não se deixando levar por eles e optando sempre pelo que for mais criterioso e justo.

ENTORPECIMENTO, FRIO E RIGIDEZ

Os protetores, durante esse período que estamos analisando, agem sobre os órgãos da sensibilidade, bem como sobre todo o sistema nervoso justamente visando o preparo do campo para as atividades mediúnicas e essa ação muitas vezes provoca reflexos nos músculos, inibições na corrente sanguínea e nas terminações nervosas, do que resultam os fenômenos citados, se bem que sempre em carater passageiro.

O entorpecimento ora é nos braços e mãos, ora nas pernas e pés, sendo também às vezes precedido de uma incômoda sensação de formigamento da epiderme em geral.

ALHEAMENTO, ESVAIMENTO, VERTIGEM

Nos casos de semi-incorporação ou incorporação total o processo mais ou menos profundo da exteriorização do Espírito do médium provoca tais fenômenos, também passageiramente.

Em casos anormais porém, podem eles ser provocados pela ‘influenciação de Espíritos obsessores que, não tendo em mira objetivos benignos em relação ao médium, interferem com brutalidade, produzindo distúrbios no campo da vida nervosa ou psíquica.

São comuns os casos em que médiuns incipientes e indefesos são acometidos por delíquios e vertigens na própria via pública, com grave risco para sua saúde e vida.

“BALLONNEMENT”

Adotamos esta expressão francesa para indicar a sensação de dilatação, estufamento, inchamento de mãos, pés e rosto do médium, que muitas vezes ocorre antes do transe. E’ ainda efeito da exteriorização, do deslocamento do perispírito do médium dentro do arcabouço físico para ceder lugar, parcial ou totalmente, ao Espírito comunicante.

* * *

Por último, são os seguintes os sinais prévios, no campo exterior, referentes aos casos de efeitos físicos: "raps", rumores. diferentes, deslocação de objetos de uso, batidas em móveis, paredes, luzes e formas fluídicas, de ocorrência arbitrária e imprevista, tanto no lar como nos lugares freqüentados pelos médiuns.

Quando ocorrem esses fenômenos, como sucede em muitas casas que, por isso, ficam mal vistas pelo povo, procure-se logo o responsável que, invariàvelmente é um médium de efeitos físicos.

* * *

Todas estas perturbações são próprias do período pré-mediúnico e podem mesmo avançar um pouco a dentro no período do próprio desenvolvimento mas terminam sempre por cessar à medida que as faculdades se desenvolvem e educam, entrando em atividade normal.

24
NA INTIMIDADE DO PROCESSO

Feitas assim estas generalizações, vamos agora ver de que maneira se processa o desenvolvimento em si mesmo.

Encaremos a primeira fase: — a da adaptação psíquica.

Posto o médium na corrente magnética inicia-se imediatamente o trabalho de limpeza espiritual, com a dissolução das placas fluídicas, aderidas ao perispírito e advindas do exterior por afinidade vibratória ou do interior, como resultante de seus próprios pensamentos e sentimentos negativos, bem como com o afastamento das entidades perturbadoras ligadas ao médium e atraidas, sempre por afinidade, por suas condições vibratórias internas.

Tanto essas placas (ou manchas), como as interferências pessoais de obsessores, davam ao perispírito vibrações impróprias, desordenadas, às vezes muito intensas outras vezes muito lentas. que se refletiam no sistema nervoso em geral, produzindo alterações psíquicas e orgânicas.

Este trabalho de limpeza é feito pelos assistentes espirituais, que lançam mão dos elementos magnéticos positivos extraídos da própria corrente ou de passes e radiações fluidicas pessoais que dirigem sobre o médium.

Em casos graves, de perturbações muito fortes e quando falham seus próprios recursos, os assistentes recorrem a mananciais de forças de planos superiores, por intermédio de entidades de maior hierarquia, às quais mentalmente se dirigem.

Assim se consegue, desde os primeiros trabalhos e após sessões continuadas, normalizar a vibração perispiritual, passando então o perispírito, devidamente refeito, a exercer sobre o sistema nervoso e sobre os plexos e glândulas, o domínio normal e as relações pacificas e regulares que caracterizam o indivíduo psiquicamente equilibrado.

Vejamos agora a segunda fase: a do desenvolvimento prôpriamente dito.

Limpo o perispírito de influências impróprias e negativas e normalizadas as relações entre ele e o aparelho nervoso, o campo mediúnico se apresenta, então, em condições de ser exercitado.

O trabalho, sempre com o auxílio dos elementos já referidos, se resume na intervenção dos agentes espirituais, sobre os órgãos de percepção e de ligação psíquica, principalmente a glândula pineal — para o vegetativo.

Esses órgãos vão sendo então exercitados pelos operadores Invisíveis, até que obtenham a vibração especial própria da eclosão da faculdade que se tem em vista desenvolver.

Aos poucos vai o perispírito atingindo esse estado vibratório necessário e aos poucos

vão, também, se desenvolvendo e caracterizando as manifestações que produz até que essa capacidade especial vibratória se consolide, se estabilize, se torne espontânea, elástica e flexivel, capaz de ressoar harmonicamente a qualquer nota, vamos dizer assim, da. escala vibratória espiritual.

Chegando a este ponto o médium estará em condições de servir de intermediário a Espíritos de qualquer condição e grau da hierarquia; e estará também em condições de desempenhar sua tarefa por si mesmo, sem perigo de degeneração, com segurança e pleno conhecimento de causa. (33)

(33) Ao que está dito acrescente-se o ensino de Kardec, segundo o qual médium desenvolvido é aquele que somente recebe inspiração de Espíritos superiores. O Codificador quer dizer que desenvolvido está o médium quando produz o trabalho que dele se espera porém, quanto à obediência, à orientação espiritual, somente se submete a protetores e guias de ordem superior.

* * *

O desenvolvimento, tanto na primeira como na segunda fases, pode exigir maior ou menor tempo, segundo o estado moral, o devotamento e a fé que o médium demonstrar desde início; mas depende também e muito do ambiente em que o trabalho se realiza, o qual, não sendo plenamente favorável, pode retardar o processo ou degenerar as faculdades incipientes.

Na primeira fase o mau ambiente, ao invés de limpar, acrescenta elementos contrários ao quadro dos já existentes e atraí novas forças hostís, perturbando ainda mais o médium; e na segunda pode produzir um desenvolvimento desarmonico, num sentido vicioso e inconveniente, levando à formação de médiuns descontrolados, que jamais atingirão um estado satisfatório de eficiência mediúnica.

Em ambientes favoráveis, desde início cedem também, como já vimos, as perturbações de fundo orgânico porque, removidas as placas do perispírito, automàticamente estarão também removidos seus reflexos nos órgãos físicos correspondentes, já que o corpo físico é um duplicado, uma projeção do perispírito, que é a matriz modeladora.

* * *

Desde o início do desenvolvimento deve o médium estabelecer e conquistar um padrão o mais perfeito possível de conduta moral, por meio de auto-refreamento e de preces, para que suas vibrações internas se apurem, clarificando e purificando a aura mediúnica.
Tal procedimento ajuda poderosamente o desenvolvimento e sem esse processo interno de auto-purificação, pela reforma moral, nenhum desenvolvimento normal e perfeito será possível ou terá caracter definitivo.

25
A DIREÇÃO DOS TRABALHOS

O diretor dos trabalhos tem, a seu turno, de agir com discernimento e prudência, conforme a natureza da sessão que preside.

Em geral, para a formação de um bom ambiente, e após, é claro, os entendimentos preliminares com os operadores invisíveis, (o que deve ser feito em ocasiões apropriadas) deve exigir dos presentes a mais perfeita concentração, expungindo de todas as mentes pensamentos e preocupações ligados à vida material.

A sessão é um oásis de repouso para o viandante cansado de seus labores; ali se dessedenta, se recupera e se estimula para novos esforços; mas para que o repouso seja realmente confortador é necessário que o viajante, ao penetrar no recinto, procure se esquecer de suas inquietações e de seus temores e se entregue completamente ao aconchego

e à proteção que ele oferece.

A assistência deve ser afastada das mesas de trabalho e em torno destas deve existir uma cadeia fluídica de segurança, formada de elementos capazes de manter uma concentração perfeita e isso para que os médiuns fiquem isolados e a coberto de influências exteriores.

Preleções constantes sobre mediunidade são necessárias, focalizando-se seus diferentes aspectos e a conduta que os médiuns devem manter durante os trabalhos.

Nos casos de incorporação explicar as diferenças que apresentam os três aspectos 'da faculdade, particularizando seus detalhes. Esclarecer que no caso "consciente" 'o animismo é circunstância natural e às vezes mesmo favorável, porque se o médium possue cabedal próprio de conhecimentos, maior riqueza de vocabulário e maior facilidade de expressão, tanto melhor transmitirá as idéias que receber do Espírito comunicante. O médium, pois, que tenha confiança em si mesmo certo de que, dentro da corrente e na hora da comunicação, o que vier não será dele mas sim do Espírito comunicante; que não analise o que recebe para transmitir; que fique em estado receptivo e dê ampla vasão às idéias ou pensamentos que receber. (34)

(34) Mais tarde, quando já desenvolvido e entregue aos trabalhos, novos detalhes serão fornecidos a êste respeito para o aprimoramento da faculdade.

No jogo das idéias próprias e daquelas que vêm do Espírito comunicante, deve o médium, desde início, estar vigilante para distinguir uma coisa de outra, estabelecer limites se bem que só o tempo e o tirocínio mediúnico fornecerão elementos seguros dessa distinção.

Ensine-se ao médium, todavia, que do seu sub-consciente pode usar livremente os elementos próprios, no que respeita a palavras, locuções, etc., necessárias à interpretação e transmissão das idéias recebidas telepaticamente, só devendo ressalvar em si mesmo, justamente as idéias, porque estas pertencem ao Espírito comunicante.

Ensine-se-lhe também que quando as idéias fluem livremente, desembaraçadamente, isto é sinal que não pertencem a ele, médium; são transmissões telepáticas e que, toda vez que ele, médium, interfere produz-se uma síncope, uma pausa, uma interrupção na transmissão, que passa então a desenvolver-se com dificuldade, sem fluidez, forçadamente.

Recomende-se-lhe outrossim que antes de se deixar influenciar se dê a si mesmo sugestões no sentido de não bater nas mesas, não bater os pés e as mãos, não gritar, não gemer, não fazer gestos impulsivos ou violentos, não tomar atitudes espetaculares; enfim exija-se que se conserve calmo, silencioso, confiante, discreto.

Os médiuns devem ser separados em mesas ou grupos diferentes segundo o estado que atingiram no desenvolvimento, devendo ir transitando de uma mesa ou grupo para outro à medida que progridem.

O diretor do trabalho não deve permitir manifestações extemporâneas nem tampouco intervenção de médiuns porventura postados fora da corrente.

É necessário que os médiuns, como já dissemos, saibam distinguir fluidos, uns de outros pois, segundo sua vibração e qualidade, são diferentes. Um mau fluido tem vibração mais pesada, mais lenta e produz efeito desagradável, irritante, ao passo que o bom fluido é suave, repousante, confortador.

Este conhecimento serve, além de outras coisas, para em qualquer caso ou circunstância, distinguir uma entidade manifestante de outra, identificá-la, afastando-a muitas vezes antes que ela possa causar qualquer perturbação.

E ter também em conta que determinada qualidade de fluido afeta determinada região ou órgão do corpo físico, reflexivamente, sendo este também um outro meio de defesa própria, de diferenciação e de identificação de Espíritos.

Outra coisa a recomendar aos médiuns em desenvolvimento éque não se deixem influenciar fora das horas de trabalho mediúnico e sem a devida proteção ambiente, bem como afastar por meio de preces ou ordens mentais positivas e enérgicas, entidades perturbadoras e indesejáveis.

Ao médium inconsciente deve-se também ensinar que, antes de entregar-se ao transe, não lhe merecendo plena confiança o meio em que se achar, deve ligar-se mentalmente ao protetor individual para que, no caso de ocorrer qualquer imprevisto ou tornarem os trabalhos um rumo inconveniente, possa imediatamente libertar-se do transe. Somente desta forma poderá ele, nestes casos, exteriorizar-se com tranqüilidade e confiança.

Enfim, nos trabalhos de desenvolvimento, não basta fazer os médiuns sentarem-se à mesa, concentrarem-se e se entregarem cegamente às influências invisíveis; é necessário assegurar-lhes proteção, conselho, orientação adequada e isso só poderá ser feito quando o diretor do trabalho tem conhecimentos suficientes e a autoridade moral necessária.

26
ESTADOS CONSCIENCIAIS

Neste ponto, considerando a generalizada utilização do ato mental da concentração nas práticas espirituais, vamos examinar este assunto com maiores detalhes.

As atividades normais do espírito se desenvolvem em três campos mentais bem definidos:

1 — O SUB-CONSCIENTE

Conjunto de conhecimentos e experiências anteriormente adquiridos e que vão se armazenando aos poucos nessa zona obscura e que, por efeito de repetições insistentes, acabam por se tornarem espontâneos e instintivos, estabelecendo, para suas manifestações, um regime de harmonioso automatismo.

A maioria dos atos de nossa vida comum pertence a esse setor que, aliás, é dos mais perfeitos no seu funcionamento em razão das referidas repetições, que operam em verdadeiro selecionamento nos valores que devem ser arquivados.

O eventual, o transitório, o superficial, são eliminados porque não perduram, mas aquilo que, voltando à carga, insiste e se repete, isso então seleciona-se por si mesmo com o tempo, e fica arquivado.

Nesse campo do sub-consciente classificam-se quase todos os atos de nossa vida material, inclusive o funcionamento dos órgãos do corpo físico, dos sentidos, e ainda muitos dos atos da atividade psíquica, inclusive os hábitos e os procedimentos de rotina.

De um certo modo o sub-consciente, no campo da atividade individual, arquiva o passado.

2 — O CONSCIENTE

Conjunto das atividades do presente, do que está sendo vivido, experimentado, compreendido e assimilado no "agora", sob o controle e superintendência da Razão; atividades que se processam em uma zona lúcida e dependente da Vontade.

3 — O SUPRA-CONSCIENTE

Um estado de expectativa, de anseios, aspirações e esperanças; de idealizações e de fé em coisas que hão de vir e todas contidas em gérmen nos produtos atuais da Razão, do consciente.

* * *

Segundo, pois, a natureza desta análise e resumindo, diremos que, de uma certa forma o sub-consciente é o passado; o consciente é o presente e o supra-consciente é o futuro.

* * *

Segundo outro campo de vista e descendo a maior particularização, acrescentamos que as faculdades do Consciente são diversas se bem que para o nosso estudo somente nos interessam as quatro seguintes:

a) Atenção: Ato mediante o qual a mente, em estado receptivo e vigilante, volta-se para dado objeto, assunto ou acontecimento, no sentido de receber impressões sobre eles; é uma janela que a mente abre para fora, para saber o que se passa no exterior, utilizando-se dos sentidos físicos que são órgãos de relação com o meio ambiente.

Desviada que seja a faculdade, mesmo que por breves momentos, do ponto de interesse, formam-se hiatos, lacunas, soluções de continuidade, que prejudicam o conhecimento mental a ele referente.

A Atenção, portanto, é um ato passivo, de recepção de impressões ambientes.

b) Concentração: Ao contrário do precedente, a concentração é um ato mental intensamente ativo, mediante o qual focamos a mente sobre dado ponto de interesse, com a idéia deliberada de obter determinado efeito, atingir determinado fim.

Diferentemente da Atenção, a Concentração fecha as portas da mente para o mundo exterior, corta as ligações sensoriais com õambiente externo, passando então a atuar inteiramente na intimidade da zona psíquica.

c) Meditação: Ato psíquico segundo o qual a mente, micialmente concentrada em dado ponto de interesse, entra-lhe na intimidade pela sucessão contínua de análises parciais, remontando de efeitos a causas, de antecedentes a consequentes, para afinal obter conclusões gerais, percepções e conhecimentos de caráter integral.

A mente segue uma esteira de análises parciais, sem objetivo marcado, numa harmoniosa associação de idéias, atingindo por fim um resultado desconhecido, não previsto ou concebido previamente.

d) Êxtase: Finalmente, estado quase sempre seqüente a concentrações ou meditações (conforme a flexibilidade méntal do operador) que leva o espírito a se derramar, fora do seu corpo, em beatitude ou abstração, ligando-se a coisas do mundo etéreo, mediante desprendimento do mundo físico; rapto psíquico que leva muitas vezes o espírito a regiões elevadas do mundo invisível; exteriorização ou desdobramento espiritual que pode durar tempo às vêzes considerável.

* * *

Resumindo: a Atenção abre as portas da mente para o mundo físico, enquanto a Concentração as fecha abrindo-as para o psíquico; a Meditação penetra no âmago das coisas pela análise, quase sempre introspectiva, enquanto que o Êxtase desprende o Espírito do mundo material e o arroja no campo do invisível.

* * *

E agora, particularizando ainda mais, vamos ver que a Concentração é o procedimento de mais ampla e usual aplicação nas práticas espíritas, motivo por que deve ser analisada mais detalhadamente nesse terreno. Como, entretanto, não temos espaço nesta obra para tanto, vamos pôr em evidência seu aspecto mais interessante que é o de ser uma das mais acessíveis e poderosas fontes de emissões fluídicas.

Uma assistência mais ou menos numerosa e espiritualmente educada, concentrada para obter algo, ou atingir determinado fim, eis realmente um grande potencial de energia psíquica, passível de aplicação imediata.

No Espiritismo, usualmente, a faculdade individual de concentração é utilizada no campo do beneficiamento coletivo e exercitada quase sempre em movimentos conjuntos.

Não argumentando além dos casos mencionados há pouco, no capítulo anterior, verificamos que quando um diretor de trabalhos práticos pede concentração inicial para sua abertura, ele procura formar um ambiente adequado, obter um padrão vibratório equilibrado, sincronizável com o do plano invisível e compatível com a manifestação das entidades

desse plano.

Fechadas as portas do mundo exterior, todas as mentes emitem pensamentos afins, que correspondem às necessidades ou objetivos do momento e isso faz com que entre todas elas se estabeleça uma mais ou menos perfeita sintonia; reciprocamente elas se entrelaçam, formando uma cadeia segura, uniforme, harmoniosa, que prontamente delimita o campo do trabalho neste plano; no movimento seguinte, levantadas as mentes para o Alto, fundem-se, ligam-se, entrelaçam-se as correntes deste plano com aquela, do mesmo teor vibratório, já formada no plano invisível, pelos operadores que de lá se esforçam no mesmo sentido.

Quando tal coisa se dá, então é que se pode dizer que está realmente, formado, delimitado, sintonizado e espiritualmente protegido o campo espiritual do trabalho comum.

Faz-se, então, a prece de abertura.

Quando, no decorrer dos trabalhos, as atenções se desviam, preocupações de ordem profana ou sentimentos subalternos dominam a uns e outros, sucede infalivelmente que a harmonia se desfaz, a cadeia se rompe e Espíritos malévolos ou violentos penetram no ambiente indefeso, pelas brechas que então se abrem, fazendo com que a confusão suceda ao equilíbrio, o tumulto à ordem, o prejuízo ao benefício.

Nestes casos, quando o diretor pede concentração tenta ele restabelecer a ordem, o equilíbrio, a harmonia, fechar as brechas e rechaçar os maus elementos, por meio de emissões poderosas e conjugadas de fluidos benéficos.

Quando, na fase assistencial do trabalho, precisando levar socorro ou prestar auxílio espiritual a qualquer necessitado, o diretor pede concentração, visa fazer convergir para esse necessitado uma caudal de força reparadora ou, conforme as circunstâncias, oferecer a agentes invisíveis, dedicados a curas, um suporte, uma fonte de energias curadoras, em que esses agentes se apoiam para realização de suas tarefas.

E quando, finalmente, ao término dos trabalhos, o diretor pede concentração para o encerramento, o ambiente representa uma maravilhosa eclosão de fluidos suaves e de luzes que sobem para o Alto em ação de graças e do Alto recebe, em reciprocidade admirável, bênçãos e espiritualidade para todos.

Enfim a cada passo, o trabalhador da seara necessita concentrar-se, para dar como para receber, e por isso deve ele colocar nesse ato de tão elevada significação e tão comprovada utilidade espiritual, toda força, devoção e pureza de que dispuser.

27
MODALIDADES DE TRABALHOS

Dissemos atrás que, conforme a natureza da faculdade, assim deve ser o processo a empregar para o desenvolvimento, e essas considerações se referiam, como é fácil de ver, aos casos de incorporação, que são os mais comuns.

Vamos agora dizer alguma coisa que sirva de base para o desenvolvimento de faculdades de outra natureza.

EFEITOS FÍSICOS

Os médiuns desta classe, como se sabe, se caracterizam pela circunstância de fornecerem fluidos pesados (ectoplasma) para a manipulação dos diferentes efeitos visíveis a olho nu como sejam: transportes, levitações, moldagens, materializações, e outros como voz direta, etc.

São estes efeitos que constituem o quadro da fenomenologia, campo muito vasto e interessante do Espiritismo científico.

Pela própria natureza dos trabalhos que executam, estes médiuns são muito suscetíveis de se corromperem e fracassarem, seja porque lidam com elementos inferiores seja porque por muito disputados, ficam mais fàcilmente expostos às garras da vaidade e do interesse material.

No capítulo — 12º — já estudamos cada um destes efeitos físicos separadamente.

O desenvolvimento destas faculdades não sofre alteração na primeira fase — adaptação psíquica — e a ele se aplicam todas as recomendações e instruções já dadas. Para os médiuns desta classe verifica-se que as perturbações comuns são ainda mais intensas e profundas, como é natural, porque o "fenômeno" por si mesmo, já bastaria para impressionar e comover mais fundamente que qualquer outra manifestação.

Os trabalhos desta espécie devem ser realizados em sessões separadas, especialmente organizadas para esse fim, e nunca em comum com as demais.

É voz corrente que nestas sessões não é necessária a concentração nem a prece, devendo os assistentes conversar, fazer música ou se distrairem de uma forma ou de outra. Isto é um erro, pois à concentração e as preces, como em todos os casos, são condições essenciais de um trabalho perfeito.

O que sucede, e que, de certo modo, poderia justificar essa opinião, é que o caráter fenomênico das manifestações impressiona de tal forma e de tal forma desperta a curiosidade, que tais circunstancias quase sempre prejudicam as manipulações; os próprios operadores invisíveis, então, para desviar a tensão mental dos assistentes, aconselham que conversem ou façam música, como derivativo.

Por isso, em trabalhos de desenvolvimento desta espécie exija-se desde logo a necessária concentração, não sistemática e permanente, mas periódica e alternativa, segundo as instruções dos referidos operadores.

Conquanto a assistência também o forneça, o médium é, todavia, o elemento principal da doação de fluidos e deve sempre ser colocado em posição cômoda, sem tensão muscular, em local separado e sempre que possível reclinado ou deitado.

O trabalho deve ser realizado a meia luz, preferentemente verde ou azul, que são tonalidades repousantes e permitem maior destaque das manifestações fenomênicas, em intensidade que baste para que todo o cenário do trabalho fique visível a todos os presentes.

Não são aconselháveis mais de quatro sessões por mês visto ser exaustiva, quase sempre, a doação de fluidos e porque as condições emocionais dos médiuns incipientes não permite, com regularidade e eficiência, a recuperação da energia doada, que sempre ocorre momentos antes do encerramento dos trabalhos, por intervenção dos operadores invisíveis.

O médium tanto pode permanecer em transe como em vigília, durante todo o trabalho ou parte dele, e isto nada importa quanto aos resultados, desde que tenha ele realmente capacidade própria de fornecimento de fluido.

A assistência, de início, deve ser diminuta, limitada a um pequeno grupo, sempre os mesmos tanto quanto possível, e preferentemente segundo escolha dos próprios cooperadores invisíveis. Somente quando o médium estiver em plena forma é que poderá haver assistência maior e mesmo arbitrária, porque então é de supor que, também no plano invisível, os trabalhadores já estejam senhores da situação, tanto no que respeita ao médium quanto à assistência.

* * *

Estabelecida a corrente com elementos selecionados e estando tudo preparado, conforme a natureza dos efeitos a obter, o trabalho consiste em aguardar as manifestações e cumprir as instruções dos operadores invisíveis, que irão sendo dadas progressivamente, à medida que a faculdade se desenvolve e que as possibilidades de manipulação fluídica lhes cheguem às mãos em condições favoráveis.

PSICOGRAFIA

O desenvolvimento mediúnico desta espécie pode ser feito em conjunto com outros trabalhos, colocando-se porém o médium, sempre que possível, em lugar separado, mas dentro da corrente geral. Deve ele acompanhar as concentrações comuns tendo à sua frente, sobre a mesa, papel e lápis. À medida que for sentindo impulsões nos braços ou nas mãos deve ir se utilizando, no correr dos trabalhos, desse material à sua disposição.

Esta é uma forma de mediunidade em que o animismo toma muito lugar, bastando que

o médium focalize sua atenção sobre a mão ou o braço para que desande logo a rabiscar coisas quase sempre incompreensíveis, confusas e desordenadas.

É preciso, portanto, que se guarde de intervir com seu pensamento no trabalho próprio, procurando manter-se alheio a ele, e podendo mesmo fixar sua atenção sobre o que se passa ao seu redor, isto porém de uma forma que não redunde em desligamento pessoal ou desinteresse a respeito de sua própria tarefa.

O braço deve ser entregue passivamente à entidade comunicante e esta se esforçará vez por vez em domesticar, disciplinar, músculo por músculo, nervo por nervo, antes que consiga algum resultado apreciável. Muito tempo pode ser levado a traçar rabiscos desordenados e inexpressivos, para obter domínio sobre tal músculo ou nervo, mas no tempo apropriado os traços se unirão, tomarão forma, formarão letras, palavras, frases, períodos, cada vez mais legíveis e perfeitos.

Esta forma de mediunidade comporta sessões mais amiudadas convindo mesmo que o médium, em sua residência, faça exercícios diários, de vinte minutos a meia hora, para apressar o domínio da entidade sobre o braço e a mão.

Para estes exercícios basta que o médium se recolha a um local isolado, silencioso, concentre-se, peça a presença do cooperador invisível e permaneça quieto, em estado de expectativa durante o tempo referido. O braço deve estar livre, desembaraçado, completamente abandonado, devendo ser evitada qualquer tensão muscular, o que se consegue apoiando francamente o cotovelo sobre a mesa.

Muitos dizem que são "psicógraf os intuitivos". Querem com isso dizer que recebem do Espírito comunicante as impressões telepáticas (pensamentos ou idéias) e as escrevem em seguida ao invés de enunciá-las verbalmente.

A nosso ver isto não é psicograf ia porque, como já dissemos, só entendemos como tal a escrita mecânica, isto é: a incorporação parcial mediante a qual o Espírito comunicante se apodera do braço do médium — que fica fora do controle deste — e com sua própria mão escreve diretamente o que deseja transmitir. Por isso é que na divisão de mediunidade que adotamos colocamos a psicografia como "incorporação parcial" e não como "efeito físico". Esta nossa opinião não representa crítica ou desmerecimento a qualquer outra existente, mas visa unicamente expor uma conclusão de caráter pessoal.

VIDÊNCIA E AUDIÇÃO

O desenvolvimento destas duas formas mediúnicas se opera também em sessões especiais, reservadas, sendo únicamente necessárias, em nosso plano, a presença do médium e a formação de uma pequena corrente de duas ou três pessoas. Os entendimentos com os operadores invisíveis poderão ser feitos com o emprego das próprias faculdades em desenvolvimento, que irão sendo assim mais intensivamente exercitadas desde o princípio.

Se se tratar de vidência os protetores irão projetando, metódica e progressivamente, os simbolos e os quadros interpretativos e, se se tratar de audição, procurarão fazer-se ouvir pelo médium. (35)

(35) As projeções telepáticas superiores são sempre sonoras e luminosas, de modo que podem ser vistas pelos videntes e ouvidas pelos audientes. Ver e ouvir os pensamentos são expressões correntes no plano invisível.

De início, naturalmente, haverá dificuldades: pouca nitidez e coordenação nas projeções, em se tratando de vidência, e pouca clareza e volume em se tratando de audição; mas essas dificultadas elas mesmas passarão a representar ótimos elementos de treinamento; e à medida que as faculdades se desenvolvam o trabalho irá ficando cada vez mais interessante e apresentando resultados cada vez mais completos.

No princípio os protetores se limitarão, na vidência, a projeções mentais muito simples, no próprio local mas, com o progredir do trabalho, irão levando o médium ao campo das visões à distância e dos demais contactos com o mundo invisível, que esta maravilhosa faculdade de lucidez proporciona.

As projeções, como dissemos, são quase sempre simbólicas, porque esta é a forma mais adequada e mais simples que os Espíritos encontram, para a transmissão de seus pensamentos. Por isso não se deve interpretar objetivamente os quadros mas buscar sempre o significado espiritual que eles contêm.

A projeção de um punhal, por exemplo, pode significar o recebimento de um golpe, de uma violência; um lírio pode significar pureza, como um campo bem cultivado pode significar abundância. Em suma, ligando-se as projeções entre si, em sua natural seqüência e procurando penetrar em seu significado espiritual desta forma éque se pode atingir acertada interpretação.

Os médiuns videntes, de início, muitas vêzes se atemorizam com visões grotescas, desagradáveis, de sêres disformes, em atitudes agressivas ou repugnantes; outros por verem cenas extravagantes, apocalípticas, perturbadoras. Isso é devido ao fato de poderem, uns, nos primeiros tempos, ser atuados por Espíritos inferiores, maldosos ou zombeteiros, que se comprazem em impressioná-los ou desvia-los de suas tarefas; outros, em graus mais adiantados, de visão espontânea, por surpreenderem aspectos desconhecidos de regiões astrais inferiores.

Em todos os casos, desde porém que sejam submetidos à primeira fase do desenvolvimento, tudo irá desaparecendo, o equilíbrio psíquico se fará, os perturbadores se afastarão e a faculdade irá sendo disciplinada para só se fazer sentir ou atuar nos momentos do trabalho e nos limites e condições que forem aconselháveis.

28
A DOUTRINAÇÃO

O objetivo da iniciação espírita é o aperfeiçoamento moral e a ascensão aos planos superiores da vida espiritual; o intercâmbio com êsses planos e o conhecimento, o mais amplo possível, das forças e das leis que os regem, em franca evolução para Deus.

A doutrinação de Espíritos inferiores e inconscientes nas práticas mediúnicas não é, portanto, o fim principal que se tem em vista mas, simplesmente, um setor de trabalho, um aspecto do conhecimento geral e uma oportunidade de realizar ação caridosa, em obediência ao preceito da solidariedade humana.

No trabalho de desenvolvimento é preciso que se tenha isso em vista, no que respeita principalmente aos médiuns de incorporação, para não se circunscrever a atividade mediúnica, não se restringir a limites acanhados, tarefas tão elevadas como as que aos médiuns são atribuidas. Em outras palavras: impulsione-se o médium sempre para diante, visando coisas cada vez mais altas; evite-se a estagnação, o misticismo mórbido e a rotina estéril.

Nos primeiros tempos do desenvolvimento e por fôrça de suas próprias imperfeições (que são aliás as de tôda a humanidade) não poderão os médiuns assegurar intercâmbio e manifestações senão de elementos de planos inferiores do mundo invisível, habitados por Espíritos atrazados, sofredores ou maldosos.

Daí a necessidade das doutrinações para que se preste auxílio e se esclareçam todos aquêles que hajam obtido permissão ou se valido da oportunidade de virem até nós. E, por outro lado, o médium também se beneficia dessas visitas porque o contacto com os fluidos pesados, próprios dessas entidades, são extremamente favoráveis ao desenvolvimento, visto que são mais afins e concordantes com suas condições psíquicas e provocam no perispírito maior intensidade de vibrações, apressando assim o desenvolvimento.

O alvo do trabalho mediúnico, porém, deve ser posto além dessas práticas de rotina porque o fim a atingir é transformar a mediunidade em instrumento dúctil e puro à disposição de entidades superiores, que dela carecem para realizar sua grandiosa tarefa de disseminar a verdade no seio das massas humanas.

O fim visado não deve ser formar médiuns para somente receberem sofredores, mas, sim, para revelarem aos homens encarnados verdades universais e eternas.

As doutrinações, portanto, devem ser feitas em sentido geral e não particular, de forma

a beneficiarem a todos os presentes dos dois planos, como se fôsse ou realmente sendo, uma verdadeira pregação evangélica e uma revelação de verdades, servindo o caso particular do Espírito comunicante unicamente como um tema de doutrinação.

Esta recomendação é feita em tese, para combater o sistema de personalização tão comumente usado, cabendo, é claro, ao doutrinador fazer as exceções que julgar convenientes ao momento.

Esse sistema de doutrinações em caráter geral tem, além do mais, a vantagem de afastar as possibilidades de mistificação que quase sempre se baseiam em coisas pessoais. Assim sendo não haveria mais, por parte dos Espíritos, necessidade de declaração de nomes, qualidades, posição social conquistada na Terra quando encarnados, fatos e circunstâncias históricas que lhe digam respeito, porque o que realmente interessa é o que resultar de bom e útil, para êles e para nós, dos contactos que com êles mantivermos.

Sabemos que há casos especiais em que os Espíritos devem se identificar; mas em regra geral e no trato com Espíritos de hierarquia superior, raramente isso acontece e sistematicamente eles se mantém incógnitos, deixando entre nós somente o fruto de seu trabalho e cooperação. No caso de Espíritos inferiores, ao contrário, é sistemática a tendência de se identificarem prontamente, falarem muito de si mesmos, com um personalismo às vezes exagerado e pretensioso; e isso é natural que aconteça porque sua evolução espiritual não lhes permite ainda uma conduta mais elevada; nestes casos convém deixar de lado tais fraquezas, desculpando-as e cuidarmos de nossa própria tarefa que é esclarecê-los, visto que estão mais necessitados de receber que de dar.

Entretanto convém dizer que quando o Espírito comunicante anuncia-se, dando nome, fica também obrigado à competente comprovação, caso esta seja pedida.

É comum se ver que diretores de trabalhos, assim que se dão as incorporações, perguntam aos Espíritos comunicantes seus nomes e outros sinais de identidade. Nestes casos, em se tratando de entidades já de alguma elevação, não responderão à pergunta e contorná-la-ão, aproveitando a oportunidade para doutrinar o diretor de trabalhos. Se, porém, o comunicante fôr atrasado duas coisas podem então acontecer: ou aproveita o ensejo para fazer personalismo, jactando-se de qualquer título ou tarefa referente à encarnação anterior ou atribue-se, para mistificar, personalidade qualquer que não a sua, mas sempre de pessoa importante e admirada, como Napoleão, Joana D'Arc, os Apóstolos, sendo que alguns não se escrupulizam em se dizerem Jesus Cristo e até mesmo o próprio Deus.

É verdade que desta forma muitas vêzes satisfazem aos encarnados, que se envaidecem da presença de tão eminentes personagens mas, no fundo, o comunicante simplesmente está tripudiando sobre a ignorância e a boa-fé dos presentes, gozando com o logro que lhes está pregando.

A não ser nas sessões domésticas em que se comunicam Espíritos familiares de fácil e espontânea identificação, nas de caráter público a regra é que os Espíritos mais elevados somente se identificam quando para tal haja conveniência ou necessidade e isso o fazem espontâneamente e não por solicitação do diretor do trabalho.

Todavia, mesmo nestes casos, há muitos outros meios de se estabelecer discreta e prudentemente a identidade dos comunicantes e a êsses meios já nos referimos, aqui e ali, em alguns capítulos desta obra; e comumente ocorre que se estabelece a identidade do espírito comunicante com o tempo, sem necessidade da declinação de nomes ou títulos.

Cabe aqui também chamar a atenção dos doutrinadores sôbre o modo de tratar os Espíritos inferiores. Lembremo-nos de que êles, por muito atrasados que sejam, não estão debaixo de nossa autoridade, não são nossos servos, não estão à nossa disposição para obedecer às nossas vontades, muitas vêzes arbitrárias e extravagantes.

Como regra geral é preciso que haja urbanidade, paciência e respeito, tolerância e bondade porque, na maioria dos casos, êles necessitam de compreensão, de estímulos e de benevolência para despertarem de seu letargo e vislumbrarem um pouco de luz. Raramente teremos necessidade de usar de expressões enérgicas quando os trabalhos se realizam em ambientes suficientemente espiritualizados, e isso porque, ao simples contacto com fôrças pacíficas, harmoniosas e positivas, ainda mesmo os mais atrasados são forçados a se

manter em atitude respeitosa e moderada.

Há ocasiões em que perseguidores procuram hipnotisar as suas vitimas para que estas não ouçam as palavras esclarecedoras do doutrinador.
Nunca devemos contradizê-los pessoalmente, irritá-los, discutir com êles acrimoniosamente, para não ferir e pôr em liberdade paixões. e fôrças de maldade e ignorância que estão, momentaneamente contidas, graças à presença e à interferência de Espíritos bons, interessados no caso. A doutrinação em caráter geral, impessoal, a que já nos referimos, resolve tôdas estas dificuldades. E, nos casos em que fôr realmente necessário personalizar, façamo-lo sem discutir, mas peremptôriamente, com a autoridade que deve ter aquêle que prega ou doutrina.

Em relação aos Espíritos superiores devemos usar de cordialidade, circunspeção e deferência, mas nunca servilismo, já que são homens como nós, se bem oue mais evoluidos; são amigos, irmãos mais velhos, mas não juizes nem senhores, nesses atos de intercâmbio comum, para esclarecimento. Conhecem nossos defeitos e os compreendem porque também já os possuiram; são mãos sempre estendidas em nosso auxílio mesmo quando, ultrapassando certos limites, abusamos de sua bondade. Nunca deixam sem resposta nossos pedidos, e nos assistem até mesmo quando dormimos. Nunca regateiam a palavra esclarecedora ou o conselho sábio e fazem as vêzes extensas preleções, longos discursos, para edificação de um só ouvinte. Bondosos, tolerantes e compreensivos, representam junto de nós a providência divina, da qual são autorizados executores. Não carregam a nossa cruz, porque isso é contra a lei da justiça, mas nos ajudam a carregá-la.

São os Cirineus de nossa caminhada e sem êles nossa vida seria muito mais trabalhosa e sombria; sem sua ajuda talvez nem mesmo a suportaríamos, a não ser afundando cada vez mais na materialidade

* * *

Sucede porém que, muitas vêzes, mesmo em trabalhos bem organizados, manifestam-se Espíritos violentos e maldosos que, atraidos por afinidades momentâneas, de médiuns ou assistentes, valem-se da oportunidade para darem expansão a seus maus sentimentos. Nestes casos não convém ouvi-los demoradamente, para não prejudicar a harmonia do trabalho. Se não se beneficiam com as doutrinações de caráter geral, feitas aos demais, e se perseveram no êrro ou mantêm o intuito deliberado de estabelecer confusão, respeite-se o livre arbítrio mas não se lhes dê atenção; êles que sigam seu caminho e voltem quando se acharem em condições de oferecer uma colaboração, sempre preciosa, no trabalho comum de evangelização das almas.

Não nos referimos, é claro, aos casos especiais em que é permitida a audiência de Espíritos dessa natureza, seja para seu próprio esclarecimento, seja para treino simultâneo dos médiuns, seja ainda para se tirar de seus casos particulares ensinamentos de caráter geral.

* * *

Nas sessões de doutrinação de sofredores é comum que médiuns sentados com a assistência perturbem os trabalhos. Influenciados por pseudos protetores ou guias põem-se a dar conselhos proferir preces ou falar desatinadamente, com D intuito, segundo alegam, de auxiliar os trabalhos, quando realmente os estão perturbando, anarquizando o ambiente e desorientando os médiuns em desenvolvimento. Sua contribuição seria preciosa se procedessem justamente ao contrário, permanecendo calados e auxiliando as concentrações, para se manter na sessão a necessária harmonia.

Para evitar isso coloque-se na corrente, antes da abertura dos trabalhos, todos os médiuns presentes, e os que, por qualquer circunstância, permanecerem fora dela, não se deixem dominar por animismo ou impulsos nervosos já que, em trabalhos bem organizados nos dois planos, os Espíritos comunicantes não atuarão sôbre tais médiuns.

Por isso, repetimos, é indispensável que ao organizar-se uma sessão, pública ou

partictlar, a primeira coisa a pleitear é o perfeito entrosamento nos dois planos. Isto afastará a maior parte das interferências perniciosas e fornecerá a indispensável segurança.
Por outro lado é preciso ter sempre em mira transformar as casas espíritas, públicas ou domésticas, em núcleos acolhedores, postos avançados do inumerável exército de operários do Senhor que, no Espaço, se dedicam ao esclarecimento, proteção e redenção dos prisioneiros da carne.

29
AS COMUNICAÇÕES

Ao considerarmos os casos comuns de manifestações verificamos que os Espíritos comunicantes são de duas categorias principais, a saber: os que comparecem espontâneamente, obedeceendo à sua vontade e os que são conduzidos por outrem. Os da primeira categoria podem ser:

a) Espíritos errantes, atraidos por determinadas condições de ambiente;
b) Espíritos familiares dos médiuns ou assistentes, que se esforçam em transmitir aos encarnados seus pensamentos e desejos; c) Sofredores. Espíritos enfermos, perturbados habitantes das esferas inferiores do astral, mais aproximados da Terra (Umbral) e que necessitam de assistência imediata;
d) Obsessores, vinculados aos médiuns ou assistentes, em tarefas de resgates cármicos, ou por efeito de afinidades pessoais;
e) Protetores espirituais que agem em cumprimento de missões que solicitaram ou receberam.

Nesta enumeração não nos referimos, é claro, a Espíritos porventura evocados pelos presentes, casos que só se podem admitir em certas circunstâncias, plenamente justificáveis.

* * *

Os chamados "sofredores" que, em circunstâncias especiais como sejam: interferência de terceiros, terminação de estágio de provas, recompensa por efeito de preces, etc., merecem a atenção dos enfermeiros do Espaço, dedicados a êsse trabalho de auxílio, nestes casos, ao invés de serem conduzidos a um posto de socorro ou qualquer outra organização assistencial do Espaço, são trazidos às sessões dos encarnados, na própria crosta que, assim, funcionam também como postos de socorro.

Realiza-se desta forma um trabalho comum, de mútua assistência e de conjugação de esforços entre organizações dos dois planos, tudo sob vistas e orientação das entidades superiores encarregadas dessa tarefa.

E voltando a falar dos obsessores resta dizer que êles, conscientes ou não, realizam sempre um trabalho útil; integrados em suas tarefas com pleno conhecimento de causa ou atraídos únicamente pelas condições morais dos pacientes, de qualquer forma concorrem para seu despertamento espiritual e, nos casos de mediunidade, influem consideràvelmente no seu desenvolvimento.

Seja porém qual fôr sua condição individual todos os Espíritos que comparecem aos trabalhos espíritas, fazem um contacto mais ou menos profundo com as fôrças geradas no ambiente e delas auferem altos benefícios seja pelas doutrinações ouvidas, seja pelos fluídos reparadores da corrente, seja enfim pelo efeito vibratório das preces e concentrações; assim se esclarecem, se retemperam, se carregam de energias sãs e se estimulam para o bem, passando a viver então uma vida espiritual melhor.

Aquele que menos se beneficiar ainda assim levará dêsses contactos uma semente de futura felicidade.

* * *

O modo de tratar êsses Espíritos (que em linhas gerais já estudamos), tendo em vista suas diferentes condições' morais deve ser, em cada caso, diverso. Não pode haver uma bitola comum, visto que o remédio se dá conforme a doença; mas — ponto pacifico — o Evangelho deve ser a base de todos os procedimentos.

É verdade que as falhas cometidas pelos doutrinadores pouco experientes são sempre supridas, compensadas pelos assistentes espirituais, para que o trabalho não pereça, porém o ideal é que nos esforcemos nós mesmos em realizar uma tarefa perfeita, com tato, prudência e discernimento, visto que para isso é que êsses irmãos sofredores nos são trazidos. Se se tratasse de doutriná-los no espaço tal coisa naturalmente seria feita mas, se recorrem a nós, é que nossa colaboração é necessária e porque o plano dos encarnados fornece condições especiais de auxílio, tais como: o choque com a carne, os contactos com a corrente magnética, a emoção da presença de sêres queridos etc., tudo isso permitindo uma recapitulação mais rápida, mais viva e objetiva de fatos anteriores, que enfim resultam num mais seguro e pronto despertamento espiritual.

E além do mais, como já dissemos, se colabora assim, diretamente, nos trabalhos do plano invisível aliviando o esfôrço de nossos abnegados irmãos desencarnados, em sua grandiosa tarefa evangélica de redenção do proxlmo.

30
O TRABALHO DOS GUIAS

Nas sessões, como já vimos, há sempre uma dupla assistência:
a dos encarnados — que é sempre a menor — e a dos desencarnados, formada dos encarregados do trabalho no plano invisível, a saber: vigilantes, auxiliares e dirigentes, e dos Espíritos necessitados de esclarecimentos e auxilio (sofredores, obsessores, etc.), além de determinado público, mais ou menos numeroso, que os vigilantes mantêm a certa distância para que não perturbem os trabalhos. Todos têm seus lugares próprios e se separam por faixas fluídicas de diferentes vibrações segundo as condições pessoais em que se apresentam, ou as funções que exercem.

Em sessões bem organizadas e conduzidas, graças a êsses cuidados preparatórios, imperam sempre ordem e disciplina nos dois planos, ao passo que naquelas em que se negligenciam tais arranjos, falha a assistência espiritual superior, estabelece-se sistematicamente confusão, o trabalho espiritualmente não progride, toma cunho pessoal e os resultados, quando não são prôpriamente maléficos, são medíocres.

* * *

A corrente magnética de base, feita pelos encarnados, começa a formar-se desde o momento em que se faz silêncio e se inicia a concentração, fase essa que, no outro plano, já foi antecedida, de alguns momentos pelas providências preparatórias dos trabalhadores invisíveis.

De cada indivíduo concentrado e desde que haja uniformidade mental, partem raios fluídicos luminosos, de cores que variam segundo as condições morais de cada um (36);

(36) Radiações áuricas.

êsses raios se vão ligando uns aos outros, a poucos centímetros dos corpos físicos, e terminam se fundindo numa corrente única que, a seu turno, se conjuga com a corrente formada pelos cooperadores invisíveis (de isolamento e proteção do ambiente geral), disso resultando um conjunto vibratório de grande fôrça potencial que se estende em torno, numa certa área e que constitue o que se pode chamar "o campo espiritual do trabalho".

Dentro dessa área há equilíbrio vibratório, estabilidade, harmonia, e grupos de trabalhos idênticos, reunidos na mesma ocasião, algures, podem se permutar assistência e auxílio recíproco, utilizando essa caudal de energia salutar, em limites e condições mais ou menos

amplas, segundo a intensidade e a elevação vibratória de cada grupo operante.

* * *

Estabelecida assim a corrente e verificadas antecipadamente por êles próprios as afinidades psíquicas, os agentes invisíveis conduzem os Espíritos que se devem manifestar para junto dos médiuns em condições de trabalho, que passam então a ser influenciados, nos limites de suas próprias capacidades e condições de resistência fluídica, o que é também previamente determinado.

Essa capacidade ou resistência depende da fôrça vital, equilíbrio psíquico, grau de desenvolvimento mediúnico, flexibilidade mediúnica e adiantamento moral de cada médium. Há médiuns que com um só trabalho ficam exaustos e outros que podem permanecer mediunizados durante tempo mais ou menos longo.

Somente depois de estabelecidas as afinidades fluídicas é que se podem dar as ligações mediúnicas.

Antes que os médiuns sejam influenciados os cooperadores invisíveis atuam sôbre êles preparando-os, medíünicamente, para o trabalho. Já vimos, no capítulo 11 da primeira parte, como se realiza essa preparação, segundo a descrição de André Luiz; os centros vitais são postos em equilíbrio; desembaraçados e regenerados os órgãos físicos; estimulados os centros de energia espiritual (glândulas. plexos), para que funcionem com mais intensidade, elevando a vibração fluídica de forma a se conseguir o necessário grau de sensibilização mediúnica, tudo feito com assistência do protetor individual do médium, que é sempre consultado e atendido nos conselhos e indicações que fornece em relação ao seu protegido.

* * *

Terminados os trabalhos a corrente se desfaz mas seus efeitos perduram no espírito de cada um dos assistentes, na medida do que absorveu dos fluidos e radiações ambientes e na medida do quanto pôde se integrar e assimilar da essência espiritual do trabalho realizado; e o cabedal que pôde cada um incorporar a si mesmo irá em seguida realizando em seu íntimo um trabalho silencioso e profundo, de reabilitação e purificação espiritual, que se acentuará com a repetição, pela assiduidade a trabalhos semelhantes, operando-se por fim uma verdadeira transformação, material e moral, no corpo e no espírito de cada assistente.
Por isso julgamos que são altamente benéficos e necessários os trabalhos práticos em comum, quando realizados em boas condições e nisto discordamos de alguns confrades abstênios, que se limitam a estudos teóricos de gabinete, privando-se de ação e contactos salutares, com o que retardam de muito não só a eclosão de faculdades mediúnicas que porventura possuam em germe, como a oportunidade de um caminhar mais rápido na estrada evolutiva; nos trabalhos práticos encararão os fatos, viverão as realidades objetivas da vida espiritual, em seu dinamismo, multiforme, ao invés de permanecerem comodisticamente no terreno platônico das especulações intelectivas.

31
UMA PRÁTICA A SEGUIR

Em trabalhos de desenvolvimento temos feito inumeras experimentações.

Começamos com uma sessão comum, mista, em que sofredores eram doutrinados, instruções eram dadas, lidos e interpretados textos de doutrina, e enfermos assistidos.

Nessa sessão sucedia o que sempre sucede em sessões dêsse tipo, inclusive cenas pouco edificantes de interferências de Espíritos inferiores, ou provocadas por médiuns descontrolados e viciados na utilização de suas faculdades.

Passamos então a compreender que para o desenvolvimento eficiente de faculdades era necessário criar-se um ambiente especial, altamente adequado, resguardado de interferências e fortalecido de influências poderosas, uma sessão em que prevalecessem

fatores de capacidade acima de nosso plano material e de nossas possibilidades pessoais.

Fomos introduzindo as modificações necessárias com vistas a êsse alvo e por fim resolvemos alterar completamente o regime do trabalho, pedindo, para a parte prática, a presença de um de nossos Guias espirituais que porventura aceitasse a missão, em carater permanente, utilizando-se de um médium de incorporação, especialmente indicado para permanecer longo tempo em transe mediúnico.

Feito o entendimento com os mentores espirituais iniciamos finalmente o trabalho, em sua nova modalidade, e os resultados foram, desde logo, surpreendentes: no campo material surgiram a ordem, o método, o silêncio, o respeito, a disciplina, e no espiritual a expressão doutrinária ganhou majestade e elevação com a orientação vasada rigorosamente no Evangelho.

O ambiente espiritual modificou-se e de nosso cenáculo foram se aproximando entidades de hierarquia superior, trazendo cada uma um extenso contingente de benefícios.

Cessaram tôdas as possibilidades de mistificação e os casos individuais, de encarnados ou desencarnados, foram sendo considerados e solucionados com perfeita segurança e profundo conhecimento de causa.

Cessaram também as interferências, estabeleceu-se harmonia, ganhou-se estabilidade, o campo espiritual desdobrou-se amplamente e, com o aumento dos cooperadores dos dois planos, maior soma de benefícios pôde ser então distribuída.

Muitas alterações foram sendo, todavia, introduzidas à medida que a prática as aconselhava e por fim se estabeleceu que os trabalhos, em linhas gerais, devem ser feitos da seguinte maneira:

1º) todo candidato à sua frequência é submetido prêviamente a um exame espiritual, de caráter mediúnico, e a tratamento espiritual preparatório.

2º) havendo mediunidade em ponto de desenvolvimento o candidato toma assento, fora das mesas, como assistente, durante três ou quatro sessões, para se familiarizar com o ambiente e com o sistema de trabalho adotado e durante êsse tempo, do ponto de vista de manifestações mediúnicas, nada se passa com êle, salvo o trabalho preparatório feito pelos assistentes invisíveis;

3º) passa depois à mesa dos que estão em fase de adaptação psíquica, já então dentro da corrente, período êsse que émais ou menos prolongado segundo as condições pessoais do candidato, do ponto de vista material e moral e, principalmente, segundo o avanço da gestação mediúnica;

4º) terminado êsse período, durante o qual também vai, concomitantemente, estudando a doutrina e recolhendo o fruto das preleções ouvidas, e quando a aura mediúnica já pode vibrar em condições favoráveis, passa a uma mesa intermediária onde tais condições se devem avolumar a ponto de o candidato manifestar os primeiros sinais da faculdade em eclosão. Tomando como exemplo o caso de incorporação, o candidato permanece nessa mesa até que a influenciação o leve ao impulso incontido de falar;

5º) nesse ponto transfere-se enfim o candidato para a mesa dos médiuns que já recebem e passa então a exercitar sua faculdade segundo o critério dos mentores espirituais do trabalho geral. Nessa situação também permanece durante um tempo mais ou menos longo, conforme os progressos demonstrados e, por fim, quando é julgado em condições, recebe liberdade de ação e pode trabalhar onde quiser.

O médium é julgado em condições quando recebe com segurança, facilidade, naturalidade; quando só recebe durante os trabalhos; quando sabe se controlar, distinguir entidades, selecionar fluidos bons e maus; quando transmite claramente, com lógica, compreensivelmente, sem recalques ou flutuações e sobretudo quando está apto a receber Espíritos de hierarquia mais elevada, alheios a personalismos e cujos característicos são sempre os ensinamentos de expressão evangélica.

* * *

Não há, nessas sessões, limitações quanto ao número de médiuns, bastando que estejam separados segundo o grau de adiantamento já alcançado; são também separados os sexos, tanto quanto possível, para se afastar tôda e qualquer possibilidade de preocupação de ordem material. (37)

(37) Na Federação Espírita do Estado criou-se uma Escola de Médiuns contendo 4 cursos: Preparatório, Elementar, Complementar e de Aperfeiçoamento, visando o primeiro a necessária adaptação; os dois seguintes o desenvolvimento prôpriamente dito e o último o aprimoramento das faculdades mediúnicas.

A freqüência geral da Escola ascende a alguns milhares de alunos.

Por outro lado, é claro que, para um trabalho dêstes, se requer um médium de incorporação inconsciente, ou semi-consciente de alta capacidade, que ofereça grandes possibilidades mediúnicas, visto que deve permanecer em transe, normalmente, por mais de hora e meia, e que também possua perfeita flexibilidade, porque deve estar apto a incorporar Espíritos diferentes, todos de elevada hierarquia, uns em seguida a outros, segundo as necessidades do próprio trabalho.

Bem sabemos que tais médiuns são excepcionais porém o processo deve ser tentado, em centros e grupos familiares, com os recursos e nos limites que forem possíveis, visto que representa um avanço altamente apreciável na prática espírita.

* * *

Como regra geral tenha-se em vista que tanto o desenvolvimento como o aprimoramento mediúnicos devem satisfazer exigencias dos seguintes setores:

1) do aculturamento doutrinário, por meio de estudos individuais ou freqüência a sessões apropriadas.
2) da evangelização, por meio da reforma intima..
3) do treinamento técnico das faculdades, com freqüência a trabalhos apropriados dirigidos por pessoa competente.

O treinamento deve ser feito com base nas seguintes fazes, através das quais o instrutor deve levar os médiuns repetidamente:

a) a percepção de fluidos.
b) a aproximação.
c) o contacto.
d) o envolvimento.
e) a manifestação do espirito. (38)

(38) Para maior conhecimento do assunto consultem o livro "Curso intensivo de mediunidade prática" — do mesmo Autor, Edição LAKE — São Paulo.

32
AUXILIARES INVISÍVEIS

Sob o nome de guias, em geral nos referimos às entidades que assistem cada individuo, em sua passagem pela Terra. Convém distinguir, nesse conjunto, uma entidade de outra, segundo as funções que exercem.

A assistência individual é feita por entidades ligadas de uma forma ou de outra, ao destino dos encarnados e o nome mais apropriado a lhes dar seria: protetores, assistentes espirituais.

Guias, na acepção conferida a essa palavra nos meios iniciáticos, somente os possuem indivíduos que têm missão a cumprir em relação à coletividade e isso independentemente de outros protetores e assistentes que possam os mesmos indivíduos possuir, como realmente

sucede.

Esses protetores e assistentes comuns mantêm com o indivíduo ligações mais estreitas, mais íntimas e permanentes e atuam em todos os casos, interferem mesmo em detalhes da vida comum, ao passo que os Guias prôpriamente ditos somente interferem em situações de importância, agem nas grandes linhas dos acontecimentos) manifestam-se somente em ocasiões ou assuntos ligados à missão que o indivíduo deve cumprir.

E entre os guias ainda se estabelece diferenciação, havendo "guias de encarnação" — ligados ao indivíduo somente em relação aos acontecimentos de uma vida no plano material — e "guias de evolução" — ligados a períodos mais ou menos longos de suas vidas anteriores.

O médium bem formado, tanto do ponto de vista técnico como moral e que realiza sua tarefa com nobreza e desprendimento, terá oportunidade de entrar em contacto com essas diferentes categorias de entidades, e nesses contactos conseguirá identificá-las, distinguindo-as umas das outras, o que aliás é de grande utilidade ë conveniência, entre outras razões pelo fato de ficar sabendo a quem' deve recorrer, num ou noutro caso, segundo a natureza do problema para o qual necessita de assistência ou conselho espiritual.

Para um assunto comum, da vida doméstica, por exemplo, apelará para um assistente familiar, ao passo que para uma decisão ligada à vida pública, dirigir-se-á ao guia de encarnação, e assim por diante.

Nos casos, por exemplo, de moléstias ou de dificuldades domésticas são os assistentes familiares que intervêm, esclarecendo que apontando o que convém fazer.

Nos casos de curas à distância, realizadas em sessões espÍritas de centros ou grupos, o operador invisível, responsável pelo trabalho, nem sempre examina direta ou pessoalmente o doente, mas simplesmente lança a interrogação ao assistente familiar, que imediatamente responde dando os esclarecimentos necessários; aliás é este a melhor autoridade para fazê-lo porque está em contínuo e perfeito contacto com o protegido, conhece todos os detalhes da questão e pode dar uma informação segura e precisa.

Somente nos casos em que a interrogação feita ou a decisão a tomar escapa de sua alçada ou dos limites de suas atribuições é que eles mesmos, os familiares, recorrem aos guias de encarnação, que possuem maior autoridade e saber e que conhecem além disso as ligações cármicas da vida atual do protegido que quase nunca são do conhecimento do assistente familiar.

Os familiares, protetores e guias, estão ligados à vida do individuo encarnado ou porque o pediram, em virtude de razões afetivas, ou porque receberam tais tarefas, para efeito de resgates cármicos. Têm portanto todo interesse em levar a bom termo suas missões se bem que, na maioria dos casos, encontrem grandes dificuldades em realizá-las por falta de compreensão, conhecimentos espirituais, possibilidades de ligação, entendimento, sensibilidade e fé, da parte dos assistidos.

É preciso, pois, por todos os meios, procurar contactos com os assistentes espirituais, já que representam eles para todos nós preciosa fonte de esclarecimento, conselho e ajuda. Pensando neles constantemente estamos nos ligando; pedindo seu auxílio nos casos que escapam de nossas forças, estamos nos ligando; englobando essas entidades nas preces que diariamente fazemos, estamos também nos ligando; mas é necessário além de tudo isso reservar, de nossos labores quotidianos, alguns momentos para meditações diárias durante as quais os procuramos com nossos pensamentos, ajustamos com eles, em sincero e franco entendimento mental os assuntos mais graves de nossa vida e, com auxílio das inspirações que então recebemos, retificamos nossos rumos.

É sabido, como já dissemos, que os assistentes não fazem o nosso trabalho, não carregam o nosso fardo, pois que isso seria contrário às leis da vida espiritual, entre outras razões porque nos tiraria o mérito da obra e destruiria o livre arbítrio individual, que é coisa sagrada; mas simplesmente nos orientam, nos aconselham, estimulam e inspiram o procedimento mais acertado e conveniente. Ouvi-los é, pois, ter prudência; obedecê-los, é demonstrar sabedoria.

33
AMBIENTES BONS E MAUS

Como o planeta em que vivemos é de Espíritos retardados, que aqui vêm se submeter a provas as mais variadas, o ambiente geral do mundo ressente-se de pureza, harmonia, elevação espiritual; é desagradável e choca profundamente a sensibilidade mais evoluida de uns e outros.

Por outro lado, nos dias que vivemos, as calamidades de ordem econômica e social, geradas pelas guerras; as ambições egoísticas que cavam funda separação entre os homens, as nações e as raças; o sofrimento de caráter coletivo não compensado por uma crença espiritual baseada em fatos; a desorientação moral decorrente do fracasso das religiões mundanas; tudo isso criou uma atmosfera saturada de miasmas, envenenada de fluidos maus, de pensamentos negativos, de sentimentos degenerados que se refletem, também, no plano espiritual invisível, criando um "Umbral" pesado e sombrio, cheio de maldade e povoado de monstros.

Todo esforço espiritual, pois, deve tender a elevar o indivíduo acima dessa atmosfera pesada e maléfica, oferecendo-lhe oportunidades assíduas de reconforto e repouso, de estímulo e de esperança.

E sendo contra-indicado o isolamento em si mesmo, que gera o egocentrismo, bem como a abstenção, em qualquer de suas modalidades, pois o Espírito em prova só pode realizar sua tarefa e cumprir o seu dever em pleno e permanente contacto com a vida social, segue-se a necessidade de cada um de nós adotar métodos próprios, cuidados especiais, que nos permitam viver a vida em toda sua intensidade, colaborar de todas as formas com o próximo, sentir todas as reações e incorporar todas as experiências, sem contudo nos deixar prender, escravizar, dominar, pelos acontecimentos, pela trama da vida, conservando nossa liberdade individual, nosso livre arbítrio e nossa personalidade; métodos próprios e cuidados especiais para preservar nossos sentimentos de influências perniciosas e defender nossa integridade psíquica.

Para os médiuns, principalmente, o problema avulta e é imperiosa a necessidade de bons ambientes, (necessidade quase física), como imperiosa também a de se instruirem na doutrina e de se aperfeiçoarem moralmente, para que haja progresso e eficiência cada vez maiores no trabalho mediúnico, que lhes é tarefa fundamental.
Purificando-se moralmente e instruindo-se, irão obtendo cada vez resultados mais favoráveis e perfeitos no campo mediúnico, porque irão vibrando em planos cada vez mais altos do mundo espiritual e obtendo afinidade com Espíritos cada vez mais elevados na hierarquia.

É-lhes essencial, como já vimos, a sanidade da atmosfera moral que respiram, tanto nas sessões como nos próprios lares e locais de trabalho profano porque, como sensitivos que são, as influências ambientes exercem sobre eles forte impressão, afetando-os mais ou menos profundamente, e porque, reciprocamente exercem também eles influência sobre aqueles que os rodeiam, visto serem pólos de aglutinação e radiação de forças espirituais boas ou más, segundo suas próprias condições individuais.

Cada um tem seu mundo, seu clima próprio de forças boas ou más e sua própria "entourage" de entidades desencarnadas. Quando entram em contacto com outras pessoas transmitem-lhes radiações desse seu mundo individual e atuam de uma forma correspondente ao grau, qualidade ou natureza dessas forças e entidades.

Por isso é preciso que cada médium conquiste uma "entourage" benéfica, o que só conseguirá quando ele mesmo estiver em condições de atrair bons elementos e de repelir os maus.

Vigiando e saneando constantemente o seu próprio mundo individual os médiuns fazem auto-defesa e freqüentando reuniões de caráter elevado se beneficiam das influências ali predominantes que, por serem mais poderosas que as individuais, dominam a estas quando más e as exaltam e estabilizam, quando boas.

Contràriamente, descuidando-se de si mesmos e freqüentando ambientes inferiores recebem destes asmás influências predominantes que se vão então somar àquelas que já

lhes são próprias e adjudicam ao seu mundo individual entidades negativas, maléficas, vampirizantes, de difícil afastamento.

* * *

Estas recomendações também se aplicam aos adeptos em geral, para os quais a conquista de um bom ambiente de vida é, da mesma forma, necessária.

A solução do problema espiritual não estando fora do indivíduo, mas nele mesmo, segue-se que o esforço de purificação interna é indispensável, esforço esse que será grandemente beneficiado com à frequência a trabalhos práticos bem conduzidos, porque ali o indivíduo se retempera, se instrui, se satura de forças boas, se alimenta de fluidos reparadores e se estimula para o bem ao contacto das entidades e das forças promanadas dos mundos superiores.

* * *

E finalmente, em relação aos centros e grupos de trabalhos práticos, devemos dizer que muito há ainda que melhorar porque se há comunidades onde as práticas são salutares e convenientemente realizadas, em muitas outras predominam a incompreensão, a rotina e a ignorância; incompreensão sobretudo do caráter e da tarefa dos médiuns, cujas faculdades são negligenciadas e mal orientadas; comunidades que trabalham em ambientes por si próprias criados, de fundo sobremaneira materializado, e que nisso permanecem irredutivelmente; obedecendo cegamente, sem o menor exame, a determinações de "guias" muitas vezes suspeitos; estabelecendo para seu uso praxes e ritos obsoletos e desaconselháveis, mesclados de superstição religiosa, que favorecem a manifestação de entidades inferiores, que viciam e perturbam os médiuns ao invés de os aperfeiçoarem; cada grupo se isolando em seus próprios destinos, quase sempre se recusando a atender conselhos e orientação de pessoas mais autorizadas.

Há ainda, infelizmente, um grande número de centros e grupos espíritas desviados da verdadeira finalidade e compreensão espirituais e que assim perdem um tempo precioso na realização de coisas muitas vezes banais e fúteis, quando poderiam aproveitá-lo melhor conduzindo francamente os trabalhos num sentido elevado, construtivo, impessoal, que imediatamente viria beneficiar tanto a médiuns como a assistentes.

Quando todas as comunidades se instruírem, abandonarem as práticas supersticiosas e passarem a agir num padrão espiritual mais elevado — o único aliás compatível com suas próprias finalidades e existência — as manifestações mediúnicas ganharão um novo aspecto, o Espiritismo tomará um grande impulso e seus benefícios se farão sentir em escala mais ampla, atingindo horizontes cada vez mais vastos.

O que é preciso ter em vista em primeiro lugar, nos centros e grupos espíritas, é que o que mais importa não são as práticas em si mesmas, mas os resultados, as consequências que delas advêm para médiuns e assistentes; por isso deve ser abolido tudo aquilo que não for realmente útil a essa finalidade e, por outro lado, aceito e praticado tudo o que levar a atingi-la. Que cada centro ou grupo conquiste um ambiente espiritualizado, em pleno entendimento com assistentes espirituais de identidade e autoridade moral comprovadas; promovam a instrução doutrinária e exijam a prática evangélica em todos os atos individuais e coletivos. Não se atenham tão-só à doutrinação de sofredores, mas exerçam-na únicamente como cooperação e como oportunidade de ensinamento evangélico.

Sempre houve Espíritos inconscientes e sofredores nos planos etéreos e nem por isso deixaram de ser assistidos, antes que a doutrinação fosse implantada como sistema, após a codificação do Espiritismo; nenhum deles permanece na dependência direta ou exclusiva dos que vivem na carne e somente aqui são trazidos por efeito do intercâmbio que já se estabeleceu entre os dois planos, intercâmbio esse, contudo, que deve ser constantemente melhorado, exalçado, pela elevação moral e pureza dos grupos de trabalho que o realizam.

O que importa, pois, acima de tudo, dentro das sessões ou fora delas, é a conduta moral, o esforço pela evolução espiritual de cada um; e esse esforço e essa conduta serão

grandemente favorecidos e estimulados quando cada indivíduo houver conquistado para si mesmo um ambiente espiritual pacífico, harmonioso, liberto de más influências. Somente assim poderemos manter a indispensável comunhão espiritual com o Alto, pois, sem essa comunhão, que seria de nós em meio a este mar revolto de maldades, que é a Terra?

34
OUTRAS REGRAS

Além dos esclarecimentos que já fornecemos a respeito da parte prática dos trabalhos de desenvolvimento mediúnico, acrescentamos agora as seguintes regras de caráter geral, que não sofrem modificação, seja qual for o sistema empregado no trabalho.

DEVOÇÃO E NÃO CURIOSIDADE

Ninguém deve comparecer a uma sessão como quem vai a um espetáculo recreativo, mas preparar previamente seu coração e sua mente, limpando-os de impurezas e preocupações mundanas, pois que é coisa que inspira respeito e reverência o contacto a fazer com forças e entidades dos planos espirituais.

Salvo as de fundo científico, em que o coração cede lugar ao intelecto, as sessões são verdadeiros atos de prece, de recolhimento e de elevação de espírito.

Quem assim não procede, voluntáriamente se priva dos altos benefícios que ali poderia recolher, como também concorre para que o mesmo talvez suceda aos demais assistentes.

CONCENTRAÇÃO E SILÊNCIO

A concentração dos pensamentos e das mentes nos objetivos e o silêncio que deve ser mantido durante os trabalhos, permitem que o recinto e todos os que nele se encontram se isolem do mundo exterior, das preocupações e dos sofrimentos da vida material; vivam por momentos numa atmosfera de paz, de harmonia e de reconforto e comunguem durante esse tempo, de alma e pensamento, com as coisas elevadas e edificantes dos planos do espírito.

A concentração é o ato mental mediante o qual projetamos e mantemos nossos pensamentos sobre dado assunto ou objeto, e como isso requer um determinado esforço maior ou menor segundo a capacidade de concentração individual, não se pode exigir que a concentração seja mantida por tempo longo. Esse período, portanto, deve ser exigido alternativamente: para a formação da corrente (como já vimos atrás), ou seu restabelecimento em caso de rompimento; para projeção, em dado sentido, de um conjunto mais poderoso de vibrações, ou finalmente para o encerramento dos trabalhos.

Durante o tempo restante devem os presentes se manter em estado de recolhimento íntimo, com a atenção, sem esforço, voltada para o trabalho que está sendo realizado.

ORDEM E DISCIPLINA

Todos devem se conformar com a ordem, o método, o sistema, se se pode assim dizer, adotado para os trabalhos, segundo sua especial natureza e o plano organizado por aqueles que o dirigem. E, conforme já dissemos, como os trabalhos devem ser executados harmoniosamente nos dois planos, as mesmas exigências prevalecem para encarnados e desencarnados.

AUTO-DOMÍNIO MEDIÚNICO

O que se tem em vista sempre é formar médiuns senhores e não escravos da mediunidade, conscientes de suas tarefas e responsabilidades; que possam, conforme a natureza de suas faculdades, penetrar nos mundos invisíveis como elementos aptos a compreenderem e transmitirem aquilo que desses mundos necessitem os homens conhecer,

ou para servirem de instrumento hábil a Espíritos de qualquer hierarquia; aptos para agirem em qualquer circunstância, com autoridade, conhecimento de causa e elevação de sentimentos.

Terminada sua preparação mediúnica devem seguir seu próprio caminho, utilizando seus próprios recursos; por isso devem possuir em si mesmos todos os elementos necessários ao perfeito cumprimento de suas tarefas.

O médium que não se pode conduzir por si mesmo, o que não foi educado ou o foi de forma sistematicamente passiva, torna-se veículo de confusão, de indecisão, em qualquer lugar ou circunstância em que atue.

Mais hoje mais amanhã sua faculdade degenera ou se perde, porque será uma presa fácil das forças negativas, sempre à espreita de suas vítimas.

INTERCÂMBIO COM ESPÍRITOS SUPERIORES

Tendo esta legenda como alvo automaticamente colocamos nossos ideais em posição elevada.

Que nos podem dar os Espíritos inferiores? Exceto as lições de ordem moral que tiramos de seus casos individuais e da oportunidade que seu intercâmbio nos concede de exercermos a caridade evangélica, pouco mais nos vem deles, que respeite ao progresso do mundo.

Por outro lado quase tudo o quanto a eles se refere já édo conhecimento geral, pois que seus casos individuais representam sempre atrazo, ignorância, faltas cometidas e sofrimentos reparadores; como também é sabido o fato de poderem ser muitas vezes auxiliares (mesmo quando inconscientes) dos Espíritos superiores para a realização de suas tarefas, quando por exemplo servem para provocar e manter obsessões e inúmeras outras perturbações de caráter espiritual.

Compreendido isto resulta que, mau grado os sentimentos de solidariedade fraternal que devemos dedicar-lhes, pouco nos restará do intercâmbio que com eles mantivermos.

Uma última lição, entretanto, e altamente proveitosa, esse intercâmbio nos dá, e é justamente a convição de que devemos nos voltar para os aspectos superiores da vida espiritual porque é daí que nos virão elementos mais avançados do conhecimento, fôrças mais puras, de que carecemos para apressar nossa evolução.

Precisamos oferecer maior campo às entidades dos planos superiores, já que estas mui dificilmente encontram médiuns em condições de servir-lhes de instrumento de manifestação em nosso meio.

É preciso aumentar o número de médiuns de excepcional capacidade, para acelerar o progresso do mundo e dilatar a limites mais amplos o campo, ainda tão restrito, dos conhecimentos humanos no setor do espírito porque, quando tal coisa acontecer, a ignorância religiosa será vitoriosamente combatida; a superstição será substituida pelas claridades do pensamento lúcido e as práticas inferiores irão sendo encurraladas nos seus antros e ali exterminadas, porque os novos horizontes já agora iluminados e transparentes. não mais permitirão a existência de sombras.

Não nos detenhamos pois no caminho, a pervagar em sentimentalismos inócuos; nosso alvo está ainda muito além do que hoje se vê ou se sabe e devemos buscá-lo confiadamente, sem olhar para trás.

Para os que desejam passar pelo crivo do juizo, do selecionamento espiritual que já está se processando nos planos invisíveis, para a formação do mundo renovado do terceiro milênio, o problema está em atingir os cumes deste ciclo, mergulhando na luz para fugir às trevas.

Somente poderemos atingir as esferas mais elevadas do mundo espiritual quando largarmos todas as amarras que nos mantêm presos a este.

É preciso que os médiuns, principalmente, encarem suas tarefas com grande elevação de vistas, sobrepondo-se às suas próprias inferioridades e lutando por elevar ao maior grau possível de perfeição suas faculdades mediúnicas. Não se julguem em posição estacionária, nem permaneçam em situação de doentia passividade, mas se esforcem denodadamente

por se tornarem melhores cada dia que passa, porque deles depende em grande escala a marcha da evolução humana em nossos dias.
Queremos um Espiritismo de claridades, de realizações mais amplas e, se não o conseguirmos desde logo, pela lentidão da própria evolução, nem por isso nos devemos conformar com a rotina e nos acumpliciar com as forças retardadoras do pensamento; e muito menos com a estagnação das maravilhosas possibilidades espirituais que a doutrina nos outorga para a realização da obra comum de redenção.

35
AUTO-APERFEIÇOAMENTO

Se nos abandonarmos à corrente da vida, passivamente, inertemente, como uma folha levada pelas águas, os acontecimentos não deixarão de ocorrer, influindo sobre nós de certa maneira; porém levaremos um tempo muito mais longo para realizar a tarefa evolutiva que nos é obrigatória; mas se, contràriamente, entrarmos na luta com coragem e decisão, enfrentando os obstáculos resolutamente e procurando vencê-los face a face, nossa evolução será mais rápida, nesse período de maior atividade, e colheremos os frutos benéficos de nosso inteligente esforço.

Se deixarmos que o tempo resolva o caso da transformação moral por que devemos passar para atingir um grau mais elevado na escala na perfetibilidade, abandonando-nos cegamente à própria sorte, quando virá para nós algum progresso? Dentro de quanto tempo poderemos obter alguma melhoria espiritual?

Mas, ao contrário, se desde já nós esforçarmos nesse sentido desde já também iremos recebendo benefícios, melhorando nossa situação e apressando a nossa marcha.

Porque escrito está que "cada um receberá segundo suas obras". Para ser médium não basta servir de instrumento a manif estação de espíritos. É preciso, sobretudo, renovar-se moralmente espiritualisar-se dia por dia, com base no Evangelho redentor.

* * *

A reforma liberta o indivíduo da escravidão das paixões. Os vícios escravizam o Espírito na carne, continuam a escravizá-lo, depois da morte e então, não podendo os viciados satisfazê-los inteiramente, pela ausência do instrumento carnal, comparecem às sessões de falso Espiritismo, assaltam os médiuns que aí se encontram, incorporam-se neles e dessa forma se satisfazem, fumando, bebendo e praticando outros atos ainda menos edificantes; satisfazem-se tamhém de alguma forma, vampirizando obsedados, ou atacando, nos momentos de fraqueza ou desvario, pessoas das mais diferentes condições porém dotadas de um certo grau de sensibilidade.

Os vícios afetam o corpo físico e envenenam as células orgânicas, mas as raizes do desejo estão sempre no espírito e, por isso, quando este desencarna, carrega consigo esses vícios; mas com as restrições e impedimentos que a nova esfera de ação lhe oferece, passa a viver inquieto, atormentado, e por causa disso não pode evoluir; permanece apegado à Terra, desesperado por voltar e, se por qualquer circunstância não o consegue, então revolta-se e passa a engrossar as legiões de Espíritos maléficos, afundando-se assim, cada vez mais, nas sombras do Umbral.

Os mundos de expiação como este nosso não são o "habitat" normal, natural, dos Espíritos — que é o Espaço infinito — mas sim escolas educativas, oficinas de trabalho forçado, estações provisórias de provações, tudo dependendo da reforma de cada um.

Se não nos reformarmos, como expiaremos as faltas? E não o fazendo, como poderemos nos libertar das provações?

A reforma, pois, liberta o Espírito do círculo vicioso das encarnações punitivas, arroja-o para fora dos limites dos mundos inferiores e lhe abre as portas douradas dos mundos felizes. (39)

(39) Para auxiliar a reforma individual foi inaugurada na Federação Espírita do Estado em maio de 1950 a Escola de Aprendizes do Evangelho que está publicando uma Biblioteca especial sob a legenda — Iniciação Espírita — com 21 volumes já editados pela LAKE.

No que respeita aos médiuns há alguns que se esforçam e procuram obter melhoria espiritual; a maioria, porém, e infelizmente, nenhum esforço desenvolve nesse sentido e deixa-se levar passivamente pelas circunstancias.

Por isso, paradoxalmente, as mesmas faculdades mediúnicas que são a base fundamental da propagação doutrinária, vêm servindo como elemento retardador, afastando mesmo de suas hostes inúmeros candidatos ao serviço da seara, sendo certo que muitos, após vários anos de labor profícuo, abandonam decepcionados os trabalhos práticos, privando a doutrina de uma colaboração que poderia ser preciosa.

Não nos referimos às próprias faculdades em si mesmas, éclaro, mas aos médiuns, que nem sempre estão à altura de suas tarefas, principalmente no que respeita à condição moral. Esquecidos dos compromissos que assumiram no Espaço, antes da encarnação, deixam-se dominar pelas tentações do meio ambiente, material e grosseiro, esquecem-se de suas tarefas coletivas e passam a viver vida de comodidades e de vantagens pessoais, fracassando ingloriamente.

Porque possuem determinadas faculdades, julgam que somente isso lhes basta e se esquecem de que é preciso lutar pelo aperfeiçoamento próprio, pela aquisição de verdades mais altas, visando sempre a redenção espiritual, que lhes poderá ser outorgada ou não, segundo o modo pelo qual se desempenham de seus deveres.

O ponto mais alto da expressão mediúnica na presente fase de evolução do planêta é o Evangélico, isto é: a compreensão e a capacidade de divulgação, segundo o espírito, das verdades ensinadas pelo Divino Mestre.

Pois, em que pese, não a estranheza mas a lástima, é preciso dizer que a maioria dos médiuns não lê o Evangelho, uns por serem incultos, outros por falta de hábito, outros enfim por julgarem que esse estudo não lhes é necessário, visto que os Espíritos, que por seu intermédio se manifestam ao público, podem fazê-lo com mais autoridade e conhecimento.

Este conceito errôneo deve ser combatido, entre outras razões porque é fora de dúvida que além dos benefícios pessoais que o médium obtém abeberando-se diretamente nessa fonte inesgotável de luzes espirituais, o trato com o Evangelho facilitará e aumentará de muito as possibilidades dos Espíritos comunicantes porque, entre outras consequências, o teor vibratório individual se purificará com esse estudo e essa exemplificação.

Eis o que já dizia o Codificador, na previsão luminosa desse estado de coisas que hoje constatamos: "Se o Evangelho, realmente, não se tornar em vosso espírito um broquel, quem poderá socorrer-vos, se a revelação tende a absorver todas as conseqüências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho em vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos que deleitam a alma, embriagam o pensamento, quem vos poderá socorrer, no momento dado dessa revolução planetária que já se faz sentir, dando o domínio da Terra aos bons, preparando-os para seu desenvolvimento, bem como transmigrando os obsecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

"O que será de vós, quem vos poderá socorrer, se à lâmpada de vosso espírito faltar o elemento da luz com que possais ver a chegada de N. S. Jesus Cristo, para testemunhar o valor dos bons e a fraqueza dos maus e dos ingratos?

"E' possível que nos preparemos para os termos que chegam dando a todo momento a nota do. escândalo, apresentando-nos aos homens como homens cheios de ambição, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para gozo da carne e satisfação de paixões do mundo?"

* * *

Estas são as advertências póstumas do grande irmão, aquele que impropriamente tem sido dado como o fundador do Espiritismo, aleivosia que devemos uma vez por todas afastar de nossos pensamentos. (40)

(40) Servimo-nos do ensejo para declarar que os inimigos da luz, as forças adversárias da doutrina, é que espalham essa expressão. Dizem que Kardec é o autor do Espiritismo para tirarem a este seu caráter de revelação divina, dar-lhe cunho pessoal e humano, confundi-lo com muitas das demais escolas filosóficas existentes no mundo. O próprio Codificador, prevendo isso, declarou categoricamente que não é o autor da doutrina, que não são suas as idéias que se encontram nos seus livros mas sim de altos Espíritos desencarnados que, por mandato de Deus, as difundiram na Terra. Portanto, não sejamos cúmplices de nossos adversários colaborando na difusão deste erro.
Não há Espiritismo kardecista nem de outra qualquer denominação.
O Espiritismo é um só e vem do Alto, como um precioso auxílio dado ao homem atual para sua redenção. É o Paracleto prometido por Jesus Cristo, conforme está expresso no evangelho de João.

Estas considerações todas nos levam a recomendar insistente-mente o auto-aperfeiçoamento espiritual, isto é: o esforço e a determinação do próprio indivíduo em melhorar-se, realizando um verdadeiro combate contra si mesmo, naquilo que ainda possui de mau.

Mas, perguntarão muitos: como se poderá de forma eficiente realizar esse elevado trabalho?

Apesar de ser este um problema muito velho, uma preocupação de todos os tempos; o fundamento objetivo de muitas doutrinas religiosas e filosóficas; o ponto central da exemplificação do Divino Mestre, muitos ainda fazem a mesma pergunta, milhares a fazem, e não seremos nós, que aqui unimos o nosso apelo à sua realização e que também necessitamos dessa reforma, que iremos deitar regras e nos colocarmos presunçosamente na posição de mestre.

E seria mesmo uma tolice estabelecer regras para um esforço de pura introspecção individual e que deve ser realizado mais que tudo pela própria experiência, através de sofrimentos e de decepções de toda ordem.

Só podemos dizer que, justamente, não há regras fixas nem esquemas rígidos, nem processos determinados para esse trabalho tratando-se, como se trata, de situações íntimas ligadas à consciência profunda de cada um.

Há compêndios de filosofias e sistemas esotéricos que oferecem misteriosamente processos infalíveis de purificação espiritual mas, de nós, não cremos que qualquer deles dê o menor resultado porque não se trata aqui de adotar processos ou de empregar regras mas sim de mudar sentimentos, de alterar o caráter moral, e isso o homem só o consegue, como já dissemos, através de provas, em tempo mais ou menos longo; todavia é certo que quando o espírito estiver maduro, quando a hora chegar, sobre ele descerá o fogo da redenção.

Mas como o Espiritismo chama para a redenção e exige essa reforma moral urgentemente, todos devem iniciar desde já sua luta, estabelecendo sua vida em novas bases, organizando um programa simples e viável e se utilizando, com todas as energias de que dispuser, dos poderes que lhes vêm do livre arbítrio, que é vontade, inteligência e liberdade.

Qualquer esforço neste sentido deve começar por um balanço moral, desnudando perante nossa própria consciência, sem a menor tolerância, as más qualidades que possuimos.

Raro é o homem, da atual geração, que possui mais virtudes que defeitos o que aliás é natural que aconteça porque este é um mundo atrasado e, portanto, o primeiro passo nesse esforço de reforma deve ser o exercício da tolerância recíproca, uma vez que ainda não somos capazes de amar.

O Evangelho de Jesus, segundo nos parece, não pode ser realizado pelo homem atual, por causa de suas condições de inferioridade moral; é preceito para dias vindouros, mas qualquer esforço que fizermos no sentido dessa realização será útil e meritório porque estaremos plantando os alicerces desse futuro mundo de felicidades espirituais.

Os defeitos mais comuns, a saber: o orgulho, o egoismo, a ferocidade, a sensualidade, são inimigos tenazes, que devemos um por um combater e vencer, à custa de lágrimas e de sangue, porque são estigmas que nos vêm do nosso passado de brutos e estão profundamente arraigados em nosso coração.

Mas temos que passar pelas provas purificadoras e em nossas mãos está o antecipá-las, melhor sendo que o façamos por nossa própria deliberação que obrigados pelos látegos do carma. Melhor que o façamos hoje que amanhã, como lutadores conscientes e não como vitimas passivas, pois o mérito justamente vem do exercício deliberado do livre-arbítrio.

E quando no decorrer do tempo, todos os defeitos estiverem vencidos, teremos automàticamente conquistado as virtudes correspondentes, flores da espiritualidade que, no amanhã de nossa existência universal, torná-la-ão bela e radiosa, nas inumeráveis moradas da casa do Pai.

* * *

Uma única regra segundo parece, poderá ser ditada, nesse salutar esforço de edificação própria: resolver lutar, começando pelo menor defeito e perseverando tenazmente até o fim.

Levamos séculos para chegar a esta situação de hoje; séculos para conquistar tão pouca coisa no rol das benemerências representadas pelas virtudes dignificantes do espírito e não será por um gesto de malabarismo mental, ou pelo simples desejo platônico de melhoria, que conseguiremos nos elevar a maiores alturas.

Comecemos, pois, pelo menor, pelo mais acessível, pelo mais ao alcance das armas ainda rudimentares que possuímos mas, encetada a tarefa, não nos detenhamos mais, não olhemos para trás; orando e vigiando como recomendou o Mestre, prossigamos até o fim, porque qualquer vacilação destrói tudo quanto já se conseguiu até
um dado momento.

Esse trabalho de repressão psíquica, iniciado no campo intelecttual (a deliberação) irá lançando raízes profundas no sub-consciente; insensivelmente irá influenciando o caráter do Espírito e modificando-o no correr dos tempos.

Desta forma prudente e segura iremos nos estimulando e fortalecendo com os resultados parciais e não teremos decepções desencorajadoras.

A luta contra nossas paixões é terrível e só consegue triunfar delas quem tem ânimo forte, vontade firme e fé, sobretudo fé. nas luzes e nas forças que nos vêm do Alto.

36
FALSOS PROFETAS

Tanto mais necessário se torna que os médiuns sejam conscientes de suas próprias possibilidades quanto é certo que é pela porta larga da mediunidade que os falsos profetas dos planos invisíveis intervêm no cenário da vida humana.

O Divino Mestre, no seu tempo entre nós, assim recomendava:

"Guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós vestidos de ovelhas e são por dentro lobos roubadores. Por seus frutos os conhecereis...

"E muitos me dirão naquele dia: Senhor! Senhor! Não éassim que profetisamos em teu nome e em teu nome expelimos demônios e em teu nome obramos prodigios? E então eu lhes direi: pois eu nunca vos conheci; apartai-vos de mim vós que obrais a iniquidade".

E noutro ponto: "Falsos cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes maravilhas e operarão prodígios tais que, se fôra possível, enganariam até os escolhidos".

O ensino verdadeiro pode ser reconhecido pelo que contém daquilo que o Mestre recomendou quando esteve entre nós e também pelo que contiver daquilo que nos tem sido e vem sendo revelado, nos nossos tempos, pelos seus enviados, com os quais mantemos intercâmbio.

Os profetas verdadeiros são, portanto, não os que somente pregam mas os que, cumprindo os preceitos da doutrina, ao mesmo tempo exemplificam suas palavras.

Os Evangelhos também se referem aos dias da vinda do Mestre que, segundo os anúncios que temos, rapidamente se aproximam; por isso, mais que nunca, devemos nos colocar em condições de conhecer os falsos pregoeiros para neutralizarmos sua propaganda, nos afastarmos do erro e não comprometermos nosso futuro espiritual.

Em nosso mundo material e em sentido geral, falsos profetas não são somente os que anunciam acontecimentos futuros, quase sempre indevassáveis aos olhares humanos, mas todos os que, sem a devida autoridade espiritual, abusivamente se fazem intérpretes de verdades transcendentes, veiculando conhecimentos misteriosos e confusos, quase sempre oriundos de sua própria imaginação exaltada, ou de faculdades mediúnicas descontroladas e por eles próprios muitas vezes renegadas.

Os que tudo fundamentam na supremacia da inteligência, substimando o sentimento e a fé, sem compreender que estes dois atributos do espirito, quando solidários, são as duas asas com auxílio das quais se ascende às esferas da perfetibilidade, afastando assim o homem da humildade evangélica e mergulhando-o na mais nefasta egolatria.

Os que, no campo mesmo da doutrina, tendo dela conhecimentos superficiais ou por presunção, aceitam umas coisas e renegam outras, substituindo-as por ideias próprias, não concordantes com as realidades da vida espiritual.

Os que lhe enxertam concepções obsoletas e ritos de credos e filosofias puramente humanos, produzindo assim desorientação e confusão até mesmo entre os mais cultos.

E ainda, sob outro ponto de vista, os que se acobertam à sua sombra, visando interesses pessoais, mercadejando com os dons do espírito, ou promovendo desarmonia e separação nas hostes dos obreiros.

E no plano invisível (quando o problema ainda mais avulta por ser um campo de ação mais dilatado, indefinível, que melhor escapa ao nosso restrito poder de análise), êsses falsos profetas são de duas categorias:

Primeira — a daqueles que conservam suas próprias idéias e superstições religiosas e continuam de lá a combater por elas; escritores, oradores, cientistas e filósofos de tôda casta que, pelo seu próprio valor intelectual conseguem impressionar os encarnados, nem sempre pregando o erro pelo amor do êrro, mas por estarem dêle capacitados como sendo verdades.

Segunda — a daqueles que, escravos ainda do mal, agrupam-se entre si formando associações tenebrosas, correntes e legiões disciplinadas que interferem em tôdas as oportunidades, valendo-se das imensas afinidades que sempre encontram por efeito do atual atraso espiritual do mundo.

Esses Espíritos malévolos aproveitam-se da mediunidade para suas realizações e muitas vêzes conseguem dominar comunidades humanas inteiras, mormente as de fundo religioso, quando estas não possuem os indispensáveis conhecimentos de salvaguarda.

Nas comunidades espíritas êles agem, segundo o caso, com sutileza, ardilosamente, ou com fingida humildade, outras vêzes com arrogância e autoridade, mas sempre apelando para as paixões humanas do interesse, da vaidade ou do egoísmo; e assim insinuando-se, dando provas materiais de poder, prometendo coisas e fingindo-se bons, vão aos poucos dominando o ambiente e as consciências e se não forem, em tempo oportuno, reconhecidos e desmascarados, arrastarão a muitos por caminhos tortuosos, tornando-os impermeáveis à assistência dos Espíritos do bem.

Infelizes dos que, por ignorância ou fanatismo, se deixam enredar nesses laços: seus espíritos se conturbam, mergulham nas trevas e perdem contacto com as luzes que vêm do Alto.

Não é fácil evitá-los, mormente em certos meios, e muito menos identificá-los; porém tal tem que ser feito, principalmente pelos médiuns, para que não sejam mistificados e por sua vez se tornem mistificadores, mesmo quando inconscientes.

Obedecendo a recomendação do Mestre atentemos sempre para os frutos se quisermos conhecer a árvore.

Os primeiros, de fato, se revelam pelo cunho materializado das concepções, pelo fanatismo, pela intolerância, pelo fantasioso das idéias, pela falta de lógica, pelo excesso de mentalismo; quase sempre querem impor, dogmàticamente suas idéias mesmo quando elas

são incompatíveis com a razão esclarecida.

Colocam, como já dissemos, o intelecto acima do sentimento evangélico, acima da fé e da humildade e em contraposição à simplicidade — que é espelho da verdade — pregam coisas complexas, perturbadoras, que jamais edificam para o amor. Os segundos, os agentes conscientes do mal, pelas contradições que revelam em relação ao que sabemos que é o bem, pelos desvios que sugerem em relação à moral, pela duplicidade do pensamento, pela intolerância em face da fraqueza, pelos maus conselhos em face à conduta social, pelo apêlo transparente às paixões humanas e aos interesses materiais.

Nas sessões podem ser também identificados pela vidência porque, como atrasados que são, não possuem luz própria, são fluidicamente pesados e sua aura constantemente reflete seus maus pensamentos.

Por outro lado não passam despercebidos a qualquer um que possua certo grau de sensibilidade, porque promovem uma sensação de mal-estar e de repulsa; roubam energia espiritual e transmitem fluidos negativos.

Por último podem ser também identificados pela nossa própria intuição que de pronto nos adverte de sua presença.

* * *

Em regra geral tenha-se sempre presente o seguinte: é falso tudo o que contradisser a doutrina evangélica; condenável tudo o que conduzir para a alimentação de paixões e de interesses puramente humanos; suspeito tudo o que produzir discórdia, separação; tudo o que for artificioso, incoerente, contraditório e complexo.

Em guarda, pois, contra os falsos profetas — os eternos inimigos da verdade. Como diz a parábola: eles podem operar prodígios, impressionar as massas, confundir ou fascinar as inteligências, mas tudo será passageiro e nada construirão de definitivo no caminho da evolução humana.

Podem arrastar uns e outros, momentaneamente, para direções perdidas mas o edifício da Verdade permanecerá de pé porque é indestrutível; e se estivermos atentos aos verdadeiros Guias e mantivermos nossa vigilância e nossa fé, recuaremos sempre a tempo e terminaremos por conhecer a luz e permanecer nela.

37
CONCLUSÃO

O Espiritismo tem três aspectos inseparáveis e bem definidos:
o religioso, o filosófico e o científico.

Pelo primeiro liga suas asas, alcandora seus vôos aos céus pelo Evangelho do Cristo; pelo segundo enfileira-se aos elementos vivos da tradição esotérica do mundo, acrescentando-lhe claridades novas; pelo terceiro planta suas raízes na Terra colocando nas mãos dos homens instrumentos hábeis de investigação objetiva.

O Espiritismo se fôsse somente religião, por causa dos homens cairia no dogma, restringindo as possibilidades da inteligência e fechando o campo da razão pelo fanatismo; se fôsse somente filosofia conduziria a razão às abstrações inócuas e ao mais perigoso agnosticismo, tornando-a incapacitada para qualquer realização coletiva; e se fôsse somente ciência seria uma realidade fria e sempre precária que nada de permanente construiria para a redenção espiritual do mundo.

Não pode haver, portanto, restrições, em qualquer dêstes campos; tudo tem que ser encarado ao mesmo tempo sob êstes aspectos para haver resultados que se integrem mutuamente e mutuamente se confirmem.

Tal é a essência e o caráter da Terceira Revelação; e o perpassar do tempo somente o tem confirmado, forçando-nos a ser cada vez mais liberais, menos ortodoxos, dando a faculdade da razão limites cada vez mais vastos e ao sentimento expansão cada vez maior, no estudo e nas realizações desta admirável doutrina — que é, inegavelmente, o

cristianismo redivivo.

TERCEIRA PARTE

38
ASPECTOS GERAIS

PREÂMBULO

É grande, realmente, a misericórdia do Pai permitindo estarmos presentes, muitos de nós, com a consciência espiritual despertada, a êste fim de século quando a humanidade, da qual somos parte, ultrapassa as fronteiras de um ciclo.

Três épocas houve, culminantes, na história espiritual do homem: a primeira quando, nos albores ainda dos tempos, se levantou da condição de animal para a de homem, adquirindo a faculdade da razão e a capacidade do livre-arbítrio; a segunda quando o Mestre desceu a êste orbe, num momento agudo de transição, para coroar sua obra de arquiteto divino, ensinando os preceitos da fraternidade universal e outorgando as leis morais evangélicas que devem reger a vida da espécie humana até o fim de seus dias; e a terceira, esta que vivemos hoje, quando os elementos todos da equação humana, aliados aos da própria natureza cósmica, se precipitam vertiginosamente para uma solução final; quando todos os povos se debatem nas últimas carnificinas e a besta humana, desembaraçada de suas ligaduras apodrecidas, campeia pelo mundo, emitindo seus últimos rugidos, antes que seja afastada dos caminhos, como incompatível com o advento de uma humanidade redimida; e quando, após horrorosas hecatombes cujos efeitos ainda por muitos anos convulsionarão a terra, o homem comparecer à presença do seu Senhor Divino para dar-lhe conta de suas tarefas e dos atos que até agora praticou.

É grande a misericórdia do Pai nos permitindo assistir ao epílogo de uma jornada evolutiva e ao nascimento de um novo ciclo; à morte do homem velho, saturado de materialidade e ao nascimento do homem novo, revivido de suas próprias cinzas, para as claridades de uma nova aurora.

Elevemos, pois, ao Pai os nossos corações para agradecer tudo aquilo que já recebemos e tudo o mais que nos há de vir nos dias vindouros, como frutos de sua bondade inesgotável.

REVELAÇÃO E MEDIUNIDADE

A revelação veio pela mediunidade, em tôdas as épocas da história e foi sempre progressiva, acompanhando a evolução dos homens.

Os fundadores de religiões foram médiuns, seja quando se inspiraram diretamente nas fontes da sabedoria divina, elevando-se até elas, seja quando se limitaram a transmitir aos homens ensinamentos que recebiam pessoalmente dos enviados do Senhor.

No século passado surgiu a revelação espírita, mais avançada que tôdas as anteriores, e que representa um desdobramento do programa dos Guias do Mundo.

Ela visa a sublimação das almas nos conhecimentos da verdade eterna e sua redenção pelas realizações do Evangelho do Cristo.

O que a distingue das demais é que não foi dada a um, mas a muitos, sendo acessível a todos, sem ostentação, restrições ou mistérios. Por isso é a única que tem, realmente, caráter universalista.

Os médiuns são, pois, os agentes materiais dessa revelação, como foram de tôdas as demais e seu trabalho continua a se desenvolver, cada vez com maiores amplitudes porque os Enviados, cada minuto que passa, aproximando os homens do têrmo final dêste ciclo, têm cada vez maiores necessidades dêsses porta-vozes humanos para o esclarecimento do maior número, antes que se ultime o julgamento periódico, o expurgo, durante o qual serão

êles selecionados, para que a humanidade suba um degrau na escada de sua evolução e êste planeta se renove.

O mundo material já está maduro, a matéria já está se desagregando e o trabalho é cada vez mais urgente, colocando os homens em face de um problema, impossível de ser resolvido a não ser às luzes do conhecimento espírita.

SITUAÇÃO DAS RELIGIÕES DOMINANTES

As atuais religiões em sua maioria mas, principalmente, as que se dizem cristãs, desempenharam seu papel segundo as épocas e as condições que lhes foram próprias mas, atualmente, a compreensão humana evoluiu a um ponto que não mais aceita o arcaismo das concepções que até ontem venerava.

Essas religiões, dogmáticas e materializadas, fracassaram tôdas; não foram capazes, porque se entregaram a Mamon, de espiritualizar os homens, e compreenderam, já, que estão se aproximando do fim do seu poderio. E assim como nada construiram de permanente, não permanecerão.

Incapazes de se adaptarem ao progresso e acompanhar, evoluindo, a marcha das coisas, agarram-se e continuarão a agarrar-se, obstinadas, a seus dogmas obsoletos e rituais espetaculares, na esperança ilusória de poderem assim sobreviver, como até aqui, dominando as massas com meias verdades.

Constatam que dia a dia perdem terreno e aumenta o número de seus vacilantes adeptos que desertam para engrossar as hostes da espiritualidade e nessa situação aúgustiosa estreitam e renovam suas seculares alianças com os poderes materiais do mundo, num conúbio mistificador que visa, como sempre visou, a subjugação das massas possuidoras ainda, em grande parte, de uma lastimavel e incrível ignorância religiosa.

* * *

Mas o ariete espiritual bate cada vez mais forte e mais insistente e vai aos poucos derruindo os alicerces dessas construções artificiais, levantadas na areia da transitoriedade.

Tudo oscila, estremece e palpita numa compreensão nova, ao sopro dêsse vento que "sopra onde quer", dessa luz que afasta tôdas as sombras, dessa esperança que renova todos os alentos.

E o próprio Oriente, tradicionalmente adormecido em seu eterno sono místico, já agora está despertando, sacudido por fôrças desconhecidas e de incrível poder, para que abandone seu silêncio e seu isôlamento, e ombro a ombro com os demais povos, se prepare para os novos tempos que surgem.

E inútil se torna tôda e qualquer resistência, daqueles que não querem receber a nova revelação porque, quando a verdade não pode entrar pela porta larga da inteligência, à claridade do dia, entra pelas frestas da construção, na calada da noite, surpreendendo os espíritos endurecidos nos seus redutos mais íntimos e mais caros.

Esse ariete, quando não é o sofrimento, é a mediunidade, porque ambos são irresistíveis e contra eles não valem os recursos mundanos, a ciência ou os formalismos religiosos, mas sõmente as virtudes que vêm de uma compreensão esclarecida, da humildade do coração e da submissão completa às leis do Criador.

REFORMA DA HUMANIDADE

O Espiritismo exige a reforma do mundo, nas relações dos individuos entre si e com a Divindade. Cada sêr humano, como célula que é do grande organismo social, desde que se reforme, em si mesmo, para melhor, concorrerá para a modificação do todo.

Até certo tempo somente determinadas filosofias e religiões, mas avançadas, cogitavam desse problema, encarando-o de um ponto de vista realizador; mas hoje isso é preocupação de muitos, por já haverem compreendido que a reforma é fator essencial do progresso do mundo.

Mas não será elaborando leis utilitárias de caráter social, econômico ou político, que o problema se resolverá, porque ele tem aspectos nítida e profundamente espirituais.

É necessário que o homem se instrua intelectualmente mas que, ao mesmo tempo, se aperfeiçoe moralmente, se eleve no sentimento, equilibrando seus atributos e isso, processos e leis de carater social, do ponto de vista humano, por mais hábeis e inteligentes que sejam, jamais o conseguirão.

E realmente não o têm conseguido. Os códigos legislativos humanos são imensos e no entanto, em séculos, a moral não avançou um passo, parecendo mesmo que retrogradou.

Mas, dizendo espiritualmente, não situamos o problema em nenhum campo delimitado, religioso, filosófico ou científico. O mundo possui e sempre possuiu religiões e filosofias e uma ciência que diàriamente evolui, surpreendendo e se apropriando aos poucos de segredos que a Natureza reserva ao homem, na medida de sua capacidade e de seu esfôrço; e, no entanto, a questão moral continua carente de solução, porque a ciência se nega a ultrapassar os limites da objetividade material e ridiculariza mesmo as realidades que estão além desse limite; as filosofias não se arredam no campo puramente especulativo e as religiões não abandonam o jogo confortável e ecoísta dos interesses mundanos.

O orgulho da inteligência obstinada nas coisas materiais e a falta de idealismo espiritual, é que trouxeram o homem a esta situação dolorosa e lamentável em que hoje se encontra, afastado cada vez mais do seu Criador, chacinando-se periódica e sistematicamente, e destruindo, em momentos de inaudita violência, sua própria e laboriosa construção de milênios.

Dizendo espiritualmente, pois, ao invés de restringir, ao contrário dilatamos o campo do conhecimento e das realidades a limites imensos porque o que é do espírito é integral, completo, universal e perfeito. E o campo espiritual a que nos referimos é aquele que leva a seguir as leis de Deus sôbre as dos homens nele entrando, harmoniosamente combinados e reciprocamente solidários, os três aspectos doutrinários que atrás citamos.

E a única doutrina que atualmente consegue realizar essa harmonização — concordância inegável de elementos aparentemente contrários — é a doutrina espírita que, sendo uma revelação, se bem que ainda parcial, de realidades cósmicas contém, nada obstante, em si mesma, todos os elementos essenciais ao progresso moral e intelectual dos sêres, neste atual ciclo da evolução planetária.

AGENTES DESSA REFORMA

O mundo se nos apresenta hoje sob um aspecto triste e desanimador, de uma parte dominado pela exaltação dos instintos inf eriores que desencadeou; de outra atemorizado pelo desconhecimento do seu destino de amanhã, tudo isso agravado por uma desoladora falta de esperança, de idealismo e de fé. Será um trabalho demorado e árduo promover sua reforma, modificando tantos elementos contrários e hostís.

Jogando unicamente com fatores essenciais e reiterando nossos conceitos anteriores, podemos dizer que só conhecemos dois elementos decisivos dessa realização: o sofrimento que, passando do campo individual, onde vem realizando há séculos um trabalho de resultados aleatórios, atinge agora a massa da humanidade, em busca de uma decisão coletiva; e as manifestações do chamado sobrenatural, de cujo campo a mediunidade é o pórtico.

Estes dois fatores são os únicos que têm autoridade para decidir a questão; o primeiro extinguindo a chama das paixões animais e domando o homem no seu orgulho estúpido; o segundo abrindo-lhe as portas do verdadeiro conhecimento espiritual e promovendo a confraternização até mesmo de vivos e mortos. O primeiro como agente do passado, resgatando dívidas cármicas que aplainam o caminho, regenerando, e o segundo, como elemento do futuro, aproximando os homens novamente de Deus.

Na solução dêste grande problema os médiuns entram como elementos de alto valor, tornando-se instrumentos hábeis de investigação no campo da inteligência e veículos de iluminação espiritual, no do sentimento.

Ser médium entretanto não quer dizer que a alma esteja agraciada por privilégios ou

conquistas feitas.

Muitas vezes pessoas altamente favorecidas com a mediunidade são todavia dominadas, subjugadas por entidades sombrias ou delinquentes, com as quais se afinam de modo perfeito, servindo, ao escândalo e à perturbação em vez de cooperar na extensão do bem.

APÓSTOLOS DE ONTEM E DE HOJE

Nos tempos apostólicos os discípulos eram enviados a espalhar os ensinos do Mestre por todos os caminhos do mundo então conhecido. Atinham-se ao que Jesus ensinara e cumpriam suas missões com devotamento e fé, porque estavam empolgados pelas realidades que presenciavam e sabiam que aqueles ensinos eram de salvação.

Sentiam-se gloriosos de serem artífices dessa transformação do mundo e deslumbrados pela compreensão da missão redentora do Messias.

Mas agiam na certeza de uma conquista imediata do reino dos céus, com a volta do Cristo para breves dias e não lhes ocorria nem cogitavam de que são necessários milênios para que a humanidade, nas suas primeiras etapas evolutivas, avance um milímetro. Não compreendiam que o Cristo voltaria, não nas nuvens do céu, nem no rumor do trovão, nem nas coisas exteriores, mas no coração de cada um, na intimidade de cada alma, no silêncio e na angústia de cada sofrimento, após séculos de luta tremenda contra suas próprias ímperfeições.

E o Mestre lhes recomendava: "Grande na verdade é a messe e poucos os trabalhadores. Olhai que eu vos mando como cordeiros entre os lobos. Em qualquer casa onde entrardes dizei primeiro que tudo: paz seja nesta casa. Curai os enfermos que nela houver e dizei-lhes: está a chegar a vós o reino de Deus. Mas se não vos receberem sacudi sôbre ela até o pó de vossas sandálias; porque o que a vós despreza a mim despreza e• despreza Aquele que me enviou.

E quando os discípulos se admiravam de poderem até mesmo sujeitar espíritos malignos, com a só pronúncia do nome do Mestre, este lhes acrescentava: "— de sujeitarem os espíritos malignos não é o de que vos deveis alegrar, mas sim de que os vossos nomes estão escritos nos céus».

Pois a situação do mundo tão pouco mudou, que o que o Mestre disse, há dois mil anos, está hoje, da mesma forma, de pé e deve soar aos ouvidos dos médiuns como advertências que a êles também se aplicam; pois que são os continuadores da mesma obra lançados, agora como então, em meio dos lobos, apóstolos modernos armados de semelhantes poderes espirituais, que caminham pelo mundo na mesma semeadura.

Ouçam, pois, essas vozes que soam de longe, tomem seu bordão e sigam para diante: onde quer que detenham seus passos, acendam aí suas lâmpadas e iluminem tudo em volta, com as claridades da mesma chama.

Discípulos do Cristo! Para que as ovelhas possam ser tôdas recolhidas ao aprisco antes que a noite chegue, com suas trevas e seus terrores. Acendam as suas lâmpadas e ofereçam a todos a sua paz; curem os enfermos nos seus corpos e nas suas almas mas digam-lhes:

chegou o tempo em que devemos glorificar o Pai no Filho e no Espírito; o tempo de apresentar o testemunho de nosso esfôrço passado; prestarmos contas de nossos atos e nos prepararmos para o julgamento.

Levantem suas lâmpadas bem alto para que a claridade inunde campos e cidades e a todos os que vierem a crer por sua interferência digam: somos todos náufragos perdidos neste pélago; esforcemo-nos por socorrer os que se debatem conosco nas ondas; porque nossa lei é a fraternidade.

Levantem suas lâmpadas e proclamem a verdade espiritual com destemor e humildade, porque estamos nos aproximando da hora em que tôda hesitação, tôda dúvida, anularão as possibilidades de um decisivo impulso para cima.

Mas, se não forem atendidos e suas palavras forem desprezadas, obedecendo ao que o Mestre recomendou, digam então: ai de vós que recusais o chamamento benévolo; as

trevas exteriores serão vossa morada e os esplendores dos céus não serão agora por vós partilhados: pois que as lâmpadas foram acesas e fugistes às suas claridades; palavras de boa vontade foram ditas e vossos ouvidos ficaram surdos; sentimentos de amor foram externados e vossos corações ficaram frios. Ai de vós, para quem a oportunidade passou!

O QUE SEPARA E O QUE UNE

Os apóstolos antigos agiam em uma sociedade em organização, ao passo que os de hoje o fazem em uma sociedade em desagregação; sociedade que ontem buscava apoios para se estabilizar e definir, quando hoje os procura, aterrorizada, para sobreviver.

É profunda a separação entre seus membros não só quanto ao conhecimento intelectual, como ao sentimento e, principalmente, ao caráter moral.

O giro dos séculos não levou para a homogeneidade mas, muito ao contrário, dia por dia aumentou a divisão e esta é a prova mais evidente e segura de que o homem se afastou de Deus, porque somente em tôrno de Deus se pode conseguir unidade.

Não se pode e nunca se pôde obter essa homogeneidade também porque, não havendo, como nunca houve, um ideal religioso que ligasse os homens entre si, a própria desigualdade de posição individual, na escala evolutiva, criava a separação.

Aliás o que se passa aqui deve ocorrer igualmente em muitas das habitações planetárias de natureza inferior pois, somente em mundos superiores, habitados por Espíritos já selecionados e libertos de paixões animais, poderá existir êsse equilíbrio tão desejado, de sentimentos e inteligência.

Mas, a despeito dessa heterogenidade, há pontos comuns que nivelam os homens, dentre os quais sobrelevam: a inquietação pela vida além túmulo, a atração pelo sobrenatural, o temor ao desconhecido e o anseio indefinível por êsse amanhã misterioso que mal se se esboça e tanto se dilui nas agitações, nas incertezas e nas amarguras desta vida encarnada.

Em virtude dêsses estados d'alma correm os homens ansiosamente perseguindo sombras evanescentes; curvam-se perante ídolos enganadores; desiludem-se a todo instante ante miragens religiosas engalanadas de cores brilhantes que por efeito de seu próprio atraso, ainda permanecem vivas no deserto torturado, como frutos maninhos de uma vegetação degenerada; alimentam-se de superstições grosseiras, na falta de verdades puras, mau grado o repúdio da faculdade da razão; vacilam, por fim, desamparados, num solo que flutua e estremece sob seus pés, sentindo que o arcabouço dos dogmas e das crenças herdadas de um passado morto, já não lhes é, como admitiam que fôsse, ponto de apoio, manancial permanente e farto de compreensão, de esperança e de fé.

Mas intuitivamente percebem que é no espírito e pelo espírito; que é rasgando o véu das exterioridades e das convenções caducas renegando o passado e afrontando o preconceito que encontrarão, finalmente, o caminho da segurança, da serenidade e da paz; as sendas verdadeiras que conduzem, segundo as promessas do Cristo, às moradas eternas, onde a verdade resplende sob o olhar misericordioso do Senhor.

No momento que vivemos o número dos que se voltam avidamente para os fatos e os problemas da vida espiritual é muito grande.

As barreiras religiosas, opostas há séculos, à marcha do pensamento, estão se derruindo em seus fundamentos, aos golpes arrasantes das manifestações do espírito.

Ninguém e nada poderá impedir essa mudança de direção e tôdas as mistificações e falsas verdades irão sendo desmascaradas, como desprezados aqueles que as pregam.

Verdades novas, que são velhas, estão agora tomando conta do firmamento, brilhando como sóis e resplandecem na Terra, no espelho vivo da mediunidade, pelas alavancas poderosas das faculdades do espírito. Somente por meio dessas faculdades poderão os homens sofredores devassar os arcanos dos mundos invisíveis antecipando um conhecimento que somente lhes viria, e em condições lastimáveis, após a morte.

39
A MEDIUNIDADE EM AÇÃO

Mas como poderão os médiuns realizar, de forma satisfatória, a tarefa ingente que lhes cabe?

Se o grau de evolução de todos os médiuns fôsse o mesmo, o problema se resumiria a condições puramente objetivas, mas, como tal não se dá, e justamente devido às diferenças, muitas vêzes profundas, que existem entre uns e outros, somente podemos responder apresentando regras de caráter geral, apontando circunstâncias de natureza e necessidade comuns; por outro lado neste particular deve-se ter em conta, também, o livre-arbítrio individual, as inclinações naturais de cada um e ainda a orientação, que todos devem receber, de seus próprios protetores espirituais.

O AMBIENTE ADEQUADO

Depois que tenha realizado o desenvolvimento de suas faculdades psíquicas, em círculos idôneos, deve o médium devotar-se, no ambiente que lhe fôr próprio, ao exercício pleno de sua relevante tarefa.

O desenvolvimento, como já temos dito e repetido, visa não só a livre e desembaraçada manifestação das faculdades mediúnicas, pelo treinamento e sujeição educacional a que o médium fôr submetido, como e principalmente, o aprimoramento moral que se consegue pelo refreamento das paixões inferiores e dos impulsos instintivos, como pela obtenção das virtudes que dignificam e exalçam a natureza humana.

Dêsse desenvolvimento, pois, surgirá o homem novo do Evangelho, armado de um alto idealismo, que imprimirá a todos os seus atos uma expressão de marcada espiritualidade.

O ambiente próprio será aquele que corresponda ao grau e a posição que o médium ocupa na hierarquia social, devendo-se evitar que se desloque dos meios de vida e das profissões usuais. O que desempenha papel modesto, em esfera humilde, aí mesmo é que terá melhores oportunidades de um trabalho proveitoso, porque nesse meio é que se sentirá mais à vontade, terá mais autoridade, agirá com mais desembaraço e será melhor compreendido.

Se um médium analfabeto, por exemplo, tiver que trabalhar para uma assistência de intelectuais, em se tratando de incorporação, consciente ou semi-consciente, os resultados serão medíocres e haverá, de parte a parte, incompreensões e constrangimentos; o mesmo entretanto não sucederá se o fizer em ambiente que lhe corresponda, quando, então, poderá realizar trabalho de grande proveito e de satisfação recíproca.

Ainda exemplificando: se um médium de alta capacidade trabalhar para uma assistência inculta e rude, será pouco compreendido e o trabalho não terá a desejada repercussão ou consequências.

Isto todavia não impede que os médiuns em geral possam atuar, como atuam, em quaisquer circunstâncias, independentemente dessas limitações que, como sabemos, não são radicais ou inibitórias; como principio, entretanto, acreditamos que os melhores resultados do trabalho mediúnico se obtêm quando êste é realizado em ambientes afins e concordantes com a posição e a capacidade intelectual e moral do médium.

FERMENTO QUE LEVEDA A MASSA

As grandes transformações do mundo não vieram de agentes materiais porque êstes, em si mesmos, nada constróem. Somente o espírito concebe e realiza. Por isso é imensa a fôrça da mediunidade, que é fôrça do espírito levando para as coisas do espírito.

Por outro lado não sendo ela privilégio de classes, de fortuna, de cultura ou de posição social, surge por tôda parte e a todo instante intervém na vida do homem, no sentido espiritual; acessível a todos os entendimentos abre suas portas a todos e está ao alcance tanto do pária como do soberano, porque não depende de formalismos, rituais ou regulamentos.

Não está sujeita ao homem mas sujeita o homem.

Nos tempos apostólicos os enviados do Cristo se deslocavam muitas vêzes a grandes distâncias, percorrendo caminhos ermos, vadeando rios caudalosos, afrontando as intempéries naturais e a dureza dos corações humanos e isso porque naquele tempo o conhecimento não era dado às massas e a revelação não se havia generalizado; mas hoje a propagação das mesmas verdades é feita por enviados que se movem no espaço invisível, que falam por porta-vozes humanos espalhados para tôda parte.

Por isso ninguém mais poderá alegar ignorância derivada do isolamento e os homens ou crêem ou deixam de crer, abraçam ou repelem a verdade, segundo sua própria vontade, e podem, em consequência, assumir completa responsabilidade dos seus atos.

* * *

Os médiuns são o fermento evangélico e sua tarefa é levedar a massa para que o alimento se torne saudável e de fácil assimilação.

Atuando primeiro em si mesmos, pela indispensável reforma, agem em seguida no círculo das famílias, parentes e conhecidos; depois movimentam-se em âmbitos cada vez mais amplos, com aspectos cada vez mais coletivos, ensinando, corrigindo, socorrendo, orientando e levam, por fim, sua ação benéfica a limites extensos e imprevisíveis.

Dificilmente se pode calcular a extensão e as consequências do trabalho de um bom médium!

Onde alcança e cessa o setor de um, começa o de outro e assim o movimento se propaga silenciosamente, imperceptivelmente, vamos dizer, subterrâneamente, atingindo grande parte da sociedade.

À medida que os dias se passam o número de médiuns aumenta:
milhares ainda aguardam a sua vez de entrar na liça e outros milhares estão ainda encarnando como reservas a serem utilizadas, oportunamente, na grande batalha da espiritualização da humanidade.

Os médiuns são auxiliares poderosos dessa espiritualização porque, em grande parte, ela resulta do próprio exercício de suas faculdades; são seus agentes legítimos por serem elementos naturais do intercâmbio com o mundo invisível; oferecem, assim, aos homens encarnados, viventes nas trevas ou na meia luz, as chaves mestras que abrem as portas do verdadeiro conhecimento espiritual.

Quando adquirirem faculdades evoluídas, que permitam contacto com os Espíritos superiores, se transformarão em colaboradores autorizados da harmonia social, concorrendo com seus conselhos para a estabilidade dos lares e das instituições, porque tomarão parte na educação e na moralização do povo suprindo, os Espíritos superiores que por êles falam, as deficiências próprias do Espírito humano encarnado.

Mas, para gozarem dessa autoridade, serem dignos de tais poderes, devem viver uma vida reta, orientada pela mais elevada moral porque, assim, o que se propagar será conforme a verdade, inspirará confiança, afastará confusões, duplicidades, charlatanismo, mistificações.

Dos Espíritos superiores é que poderão vir para o mundo as verdades maiores e as únicas autênticas.

Inserimos os seguintes conceitos do venerável Irmão Bezerra de Menezes:

"Mediunidade com Jesus é serviço aos semelhantes.

Desenvolver êsse recurso é, sobretudo, aprender a servir.

Aqui, alguém fala em nome dos espíritos desencarnados; ali, um companheiro aplica energias curadoras; além um cooperador ensina o roteiro da verdade; acolá, outrem enxuga as lágrimas do próximo, semeando consolações. Contudo, é o mesmo poder que opera em todos. É a divina inspiração do Cristo, dinamizada através de mil modos diferentes por reerguer-nos da condição de inferioridade ou de sofrimento ao título de herdeiros do Eterno Pai.

E nessa movimentação bendita de socorro e esclarecimento, não se reclama o título convencional do mundo, qualquer que seja, porque a mediunidade cristã, em si, não colide

com nenhuma posição social, constituindo fonte do Céu a derramar benefícios na Terra, por intermédio dos corações de boa vontade.

Em razão disso, antes de qualquer sondagem das fôrças psíquicas, no sentido de se lhes apreciar o desdobramento, vale mais a consagração do trabalhador à caridade legítima, em cujo exercício tôdas as realizações sublimes da alma podem ser encontradas.

Quem desejar a verdadeira felicidade, há de improvisar a felicidade dos outros; quem procure a consolação, para encontrá-la, deverá reconfortar os mais desditosos da humana experiência.

Dar para receber.

Ajudar para ser amparado.

Esclarecer para conquistar a sabedoria e devotar-se ao bem do próximo para alcançar a divindade do amor.

Eis a lei, que impera igualmente, no campo mediúnico, sem cuja observação, o colaborador da Nova Revelação não atravessa os pórticos das rudimentares noções de vida eterna.

Espírito algum construirá a escada de ascensão sem atender às determinações do auxílio mútuo.

Nesse terreno, portanto, há muito que fazer nos círculos da doutrina Cristã rediviva, porque não basta ser médium para honrar-se alguém com as bênçãos da luz, tanto quanto não vale possuir uma charrua perfeita, sem a sua aplicação no esfôrço da sementeira.

A tarefa pede fortaleza no serviço com ternura no sentimento.

Sem um raciocínio amadurecido para superar a desaprovação provisória da ignorância e da incompreensão e sem as fibras harmoniosas do carinho fraterno, para socorrê-las, com espírito de solidariedade real, é quase impraticável a jornada para a frente.

Os golpes da sombra martelam o trabalho iluminativo da mente por todos os flancos e imprescindível se torna aos instrumentos humanos das verdades divinas armar-se convenientemente na fé viva e na boa vontade incessante, a fim de satisfazer aos imperativos do ministério a que foi convocado.

Age, assim, como isenção de ânimo, sem desalento e sem inquietação, em teu apostolado de curar.

Estende as tuas mãos sôbre os doentes que te busquem o concurso de irmão dos infortunados, convicto de que o Senhor é o Manancial de tôdas as Bênçãos.

O lavrador semeia, mas é a bondade Divina que faz desabrochar a flor e preparar-se o fruto. É indispensável marchar de alma erguida para o Alto, vigiando, embora, as serpentes e os espinhos que povoam o chão.

Diversos amigos se revelam interessados em tua tarefa de fraternidade e luz e não seria justo que a hesitação te paralizasse os impulsos mais nobres, tão-somente porque a opinião do mundo te não entende os propósitos, nem os objetivos da esfera espiritual, de maneira imediata.

Não importa que o templo seja humilde e que os mensageiros compareçam na túnica de extrema simplicidade.

O Mestre Divino ensinava a verdade à frente de um lago e costumava administrar os dons celestiais sob um teto emprestado; além disso, encontrou os companheiros mais abnegados e fiéis entre pescadores anônimos, integrados na vida singela da natureza.

Não te apoquentes, meu irmão, e segue com serenidade.

Claro está que ainda não temos seguidores leais do Senhor sem a cruz do sacrifício.

A mediunidade é um madeiro de espinhos dilacerantes, mas com o avanço da subida, calvário acima, os acúleos se transformam em flôres e os braços da cruz se convertem em asas de luz para a alma livre na eternidade.

Não desprezes a tua oportunidade de servir e prossegue de’ esperança robusta.

A carne é uma estrada breve.

Aproveitemo-la sempre que possível na sublime sementeira da caridade perfeita.

Em suma, ser médium no roteiro cristão ‘é dar de si mesmo em nome do Mestre. E foi Êle que nos descerrou a realidade de que somente alcançam a vida verdadeira aquêles que sabem perder a existência em favor de todos os que se constituem seus tutelados e filhos de

Deus na Terra.

Segue, pois, para diante, amando e servindo.

Não nos deve preocupar a ausência de alheia compreensão. Antes de cogitarmos do problema de sermos amados, busquemos. amar, conforme o amigo Celeste nos ensinou.

Que Ele nos proteja, nos fortifique e abençoe."

PROGRAMA DE AÇÃO

Segundo a esfera a que pertencer e o modo de vida que lhe for próprio, organizará o médium seu programa de ação individual.

Em geral a mediunidade é exercida mecânicamente, passivamente, sem objetivo definido, pelos simples fato de existir. Mas isso é um erro. O médium deve saber por que é médium, que faculdades possui, limites de sua aplicação, consequências de sua ação, objetivos a atingir e responsabilidades que assume, tanto como indivíduo quanto como membro da coletividade.

Por isso, repetimos, organizará seu programa de ação tendo também em vista o necessário entendimento com o protetor individual.

Esse programa, como quer que seja, comportará os seguintes princípios de caráter geral:

1. Deveres sociais: O exercício mediúnico não deverá prejudicar os afazeres comuns, de ordem material. Muito ao contrário a responsabilidade como médium reforça a responsabilidade do dever para com a família e a sociedade; aumenta-lhe o devotamento, o escrúpulo e o rigor no cumprimento de suas obrigações mundanas porque daí é que lhe virá a estabilidade material, necessária às realizações do espírito.

2. Bens materiais. A pobreza, a carência de recursos e a renúncia a confortos comuns, não são condições necessárias à execução da tarefa mediunica (salvo quando estas circunstancias estão no quadro da provação individual) ; e enquanto os bens materiais não forem motivo de inquietação ou de atração para o espírito, podem ser utilizados livremente.

No exercício de suas tarefas não devem os médiuns manter, pois, apreensões quanto aos bens e recursos necessários à vida material, porque os protetores invisíveis prevém e provêm a todos os casos e, nada do que fôr necessário ou justo, será negado àquele que se devota ao trabalho de evangelização e de assistência espiritual a seus semelhantes.

Aqui é que tem aplicação, mais que adequada, a parábola de Jesus quando se referiu às aves dos céus e aos lírios do campo.

Entretanto há trabalhadores, como acima dissemos, que devem mesmo viver na obscuridade e na escassez, porque isso é o que lhes convém em face da tarefa que lhes cabe executar, de redenção própria. Nestes casos é preciso que haja, da parte do médium, além do esforço próprio, do campo mediúnico, humildade e paciência, no cumprimento da provação.

Devotem-se, pois, ao trabalho que lhes está determinado — que é o essencial — e não disputem com o mundo posses, títulos ou posições transitórias que, na maioria dos casos, só servirão para desviá-los de seus rumos.

3. Especulação: A mediunidade não pode ser comerciada. Todos conhecem a advertência de dar-se de graça o que de graça se recebeu.

Aquele que mercadeja com as coisas do espírito prepara para si mesmo um porvir de privações e terá que pagar, em futuras vidas miseráveis, cem por um daquilo que ilegitimamente auferiu.

Isso quer dizer, também, que é francamente condenável todo e qualquer processo de profissionalismo interesseiro, seja de médiuns, seja de dirigentes que, imitando práticas comuns de religiões materializadas, tentam viver ou, mesmo, vivem a custa da doutrina, como parasitas.

Lembremo-nos do Apóstolo dos Gentios que de suas mãos calejadas tirava o seu sustento material para não ser pesado às comunidades cristãs que ia fundando pelos seus caminhos.

4. Práticas inferiores: O "orai e vigiai" se aplica com propriedade a este título, porque é

orando e vigiando que o médium lutará por seu constante aperfeiçoamento, combatendo as influências impuras que o assaltarão a cada passo, nos contactos que forçosa-mente terá que manter com uns e outros.

Desses contactos não poderá fugir em suas relações de indivíduo para indivíduo mas o poderá em relação às reuniões coletivas que frequenta.

Se quiser manter seu equilíbrio mental, sua saúde física, sua pureza moral e sua capacidade mediúnica, deverá fugir dos contactos impuros, das reuniões de caráter inferior que envenenam o espírito, degeneram as faculdades, desorientam e perturbam.

Mais que quaisquer outros, deve fugir da macumba e dos terreiros e de todas as práticas que merecem essa qualificação, tenham os rótulos que tiverem, mesmo os do exercício da caridade, com os quais muitas vezes se mascaram.

São práticas perniciosas, herdadas de um passado de erro e de superstição, que não podem mais ser toleradas nos tempos atuais, salvo nos meios mais retardados da sociedade humana.

São uma mistura de africanismo, indianismo e catolicismo romano, e os agentes das manifestações são espíritos inferiores, habitantes das esferas mais baixa do astral.

Alimentar os homens com essas práticas é tirar-lhes a oportunidade de conhecerem ou cultuarem coisas melhores e mais altas.

Fujam pois os médiuns dessa baixa expressão de animalidade onde só se cogita de interesses pessoais, de ligações amorosas forçadas, verdadeiros atentados à lei do livre arbítrio; de arranjos financeiros muitas vezes impossíveis, de garrafadas muitas vezes venenosas, de alimentação de vícios repugnantes e de vinganças pessoais; dessas práticas malsãs, onde Espíritos materializados, incorporados em médiuns infelizes fumam dançam e bebem, dando livre expansão a seus instintos inferiores e arrastando em seus desvairamentos tanto médiuns como assistentes, ingênuos ou ignorantes, pervertendo-os, embrutecendo-os e comprometendo-lhes gravemente a integridade moral e a compreensão, em relação às verdades fundamentais da vida espiritual.

Essas práticas têm• se propagado enormemente em nosso país e em outros centros da vida civilizada, mormente naqueles em que predomina a descendência de raças primitivas, havendo regiões inteiras e até mesmo cidades famosas e adiantadas, que se deixaram dominar por elas.

É uma epidemia que vem se alastrando com auxílio da degeneração moral que atualmente impera no mundo, invertendo os valores espirituais, confundido a muitos e permitindo lastimável exploração em torno às altas verdades doutrinárias pregadas pelo Espiritismo verdadeiro.

Esta situação é em grande parte devida aos médiuns porque é por seu intermédio que os Espíritos inferiores realizam suas manifestações; mas os sacerdotes dos cultos negros terão suas atividades muito reduzidas se seu concurso lhes for negado.

Está nas mãos dos médiuns trabalharem para o bem ou para o mal, selecionarem suas atividades e os meios que frequentam; escolhendo um caminho reto ou tortuoso, colaborando com Espíritos atrasados ou adiantados, mas certos sempre de que colherão conforme semearem e serão responsabilizados pelo que deixaram de fazer.

Bastará que em cada centro exista um médium idealista e bem orientado para que o ambiente possa ser saneado de impurezas porque, por intermédio dêle, os Espíritos esclarecidos poderão ali descer e espalhar a luz, derrotándo as trevas. E, cada alma que assim se salvar por seu intermédio, será uma tocha que se acenderá, no dia da prestação de contas, para iluminar seu julgamento.

5. Respeito às leis: A sociedade humana se rege por duas ordens de leis: umas transitórias, mutáveis, falíveis, criadas pelos homens, visando a harmonia social, a ordem pública e o respeito relativo aos direitos individuais; outras, estabelecidas pelo Criador, permanentes e infalíveis, visando o aperfeiçoamento moral e o progresso evolutivo de todos os seres.

As primeiras são fruto da própria experiência humana e se baseiam em interesses materiais deste mundo, ao passo que as últimas resultam de sabedoria divina e se aplicam a todo o Cosmo.

Os médiuns devem ter em vista estas duas ordens de leis, dando á Cesar o que é de Cesar, para que possam viver em concordância com os homens e com Deus, visto não serem agentes de perturbações mas de harmonização, não de rivalidades mas de concórdia.

Como regra geral e no campo do espírito devem ter em conta, porém, que, tudo aquilo que contrariar as leis de Deus deve ser rejeitado, mesmo quando seja exigido pelas leis dos homens, porque o espírito deve prevalecer sobre todas as coisas.

6. Atitude ante o bem e o mal: O progresso espiritual se opera ao impulso de dois agentes potenciais: o bem e o mal. São princípios sempre antagônicos, o primeiro impelindo para a frente e para cima, como elemento acelador da evolução; o segundo atraindo sempre para trás e para baixo — como elemento retardador.

Desta ação antagônica resulta a espiral mística, representação geométrica do desenvolvimento evolutivo dos seres.

As forças do bem são evidentes por si mesmas, na Natureza e na consciência humana, pois traduzem harmonia e bem-estar; as do mal, todavia, são cavilosas e traiçoeiras, enganando constantemente por seus inúmeros artifícios. São as chamadas "forças ari-manicas" que confundem, desorientam e iludem os espíritos os mais atilados, tornando-se, por isso, extremamente perigosas.

Ambas, entretanto, exercem influência benéfica na evolução dos seres, porque é dos contactos com uma e outra que resultam a experiência e a aplicação sábia do livre arbítrio. Torna-se, pois, necessário conhecê-las bem e, nos conflitos que provocarem, os médiuns, mais que quaisquer outros, precisam saber distinguir a verdade do erro, para optarem pelo mais acertado.

Seus recursos para isso serão as preces, as meditações, o apelo aos protetores e, sobretudo a intuição, de todos o mais elevado e o menos suscetível de limitações ou dúvidas.

7. Necessidade do estudo: A possibilidade, sempre iminente, de poderem ser iludidos e influenciados pelos multiformes agentes dos planos espirituais inferiores; a responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros como propagadores de verdades transcendentes e orientadores da opinião; e a necessidade de preservação própria nos ambientes e condições diversas em que atuam, obrigam os médiuns a acrescentarem constantemente conhecimentos novos àqueles que porventura já possuam.

Por outro lado devem se manter ativos e conscientes, combatendo esse estado tão comum de passividade inerme, que os torna presas fáceis de forças, influências e entidades espirituais que, na maioria dos casos, desconhecem.

No mínimo precisam 'saber de que natureza são e qual a origem dos agentes que atuam sobre eles em dado momento; se são, por exemplo, larvas vitalizadas por pensamentos humanos; idéias do seu próprio subconsciente, ou de mentes estranhas agindo telepaticamente; seres elementares da natureza, elementais humanos, ou enfim Espíritos encarnados ou desencarnados de uns e outros, dos muitos planos do mundo espiritual.

Como se vê destas simples e ligeiras referências muitas coisas há a aprender para que possam agir com segurança, conhecimento de causa, para que possam se transformar em autênticos e autorizados intermediários; para se libertarem da ignorância e da superstição, que obscurecem o verdadeiro conhecimento, e para se emanciparem desse empirismo tão generalizado, que os transforma muitas vezes em agentes retardadores do esplêndido movimento espiritual, que está renovando o mundo e acelerando a evolução dos homens.

Sem a indispensável preparação física e moral não devem os médiuns tentar transpor as barreiras vibratórias que separam os dois mundos, invocando potências invisíveis de qualquer natureza para desenvolvimento de faculdades ou produção de fenômenos.

A lei das afinidades, nestes casos, provoca dolorosas surpresas, porque as respostas podem vir de forças e entidades dedicadas ao mal, com grave prejuízo para a integridade do médium.

Os que buscam fenômenos, batendo levianamente às portas do desconhecido, lembrem-se que a Natureza mesma representa um conjunto maravilhoso de fenômenos de toda ordem, que estão ainda por desvendar.

Isto quer dizer que a solução do problema espiritual humano não está na presenciação

de fenômenos, por mais interessantes que sejam, mas na obtenção de virtudes morais enaltecedoras.

Ser médium não é agir desvendando mistérios mas "servir", elevando-se gloriosamente para Deus.

A DOR COMO ELEMENTO DE PROGRESSO

O sofrimento do mundo aumenta cada dia que passa e aumenta porque os homens, até o momento, salvo as manifestações do sobrenatural, como já dissemos, são insensíveis a outro qualquer agente de progresso espiritual.

Este é um dos mundos de. sofrimento e a dor é a herança comum de seus habitantes.

Por ela o espírito é tocado, primeiro em seu sentimento, depois na sua inteligência e desse atormentamento contínuo resultam a compreensão da verdade, a humildade e a fé que, por fim, elevam, sentimento e inteligência conjugados, para o Alto, em busca de Deus, que é sempre a esperança que não morre.

Somente atingidos pelo látego da dor estacam os homens em sua desenfreada corrida para as ilusões da materialidade, do egoísmo e do orgulho.

Os cataclismos periódicos da Natureza, as convulsões sociais e as guerras, com seu inevitável cortejo de fome, peste e miséria econômica, que cada dia aumentam de intensidade e de extensão, são-nos exemplos vivos desta verdade.

A humanidade, sendo um só e único organismo, deve ser atingido em todos os seus elementos constitutivos e ninguém pode escapar às experiências necessárias ao aperfeiçoamento geral.

A missão social dos médiuns, em face destas circunstâncias, avulta sobremaneira porque nas horas de aflição é que, de preferência e instintivamente, os espíritos se voltam para as coisas de Deus. Devem pois se preparar, hoje mais que nunca, para o desempenho de uma tarefa tão profundamente humanitária.

Como instrumentos de poderes espirituais extraterrenos, exercerão a caridade na verdadeira acepção evangélica, levantando os ânimos abatidos, revigorando a fé nos destinos espirituais da vida humana, ensinando a paciência e a resignação aos corações afogados na dor.

Curando o corpo e a alma de seus irmãos aflitos restabelecerão a crença na fraternidade humana e nos diversos preceitos do amor universal.

OS TEMPOS SE PRECIPITAM

A humanidade evolui lentamente, colhendo os frutos de suas próprias experiências. Gerações se sucedem umas às outras, num esfôrço contínuo de solidariedade, quase sempre inconsciente, porém nem por isso menos real, recolhendo uns o resultado do trabalho de muitos.

Durante todo esse tempo imemorial vêm os homens construindo, morosa porém infatigavelmente, o edifício majestoso desta atual civilização.

Nesse período de lutas cometeram erros profundos e, sob o império das paixões inferiores prevalecentes, afastaram-se de Deus, glorificando a matéria inanimada.

A misericórdia divina porém é infinita; uma grande margem de tolerância sempre existe e a Providência está constantemente intervindo, corrigindo as falhas, orientando, amparando e trazendo o caminhante para o sulco, quase sempre indistinto, da verdadeira rota.

Mas tudo tem seu termo e chega, afinal o tempo em que os erros e as transgressões se imprimem na face do homem como um estigma de obstinação e rebeldia. Então a tolerância cessa, e os homens passam a ser julgados segundo seus próprios méritos, pelos códigos infalíveis do tribunal divino.

Esta humanidade está penetrando numa época de julgamento e tudo se vem precipitando para o fim, na terra, nos céus e nas almas envoltas em dolorosas conjecturas.

** *

Os médiuns são agentes vivos dessa precipitação, visto que colocam os homens diretamente em face de todos os problemas e fatos possibilitadores de redenção, oferecendo-lhes evidências e provas seguras das realidades da vida espiritual.

Esses problemas e fatos não podem mais ser ignorados e devem ser resolvidos individualmente, segundo o livre arbítrio de cada um e segundo o grau de compreensão que a cada um corresponda.

E a responsabilidade dos médiuns é dupla porque responderão como indivíduo e como detentores de faculdades de revelação.

NO TERCEIRO MILÊNIO

Na atualidade o Espiritismo apenas germina e só futuramente estenderá sua fronde, oferecendo sombra para todos. No momento está se enraizando e elaborando as primícias de sua fecundidade futura.

Os que por ele agora se batem são uma geração de construtores que ampliam os fundamentos de uma grande obra, superiormente iniciada por um grande Espírito.

O esforço desta geração, portanto, não resolverá o problema do mundo e limita-se únicamente a aproximar sua solução.

Assim como o Evangelho não foi praticado pelos homens em vinte séculos de tolerância divina, porque é lei para humanidades evoluidas, assim o Espiritismo não será praticado, nem mesmo compreendido, pela maioria dos que estão ‘aqui hoje.

É doutrina para homens de boa vontade e homens de boa vontade existem poucos. Por isso a solução a que nos referimos será dada pelos descarte, pelo selecionamento, coisa que não depende de nós, mas de Deus.

* * *

A uma grande massa de Espíritos está sendo concedida agora a mediunidade, para que se acendam no mundo todas as luzes da representação dos últimos atos do drama. Esta é pois a principal missão dos médiuns: disseminar a luz nas trevas para que todos a vejam; e os que, mesmo assim, não forem tocados por ela ou a rejeitarem, como a rejeitaram no tempo de Jesús, não voltarão mais à Terra nas próximas encarnações e irão habitar mundos inferiores.
E esses serão maioria porque o problema espiritual é qualitativo e
não quantitativo.

Mas os que se salvarem desta crise, habitarão um mundo renovado, como uma raça de vencedores que se conquistou a si mesma.

* * *

Outra verdade a dizer é esta: o Espiritismo, salvo a parte evangélica que é a lei para a eternidade, também passará por profundas modificações, tanto no seu entendimento como nas suas manifestações.

Nesse mundo renovado do terceiro milênio terá ele outros horizontes, outras perspectivas, outras amplitudes.

Haverá conhecimentos mais dilatados no campo do espiritualismo cósmico e sua prática não será mais condicionada à apoucada inteligência humana e às suas imperfeições intrínsecas, mas será a execução consciente e espontânea dos ensinos do Evangelho de Jesus, a comunhão com Espíritos mais evoluidos, habitantes de mundos superiores; prevalecerá a moral como lei soberana e a fraternidade como fato comum.

Os Espiritismo está também servindo à sua época, para a humanidade no estado inferior em que se encontra, mas, para os homens redimidos de amanhã, será um conhecimento muito mais amplo, uma realidade muito mais avançada.

Porque haverá uma quarta revelação, mas essa será dada somente àqueles que estejam

em condições de vivê-la, segundo os altos padrões espirituais dos mundos superiores.

E, de acordo com as promessas d'Aquele que para nós é o caminho a verdade e a vida, todos nós algum dia estaremos em condições também de vivê-la.

Que assim seja.

SINOPSE

I Parte – Mediunidade - *{Mistificação. {Arranjos – habilidades mecânicas – truques.
*{Ilusão. {Alucinação – sugestão.
*{Demoníaca. {Obras dos demônios.
*{Elementais. {Guinomos – silfos – fadas – gênios, etc.
*{Cascões Astrais. {Involtóreos semi-materiais destinados à decomposição (teoria dos teósofos). *{Loucura. {Anormais – produto de perturbação mental.
*{Emoção. {Teoria de Swendenborg – Desenvolvimento momentâneo.
*{Automatismo Psicológico. {Fenômenos do sub-conciente individual.
*{Força Psíquica. {Força especial e definida – magnetismo, fluido nervoso, causador dos fenômenos.
*{São Martinho. {Pela graça de méritos próprios, estabelece o médium ligações com a Divindade. *{Dom. {Derramado por Deus sobre uns e outros.
*{Batismo do Espírito Santo. {Virtude que baixará sobre todos aqueles que forem beneficiados pelo Espírito Santo.
*{Personismo. {Apropriação pela mente dos sensitivos do caráter de personalidade estranhas. *{Animismo. {Desdobramento de consciência do sensitivo, que se coloca fora do corpo físico. *{Teoria Espírita. {Faculdade possuída por certos indivíduos denominados médiuns, para servirem de intermediários entre os mundos físicos e espirituais.
Histórico. *{Regime Patriarcal. {Faculdades atribuídas a poucos com Reinado espiritual sobre os demais.
*{Colégios Sacerdotais. {Castas privilegiadas de inspirados.
*{Seitas e Fraternidades. {Na Índia, Pércia, Egito, Grécia e Roma, concedida por meio de iniciação.
*{Advento Espírita. {Documentação Bíblica. Popularização – o papel dos cientistas.
Sua Evolução. *{Evolução da mediunidade.{Evolui com a evolução do Espírito. Pela apuração da sensibilidade – manifestação progressiva de Deus aos homens por meio de sua criação em todos os pontos do universo. – Experiência terrena – se manifesta em todos os graus da hierarquia da criação.
Sensibilidade Individual.*{Sensibilidade Individual. {Mundo Físico – Hiperfísico. Involução – Evolução – Sintonia vibratória. Mediunidade, faculdade do Espírito, condição estático-vegetativa – estado dinâmico funcional.
*{Quanto à Natureza. {Natural de Prova – Conquista Individual. – Tarefa para Reajuste.
*{Quanto ao Médium. {Consciente. Semi-Consciente, Inconsciente. {Comunicações. {Orais, escritas.
*{Quanto ao Fenômeno. >{Lucidez. {Vidência, audiência, psicometria, intuição, sono e sonho.{Do sub-consciente reais. >Incorporação. >>{Parcial. {Transmentação psicografia desenhos, pintura, e etc. >>{Total. {Sonambúlica, letárgica, transfiguração. >{Efeitos Físicos. {Levitação, transporte, tiptologia, materialização, voz direta. = Correlatos. Desdobramento, bi-locação, bi-corporeidade, dupla personalidade, mediunidade curadora.
*Obsessões. {Externas, internas.
*{Na Intimidade do Processo. {1ª Fase Como se Processa o Desenvolvimento = {Saneamento da Aura Mediúnica. – Dissoluções das Placas Fluídicas. Afastamento das Interferências. – Harmonização Vibratória. {2ª Fase = Ação dos Protetores Invisíveis. – Equilíbrio Vibratório. – Influência da Vida Moral.
*{A Direção dos Trabalhos – Regras a Observar. {Quanto à Direção. Quanto à Assistência. Quanto aos Médiuns.
*{Atividades Conscienciais. >{Os Três Estados Conscienciais. {Consciente, sub-consciente,

super consciente. >{As Quatro Atividades Conscienciais. {Atenção, concentração, meditação, êxtase.
*{Modalidade de Trabalhos. {Efeitos Físicos, psicografia, vidência e audição.
*{A Doutrinação. {Precariedade dos Agentes, sentido geral da doutrinação, personalismo, o trato com os Espíritos.
*{As Comunicações. {Categoria dos Comunicantes. {Errantes, familiares obsessores, protetores, sofredores.
*{O Trabalho dos Guias. {O ambiente invisível, seus agentes e como se formam. A ação dos cooperadores.
*{Uma Prática a Seguir. {A organização de um sistema ideal. Vantagens e conseqüências.
*{Considerações Gerais. {Críticas desautorizadas. Campo da mediunidade natural. Limitações impostas à mediunidade de prova.
*{Verificações Iniciais. {Processos a empregar. Exame da aura mediúnica. Classificação das faculdades.
{Adaptação Psíquica. >{Efeitos das perturbações. Processo equilibrante. >{O ambiente. {Individual. Doméstico. De trabalho. Características do ambiente favorável. >{A corrente. {No que consiste, como se forma e como age. A boa-vontade. >{Os passes. >{Passes e radiações. {Processos e aplicações visando as curas. (*)
*{O Desenvolvimento. {Necessidade de sua metodização. Observações preliminares. Pacividade mediúnica. Regras a observar desde o início. Conjugação do trabalho. Hábitos a evitar. Preconceitos e constrangimentos prejudiciais.
*{Oportunidade do Desenvolvimento. {Épocas apropriadas e nocividade dos retardamentos. Maturação mediúnica.
*{Sinais Precursores. >{Incorporação. {Adormecimento. Fluídos. Idéias e impulsões prejudiciais. Entorpecimento – frio – rigidez. Alheiamento – esvaimento – vertigem. "Balonement". >{Lucidez. {Sonhos. Visões. Audições.
II Parte – Desenvolvimento Mediúnico *{Auxiliares Invisíveis. {Como se classificam e como agem. Vantagens de atendimentos recíprocos.
*{Ambientes Bons e Maus. {A conquista do ambiente favorável. Perigos a evitar. Recomendações aos médiuns.
*{Outras Regras. {Devoção e não Curiosidade. Concentração e Silêncio. Ordem e Disciplina. Auto domínio mediúnico. Intercâmbio com Espíritos Superiores.
*{Auto Aperfeiçoamento. {Palavras do codificador. Como realizá-lo Conselhos preliminares.
*{Falsos Profetas. {Quais são. Como agir. Como conhecê-los e evitá-los.
*{Conclusão. {Espiritismo religioso. Espiritismo filosófico. Espiritismo científico.
III Parte – Missão Social dos Médiuns. *{Aspectos Gerais. {Preâmbulo. Revelação e mediunidade. Situação das religiões dominantes. Reforma da humanidade. Agentes dessa reforma. Apóstolos de ontem e de hoje. O que separa e o que une.
*{Mediunidade em Ação. {O ambiente adequado. Fermento que leveda a massa. Programa de ação. A dor como elemento de progresso. Os tempos se precipitam. No terceiro milênio.

Fim